

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**LETRAS ELECTRÓNICAS: UMA REFLEXÃO SOBRE OS LIVROS
DIGITAIS**

Táisa Rodrigues Dantas

Dissertação de Mestrado em *Informação, Comunicação e Novos Media*
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra sob a
orientação da Professora Doutora Maria Manuel Borges e co-orientação do
Professor Doutor José António Cordón Garcia

Coimbra

2011

Sumário

Introdução.....	1
1. Sociedade, Informação e Edição	5
1.1 Primeiras teorias e conceitos históricos da Sociedade da Informação	5
1.2 Sociedade interativa e os constantes intercâmbios de conhecimentos	13
1.3 Livro: Gutenberg e seu início	15
1.4 Edição Eletrônica e os precursores do Livro Eletrônico	18
2. Livros Electrónicos.....	23
2.1 Conceitos de Livros Electrónicos	23
2.2 Suportes de Leituras para Livros Electrónicos	26
2.2.1 Tinta Electrónica	28
2.3 Evolução dos Suportes	30
2.3.1 Tablets	35
2.3.2 Formatos	38
2.3.3 Fortalecimento dos Livros Eletrônicos.....	41
3. Língua Portuguesa Além das Fronteiras.....	43
3.1 Portugal e o acesso à internet.....	43
3.2 Como a literatura portuguesa está disponibilizada virtualmente.....	45
3.2.1 Plataformas online ligadas a editoras de livros impressos	47
3.2.2 Plataformas de e-readers.....	55
3.2.3 Plataformas independentes e bibliotecas digitais	59
4. Universidade de Coimbra e os livros eletrônicos	65
4.1 A Universidade.....	65
4.2 Estudo de Caso	65
4.2.1 Objetivos	66
4.2.2 Definição do Universo	66
4.2.3 Desenho do inquérito.....	70
4.2.3 Análise dos resultados dos questionários	73
4.2.3.1 Caracterização dos inquiridos	73
4.2.3.2 Utilização da Internet.....	76
4.2.3.3 Relação com os livros electrónicos	78
4.2.3.4 Dispositivos de leitura	81
4.2.3.5 Hábito de leitura	83

4.2.3.6 Suportes digitais.....	85
4.2.3.7 Literatura lusófona.....	87
4.2.3.7 Bibliotecas digitais.....	88
4.2.3.8 Plataformas digitais.....	92
4.2.5 Conclusões do Inquérito	94
Conclusão	99
Anexo – Inquérito.....	103
Formulário Aplicado	103
Resultados: Questões Abertas	108
Referências Bibliográficas	125
Índice de Figuras	128
Índice de Tabelas.....	129

Tropeçavas nos astros desastrada
Quase não tínhamos livros em casa
E a cidade não tinha livraria
Mas os livros que em nossa vida entraram
São como a radiação de um corpo negro
Apontando pra a expansão do Universo
Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso
(E, sem dúvida, sobretudo o verso)
É o que pode lançar mundos no mundo.
(Livros – Caetano Veloso)

Agradecimentos

Este estudo representa mais do que o projecto de conclusão do mestrado em Informação, Comunicação e Novos Media pela Universidade de Coimbra. As páginas aqui compiladas representam um longo caminho percorrido nos últimos dois anos, um caminho que atravessou mares, rompeu fronteiras, desfez limites, um caminho que fez surgir uma nova paixão.

Para alcançar isso foi necessário, antes de tudo, acreditar e que muitos acreditassem e confiassem em mim. E a eles devo todo o meu agradecimento.

Aos meus pais, Francisco Alves Dantas e Ana Elizabeth Batista Rodrigues Dantas e aos meus irmãos e sobrinhos, Ícaro, Iris, Tiago, Lucas e Pedro. Que me deram a força que sempre precisei mesmo que tão distante, que confiaram e apoiaram as minhas decisões. Sem eles, sequer uma página teria sido escrita.

A Tim Kwoczek, meine Liebe, por me fazer acreditar em mim mesma, no amor e em tudo que posso conquistar por meio disto. Pelas palavras incentivadoras que são como luzes nos momentos mais confusos. Pela alegria compartilhada nos momentos de conquistas, pelo abraço amigo, por secar as lágrimas todas as vezes que me senti tão perdida. E, claro, pelo abstract deste trabalho.

A Dayse e Gibabrow pelo auxílio na organização e produção dos gráficos e consultoria em toda a estética das imagens e pela arte que ilustra a capa. A Nara pela revisão final, pelos comentários e pelas muitas risadas juntas, desde 2004. A Inara Rosas pela poesia que trouxe a minha vida e a esta dissertação, pela inspiração e pela amizade incondicional.

As amigas do lado de cá, Aline Serra e Janaina Pucci que me auxiliaram de todas as formas possíveis, nas burocracias e afins, abriram suas casas e seus corações sempre que precisei regressar a Coimbra, etapas necessárias e cansativas, mas que se tornaram muito mais bonitas quando vistas como mais um reencontro.

A todos os amigos que fiz cá em Coimbra e em Salamanca. Cada um com seu jeito e sua participação me ajudaram a me encontrar e tornaram muito mais simples sobreviver à distância e a saudade. E aos amigos que permanecem em João Pessoa que entre e idas e vindas me fazem esquecer a distância e me dão força pra conquistar o mundo, com a certeza que sempre posso voltar pro meu lugar. Espero que os que importam sintam seus nomes escritos aqui e perdoem pelo limite de caracteres que tenho.

Agradeço ainda aos dois grandes responsáveis por hoje eu ver nos livros electrónicos o meu novo caminho, uma nova estrada a ser conquistada, a Doutora Maria Manuel Borges e ao Doutor José Antonio Cordón Garcia. Mais do que professores e orientadores, ambos conseguiram me inspirar quando eu já não sabia para que lado seguir.

Muito Obrigada!

Aos Rodrigues Dantas

Ao amor, dedicação e suporte que transcendem oceanos

Resumo

Este estudo tem como tema central a evolução tecnológica pela qual passa atualmente o acesso à leitura, tendo como base a utilização dos livros electrónicos e dos dispositivos de leitura e como a sociedade vem se relacionando com os processos de mudança em relação à inserção destes recursos no quotidiano dos leitores.

A revolução tecnológica e os conceitos de Sociedade de Informação foram os pontos iniciais para compreender as novas tecnologias relacionadas à literatura, utilizadas como forma de ampliar o acesso a obras literárias, uma vez que a busca por informações na atualidade rompe as fronteiras físicas e se coloca em um acesso mundial. Para tal foi realizado o histórico das transformações vivenciadas nos últimos 40 anos, seguido do levantamento das tecnologias mais utilizadas atualmente no âmbito da leitura, bem como, o fluxo literário de publicações em língua portuguesa que se encontram disponíveis em formato electrónico nas plataformas online.

Em paralelo, a investigação também buscou entender como o utilizador reage a essas novas ferramentas, e como se dá a relação de duas vias, na qual uma corresponde à mudança no hábito da leitura, e a outra, na maior facilidade no acesso às obras literárias. Neste sentido a amostra da pesquisa se restringiu a comunidade académica da Universidade de Coimbra, especificamente o corpo discente, docente e bibliotecários das Faculdades de Letras, Psicologia e Ciências da Educação, Economia e do departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Palavras-chave: sociedade da informação, revolução tecnológica, livros electrónicos, dispositivos de leitura, literatura lusófona

Abstract

The central theme of this study is the current technological evolution in the access of literature, based on the use of electronic books and according reading devices and how society reacts to these transformation processes regarding the integration of these new features in the daily lives of the readers.

The technological revolution and the concepts of the knowledge-based society were the starting points for understanding these new technologies related to literature, used as a means of expanding the access to literary works, since the search for information today breaks physical boundaries and is accessible worldwide. To this end the history of the changes experienced in the last 40 years was briefly discussed, followed by an evaluation of the currently used reading technologies as well as the literary fluctuation of literary publications in portuguese that are available in an electronic format at online-based platforms.

In parallel, the investigation also sought to understand how the user reacts to these new instruments and how the change in reading habits on the one hand and the greater ease of access of literary works on the other relate to one another. This being said, the sample of the research was restricted to the academic community of the University of Coimbra, specifically the students, professors and librarians of the Faculty of Letters, Psychology and Educational Sciences, Economy and of the department of Computer Engineering of the Faculty of Sciences and Technology.

Key words: information society, technological revolution, electronic books, reading devices, lusophone literature.

Introdução

¡Qué pena de los libros
que nos llenan las manos
de rosas y de estrellas
y lentamente pasan!
(Federico García Lorca, 1918)

A experiência da leitura transcende o que compreendemos apenas como a decodificação de um texto impresso. Ler é decodificar, interpretar, compreender, mas é também experimentar vivências em espaços desconhecidos, compartilhar conhecimentos.

A prática da leitura é para muitos um acto sagrado, intocado e imutável. Desde as primeiras edições resultantes da tipografia de Gutenberg (1442) e da popularização do livro impresso, ler é a união das letras, do papel e da imaginação do leitor que cria, em uma relação silenciosa com o autor, diversos significados para o texto.

O registo da história e do conhecimento humano sempre fez parte dos interesses das sociedades, das mais antigas as mais modernas, utilizando diversas ferramentas para este fim. O livro é um objeto que representa mais do que folhas conectadas entre si, é um modelo de publicação que agrega uma “entidade psicológica e física” (Casati, 2001 apud Armstrong, 2008, p. 3).

No século passado ocorreu uma série de modificações nas estruturas sociais, em diversos aspectos. A Revolução Tecnológica iniciada na década de 60, com a criação da Internet e a evolução dos computadores, fez com que o nosso cotidiano sofresse mudanças, a forma como nos comunicamos, como realizamos atividades bancárias, como pesquisamos, como utilizamos nossos momentos de ócio, ou mesmo, como interagimos uns com os outros.

Enquanto nas últimas quatro décadas, testemunhamos a transformação dos computadores, e dos mais diversos dispositivos electrónicos, em itens de consumo básico, os livros impressos, para muitos, pareceu permanecer intocado.

Dentro do mundo no qual a informação é o centro, a Internet acabou por se tornar um dos seus pilares principais. “A Internet tem uma força incrível. Consegue espalhar informações para os quatro cantos do mundo, sem que a força de fronteiras detenha o poder avassalador da escrita” (Darnton, 2010). Tal citação, expressa pelo historiador norte-americano Robert Darnton define de forma simples a realidade atual: o universo das letras navegando e sendo levado pelo já grandioso universo do mundo digital, proporcionado pelo poder de alcance da Internet.

Em 1971, Michel Hart, da Universidade de Illinois (EUA) criou o primeiro projecto que unia informação, livros e Internet, o Projecto Gutenberg. A iniciativa de Hart fez com que se começasse a vislumbrar uma nova possibilidade da Internet, a de armazenamento e

compartilhamento digital de livros já publicados. Desta forma, a Declaração de Independência dos Estados Unidos digitalizada pelo Projecto Gutenberg pode ser considerada o primeiro livro electrónico da história.

Na sequência da Projecto Gutenberg, várias outras iniciativas foram realizadas, e o que parecia inviável começou a ganhar forma e adeptos. Os livros impresso não perdem a sua importância, nem todos os seus status, mas começa a dividir interesses e investimentos, e principalmente na última década, podemos acompanhar a estruturação dos *e-books* e sua posição de instrumento para compartilhamento e armazenamento de publicações no universo das letras electrónicas.

O período em que nos encontramos representa a transição no qual passa a sociedade atual, vislumbrando a introdução dos livros electrónicos no cotidiano das pessoas comuns. Compreendendo isto, este trabalho busca levantar até que ponto as novas tecnologias aliadas a Internet na Sociedade da Informação resultou na relação que fazemos atualmente entre os meios digitais e os livros, quais elementos tecnológicos estão sendo integrados ao cotidiano dos leitores e que mudanças causam às formas e ao acesso à leitura.

Apesar de entender o universo globalizante impulsionado pelas novas tecnologias, este estudo faz uma ponte e destaca o universo da edição electrónica em Portugal. Desta forma, justificamos tal análise como forma de cumprir uma lacuna existente no tocante ao estudo dos livros electrónicos e os leitores portugueses, introduzido em um contexto geral.

Esta pesquisa tem como objetivo geral realizar um estudo dissertativo de carácter qualitativo, exploratório e descritivo acerca das definições e do panorama dos livros electrónicos em Portugal. Para tal, buscamos destacar quais as inovações tecnológicas que ocorreram até chegarmos ao conceito actual de *e-books*. Quais os instrumentos estão sendo utilizados na atualidade para a leitura dos livros electrónicos, a forma como estão sendo disponibilizadas as obras eletrônicas em Portugal e como tem sido recebida e projetada em médio prazo para a leitura por meio dos meios digitais pela comunidade académica das Faculdades de Letras, Economia, Psicologia e Ciências da Educação e ao Departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Como objetivos específicos, destacamos:

- Observar as transformações relacionadas aos livros a partir da revolução tecnológica;
- Identificar as principais ferramentas tecnológicas que estão sendo utilizadas atualmente para a leitura dos livros electrónicos;
- Descrever e analisar as principais plataformas digitais que disponibilizam livros electrónicos em Portugal;
- Verificar como os leitores se relacionam os livros electrónicos.

Buscando contextualizar historicamente, neste trabalho foi realizado um panorama das evoluções sociais recentes, tendo como marco histórico inicial a década de 60, onde na altura teóricos como Fritz Machlup, Peter Drucker, Hebert Schiller, entre outros, iniciaram os estudos sobre o novo modelo social que estava a surgir, definido como Sociedade da Informação, até os dias atuais, alcançando as teorias de Sociedade em Rede estabelecidas por Manuel Castells. Para tal foi utilizado como referência os estudos realizados por Rosário Osuna Alarcón (2011), Pierre Levy (1999) e do próprio Castells (1999).

Para além do levantamento sociológico, foi realizado o equivalente em relação à evolução histórica do livro, e aos suportes que levaram ao surgimento das publicações electrónicas, desde as obras de referência até o que atualmente definimos como *e-books*. Neste sentido, tomamos por base autores como Asa Briggs e Peter Burke (2002), Rosa Maria Blasco (2011) Maria Manuel Borges (2002), José Afonso Furtado (2007 – 2008) Chris Armstrong (2008), José Antonio Cordón Garcia e Julio Arévalo Alonso (2010), Jonh Feather (1996), Jorge M. Martins (1999) e Magda Vasileiou e Jennifer Rowley (2008).

Os estudos recentes realizados por José Antonio Cordón Garcia, Raquel Gómez Díaz e Julio Alonso Arévalo (2011) foram a linha-mestre na etapa de análise e descrição dos suportes electrónicos utilizados para a leitura dos *e-books*, assim como os de Gustavo Cardoso possibilitou uma contextualização deste estudo com a realidade portuguesa de utilização da Internet e da informação electrónica.

Esta investigação está organizada em três partes: teórica, explorativa e analítica. O primeiro e o segundo capítulos foram dedicados à seleção e revisão bibliográfica relevante sobre o tema em análise. A primeira parte esteve orientada pelas teorias sobre sociedade, informação e o universo da edição, a partir do surgimento da tipografia de Gutenberg até as primeiras atividades em torno da publicação electrónica. A segunda parte foi dedicada a definição do termo *e-book*, bem como foi realizada uma atividade exploratória sobre os dispositivos de leitura e os formatos destinados aos livros electrónicos na atualidade, mesmo levando em consideração a afirmativa de Vasileiou & Rowley (2008, p. 364) de que os “E-books are at a relatively early stage of development. There is therefore considerable scope for further research in relation to both the resolution of a consensus definition of e-book, and more widely in relation to the development of the use and adoption of e-books”.

A segunda parte da pesquisa correspondeu a exploração da relação de Portugal e a leitura electrónica. Tendo sido feito inicialmente uma análise sobre a introdução da Internet no cotidiano português, seguido do levantamento de como está disponível a literatura portuguesa em ambientes virtuais. Para tal, foram utilizadas as plataformas digitais de mais destaque na atualidade e analisado como estão disponibilizando os *e-books* aos seus usuários. Nesta análise foi levado em consideração variáveis como formatos em que estão disponíveis, dispositivos de leituras que suportam, como é feita a oferta (gratuita ou paga) e área de disponibilidade.

A terceira e última parte deste estudo é resultado da aplicação de um inquérito em linha junto aos estudantes, professores e bibliotecários das Faculdades de Letras, Economia, Psicologia e Ciências da Educação e ao Departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Este inquérito foi aplicado por meio do suporte *e-encuesta.com* no período de 02 de junho à 12 de julho do presente ano. O objetivo principal da realização do questionário era responder as dúvidas no tocante a como os livros electrónicos estão sendo recebidos pela comunidade, o que é esperado a médio prazo e se de fato existem tabus no que concerne aos hábitos atuais de leitura e a introdução desses novos meios.

Inicialmente foi pensado a realização desta investigação atingindo toda a sociedade, porém, por razões estruturais foi preferível restringir o universo da pesquisa as Faculdades citadas, o que por fim, resultou em um análise válida e possível de ser enquadrada como um panorama dos hábitos de leitura de parte dos portugueses, que hoje têm acesso aos diferentes sistemas de informação.

A análise dos dados coletados no inquérito foi realizada tomando por base o estudo feito por Maria Manuel Borges na tese de doutoramento *A esfera: comunicação académica e novos media* (2006). Tentamos estruturar de forma detalhada todas as etapas realizadas, desde o desenho à cada questionamento do inquérito, buscando situar a investigação no universo da Universidade de Coimbra agregando ao universo dos livros electrónicos.

A principal dificuldade encontrada neste estudo foi a falta de bibliografia e estudos demográficos sobre Portugal e a relação especificamente com *e-books* e *e-readers*. Atualmente já existem estudos relativos a inclusão digital, mas ainda é muito recente as atividades relativas aos livros electrónicos, fazendo com que muitas vezes temos utilizado pesquisas realizadas em outros países, como comparativo.

Apesar da sua primeira aparição ter acontecido em meados dos anos 70, com a iniciativa do Projecto Gutenberg, foi nos últimos dez anos que os livros electrónicos passaram a se estabelecer e criar sua própria cadeia, de criação, distribuição, venda, acesso e uso. A Sociedade da Informação presupõe uma relação muito próxima aos meios digitais e facilitadores do acesso ao conhecimento, porém sabemos que costumes, hábitos e tradições não se transformam em um curto período de tempo.

Hoje já podemos observar os livros electrónicos como uma realidade e uma opção em crescimento. Este estudo não tem objetivo de alcançar conclusões que remeta ao fim dos livros impressos. Muito pelo contrário, a intenção é estabelecer um linha do tempo que nos leve a entender como chegamos até onde estamos e apartir da exploração dos meios digitais que temos e vislumbrar as possibilidades para o futuro do livro electrónico, convivendo em paralelo com o livro impresso. Bem como, traçar o perfil dos leitores ou potenciais leitores de *e-books* e suas expectativas em relação a esse tipo de publicação, resultado do inquérito aplicado.

1. Sociedade, Informação e Edição

1.1 Primeiras teorias e conceitos históricos da Sociedade da Informação

“Nada es axiomático, excluyente y todo es relativo. Todos cabemos en la Sociedad de la Información” (Osuna Alarcón, en prensa). Diante de um contexto de reestruturações sociais, revoluções culturais, divisões econômicas, um novo universo tecnológico a ser descoberto, um mundo em transformação. O fim da década de 60 e a década de 70 do século XX podem ser consideradas o início de novos horizontes, de um novo conceito de sociedade, a Sociedade da Informação.

Até meados dos anos 60, a sociedade ainda vivia sob o reflexo da revolução industrial iniciada na Inglaterra do século XVIII e que impôs ao mundo durante o século XIX e parte do século XX um modelo social e econômico que tinha nas suas bases as indústrias, sendo estas organizadas sob as normas do capitalismo industrial.

Do mesmo modo como se deu diante de transformações anteriores, foi primeiramente por meio das transformações econômicas que vinham acontecendo que se iniciou a observação da transição que ocorreu na altura, de uma sociedade industrial para a sociedade informacional.

Las manifestaciones convulsas de la economía fueron las primeras en evidenciarse, pero pronto se puso en manifiesto que estábamos ante algo mucho más profundo, una verdadera mutación, una etapa de insospechados cambios y novedades se abría ante nosotros. Es a partir de entonces cuando se empieza a analizar el fenómeno desde muy diferentes sectores de actividad y se universaliza su nombre como Sociedad de la Información (Osuna Alarcón, en prensa, p. 1)

Desta forma, os primeiros teóricos a formalizarem o conceito e a nomenclatura *Sociedade da Informação* eram focados em aspectos econômicos, alguns inclusive já no início da década de 60. A primeira publicação na qual vem citada a expressão faz parte do livro *The production and distribution of knowledge in the United States*, do autor Fritz Machlup, publicado em 1962¹.

Machlup inicia sua teoria em torno da Sociedade da Informação depois de perceber o forte impacto que a indústria do conhecimento causava dentro do produto nacional bruto de diversos países europeus, mesmo esse fato ainda precedendo os maiores impulsores da estruturação da Sociedade da Informação, que surgiram no que foi definido posteriormente como revolução tecnológica.

Machlup evolucionó los datos mostrando que la industria del conocimiento representaba casi 29 por ciento del producto nacional bruto los EE.UU y que el 43 por ciento de la

¹ Cf. Osuna Alarcón (2011)

fuerza laboral civil consistia en transmissores de conocimiento o receptores de conocimiento a tiempo completo. De hecho, la proporción de la fuerza de trabajo que participan en la economía del conocimiento había aumentado de 11 a 32 por ciento entre 1900 y 1959, un cambio fenomenal.” (Princeton University, Títulos del Centenario, 2010 apud Osuna Alarcón, 2011, p.4)

Depois da teoria estabelecida por Machup, outros autores também iniciaram suas análises e observações acerca das transformações que estavam acontecendo em toda a sociedade. Apesar de diferentes análises e perspectivas, relacionados a diferentes campos sociais, todos tiveram a compreensão comum de que as tecnologias que faziam uso da informação estavam sendo capazes de quebrar conceitos capitalistas históricos, passando para trás a importância que tinha as indústrias e dando à informação um valor central dentro do sistema e no que concerne as transformações sociais, “la Sociedad de la Información, en la que los factores claves pasan a ser el conocimiento y la innovación” (Osuna Alarcón, en prensa).

Dentre os teóricos da atualidade é importante ressaltar o trabalho do sociólogo espanhol Manuel Castells, tendo como obra mais significativa entre as suas publicações a trilogia: Sociedade em Rede - A Era da informação: Economia, sociedade e cultura, publicada entre os anos de 1996 e 1998. Os livros buscam mostrar de uma forma ampla todos os aspectos que vêm sendo interferidos e modificados pelo uso das tecnologias da informação e comunicação, as TICs, na sociedade atual. Porém é interessante ressaltar que Castells não apenas faz uma releitura dos acontecimentos, mas cria novas significações e inclusive uma nova denominação para a estrutura na qual nos encontramos, definida por ele como Sociedade em Rede. Contudo, além da nomenclatura criada por Castells, outras nomenclaturas surgiram e continuam a surgir para referir a atual conjuntura social e econômica em que vivemos:

Es preciso señalar que a pesar de que en los últimos años se ha generalizado el uso del término de Sociedad de la Información para referirse a todo este proceso de cambios, también han proliferado otras denominaciones como Sociedad de Servicios, Nueva Economía, Economía Digital, Economía de la Información, Economía Ligera, Sociedad Digital, Sociedad Red, Sociedad Global, Sociedad del Conocimiento, entre otras. Es completamente evidente que estos enfoques no son contradictorios sino complementarios, por más que cada uno de ellos permite poner de manifiesto alguna característica concreta de la sociedad em que vivimos (Osuna Alarcón, en prensa, p. 6)

Independente da nomenclatura a ser utilizada, o que é interessante observar é o que de cada uma agrega no tocante a definição da sociedade atual e as diferenciações com as anteriores.

Todas as sociedades sofreram transformações ao longo da sua história sendo elas por distintas motivações. Em “Escritura, tecnologías y sociedad de la información”, Rosa Maria Blasco afirma que “lo que varía es la rapidez, el ritmo de su evolución” (Blasco Martínez, 2011, p. 9). Sendo assim, podemos compreender que ao contrário do que é possível observar em

relação à revolução industrial e ao longo tempo que foi necessário para a sua expansão a nível mundial, a revolução tecnológica dentro da Sociedade da Informação possui a capacidade de expansão em larga escala e em um curto espaço de tempo, o que é uma das suas características mais fortes.

Ainda de acordo com Rosa Maria Blasco “a veces la aceleración se produce como consecuencia de la introducción de una técnica, hasta entonces desconocida, que altera, modifica y acaba por transformar las pautas normalizadas de la etapa precedente.” (Blasco Martínez, 2011, p. 9). Destaca-se assim a razão pela qual as transformações são tão velozes na Sociedade da Informação: é porque encontramos como sustentáculo as descobertas na área da tecnologia. Tais descobertas tiveram como consequência alterações na maneira de viver, transformando hábitos sociais, melhorando a comunicação a longa distância e ampliando o fluxo de conhecimentos, entre outros, e que ultrapassa os limites econômicos e permanece em contínua atividade:

The revolution which began in the 1970s and is not yet complete has been at once less obvious and more far-reaching than a mere change in a regime or even than in a whole political system. It has been a revolution in our way of living, which, directly or indirectly, has affected every human being on the planet (Feather, 1996, p. 1).

As descobertas na área da tecnologia ocorridas no último século se mostraram mais do que a produção e descoberta de novos instrumentos de trabalho, ou de uso comum, por isso acabou por ser definida por muitos teóricos como revolução tecnológica:

No fim do segundo milênio da Era Cristã, vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado (Castells, A sociedade em rede - vol. 1, 1999, p. 39).

Ainda em relação à transição da Sociedade Industrial para a Sociedade da Informação e a dualidade entre os modos de desenvolvimento², Castells propôs em sua teoria as seguintes diferenciações, usando os termos industrialismo e informacionalismo:

Cada modo de desenvolvimento tem, também, um princípio de desempenho estruturalmente determinado que serve de base para a organização dos processos tecnológicos: o industrialismo é voltado para o crescimento da economia, isto é, para a maximização da produção; o informacionalismo visa o desenvolvimento tecnológico, ou seja, a acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade do

² Manuel Castells no livro “Sociedade em Rede” faz a diferenciação entre modos de produção e modos de desenvolvimento dentro das sociedades. Considero válido destacar que com relação os modos de produção, o autor destaca o capitalismo e o estatismo, portanto, os modos pelos quais a sociedade organiza sua produção e distribuição de bens, uma controlada pelo capital, outra pelo estado. E em relação aos modos de desenvolvimento, este faz referência ao instrumento pelo qual as sociedades realizam suas produções, nomeadamente industrialismo, centralizado nas indústrias e informacionalismo, com base na informação. Sendo, segundo Castells “essencial para o entendimento da dinâmica social, manter a distância analítica e a inter-relação empírica” (P.51) entre modos de produção e modos de desenvolvimento.

processamento da informação. Embora graus mais altos de conhecimentos geralmente possam resultar em melhores níveis de produção por unidade de insumos, é a busca por conhecimentos e informação que caracteriza a função da produção tecnológica no informacionalismo (Castells, 1999, p. 54).

Em outra oportunidade Castells (Castells & Cardoso, 2005) afirmou que “conhecimento e informação foram centrais em todas as sociedades historicamente conhecidas”, porém o que surge como novo “é o facto de (as tecnologias da informação e da comunicação) serem de base microeletrônica, através de redes tecnologias que fornecem novas capacidades a uma velha forma de organização social: as redes”. (Castells & Cardoso, 2005, p. 17)

Diversos fatores podem nos levar a definir uma sociedade enquanto Sociedade de Informação. De acordo com William J. Martim (1995) e Frank Webster (2006) (apud Osuna Alarcón, 2011, p.10) os principais deles seriam os fatores tecnológico, econômico, ocupacional, espaço- tempo e cultura;

Com relação ao fator tecnológico, Osuna Alarcón (2011) assinala como sendo o grau de emprego das TIC essencial para identificar uma sociedade da informação em virtude de “el fator tecnológico utilizado em las actividades de información ha hecho posible el procesamiento, almacenamiento, recuperación y transmisión de información em todo los âmbitos de la sociedade”, atividades comuns numa sociedade dita informacional.

Apesar de ser de imensa importância o emprego das TIC dentro da Sociedade da Informação também é extremamente complexo medir qual o grau de alcance dessas ferramentas dentro da sociedade, compreendendo que apesar de possuírem grande capacidade de penetração, ainda existe um elevado nível de disparidade na sociedade atual, impedindo desta forma de analisar o fator tecnológico como fator preponderante, ou único, ou até mesmo uniforme, para distinguir uma sociedade como sendo de informação ou não.

Osuna Alarcón define a lacuna existente entre a inserção ou não das TIC em uma determinada sociedade como sendo “brechas digitais”. Essas brechas vão desde a não utilização das TIC à sua má utilização. Como o caso de países sub-desenvolvidos que não têm acesso algum a tecnologia e outros que condicionam o uso das tecnologias a liberação do Estado. Este segundo caso, teoricamente poderia ser considerado como estados inseridos na Sociedade da Informação, pois possuem tecnologias e ferramentas ligadas as tecnologias da informação, porém por imporem aos usuários limites ao acesso a informação acabam criando brechas e desviando-se dos objetivos de um sociedade informatizada.

O fator econômico que se enquadra como diferenciador de uma sociedade industrial para uma sociedade da informação é quando as indústrias que servem de base para a economia deste estado estão diretamente ligadas à informação, observando a informação e a globalização como criadores de riqueza e tendo considerável contribuição ao Produto Interno Bruto (PIB) desses países (Osuna Alarcón, en prensa).

Fritz Malchulup (apud Osuna Alarcón, 2011, p. 11) indicou cinco áreas que devem ser analisadas na “economia do conhecimento” de uma sociedade dita da informação, são elas: educação, escolas e bibliotecas; meios de comunicação (radio, televisão e publicidade); indústria electrónica e de componentes (equipamentos de informática, instrumentos musicais, etc); outras atividades de informação (investigação, desenvolvimento e inovação).

O fator ocupacional relaciona os novos campos de trabalho que passam a ser maioria dentro da Sociedade da Informação. Enquanto nas sociedades industriais a força física e os trabalhos manuais eram primordiais, na Sociedade da Informação os campos ligados ao conhecimento passam a ser grande maioria, isso em virtude da grande revolução tecnológica que cria consigo novos recursos de auxílio ao trabalho humano, indicando que o conhecimento e a informação passam a ser as fontes de riqueza. Ainda relacionado à nova realidade ocupacional Manuel Castells (1999) correlaciona essas transformações com o novo mercado que surge na Sociedade da Informação, acrescentando que:

As novas tecnologias permitem a transformação das linhas de montagem típicas da grande empresa de unidades de produção de fácil programação que podem atender às variações do mercado (flexibilidade do produto) e das transformações tecnológica (flexibilidade do processo) (Castells, 1999, p. 212).

O fator espaço-tempo dentro de uma Sociedade da Informação cria uma nova dimensão o que alguns autores definem como “mundo virtual” ou “realidade virtual”. Manuel Castells define essa nova relação como espaço de fluxos e tempo intemporal, sendo eles:

As bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade (Castells, 1999, p. 472).

Esses fluxos, a que se refere Castells, seriam “sequências intencionais, repetitivas e programáveis de interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômicas, política e simbólica das sociedades”. O autor afirma ainda:

Nossa sociedade está construída em torno de fluxos: fluxos de capital, fluxos de informação, fluxos de tecnologia, fluxos de interação organizacional, fluxos de imagens, sons e símbolos. Fluxos não representam apenas um elemento da organização social: são a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica (Castells, 1999, p. 501).

Já com relação à teoria do tempo intemporal Castells destaca:

Esse tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado nas sociedades em rede, em um movimento de extraordinária importância histórica. No entanto não estamos apenas testemunhando uma relativização do tempo de acordo com os contextos sociais ou, de forma alternativa, o retorno à reversibilidade temporal como

se a realidade pudesse ser inteiramente captada em momentos cíclicos (Castells, 1999, p. 526).

O que podemos observar nas Sociedades da Informação é uma aceleração constante do tempo, o que James Gleick define como “um empenho incansável de comprimir o tempo em todos os domínios da atividade humana” com a análise de que “comprimir o tempo até o limite equivale a fazer com que a sequência temporal, e, por conseguinte, o tempo, desapareça”, e ainda que “a libertação do capital em relação ao tempo e a fuga da cultura do relógio são decisivamente facilitadas pelas novas tecnologias da informação e embutidas na estrutura da sociedade em rede” (apud Castells, 1999, p. 526).

O último fator a ser considerado como referência em uma sociedade da informação é o fator cultural. Este fator, segundo Osuna Alarcón, é o mais fácil de ser reconhecido, possivelmente por em nossa vida diária existir um extraordinário incremento da informação que circula socialmente, o que faz com que a presença da informação seja algo natural e constante.

La cultura contemporánea es más informativa que sus predecesoras, vivimos inmersos en una interacción simbólica en donde todo lo que se intercambia y recibe es reconocible. Esta explosión de datos y símbolos significa o que muchos escritores y filósofos denominan como *cibercultura* (Osuna Alarcón, en prensa).

Pierre Levy publicou uma extensa análise sobre a forma de se compreender as novas manifestações culturais e os espaços onde isso ocorre dentro da sociedade da informação. De acordo com sua teoria essa nova realidade seria envolta a um crescimento cada vez maior do número de informações nos banco de dados, nos hipertextos e nas redes. Levy reforça ainda como toda essa informação será recebida e propagada dentro da sociedade, reforçando a força das mídias e como esta trabalha o uso da informação por meio das imagens, propagandas e contra-propagandas, definida por ele como a “confusão dos espíritos” (Levy, 1999).

Pierre Levy que, assim como Manuel Castells, compreende que o novo sistema no qual a sociedade da informação se estrutura funciona como um sistema de redes, define o espaço como *ciberespaço*, sendo este “o novo meio de comunicação que surge como interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” (Levy, 1999, p. 16). Já ao “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, Levy (1999) define como sendo a *cibercultura*.

Em sua teoria, Pierre Levy remonta ainda a relação de mudança entre as sociedades orais e escritas e as relações existentes com o surgimento da *cibercultura*. De acordo com o autor, nas sociedades orais “as mensagens discursivas são recebidas no mesmo contexto em que são produzidas. Mas após o surgimento da escrita, os textos se separam do contexto vivo em

que foram produzidos”. O que passa a acontecer é que enquanto nas sociedades orais a transmissão do conhecimento era direta, com o surgimento da escrita os conhecimentos passam a transpor o espaço e o tempo, já que podemos ter acesso a um texto escrito há 100 anos na China, por exemplo. Porém Levy (1999) ressalta que essa capacidade de transmissão da mensagem escrita pode “muitas vezes gerar problemas de recepção e de interpretação”, o que já acontece distintamente na *cibercultura*:

A hipótese que levanto é a de que a *cibercultura* leva a co-presença das mensagens de volta a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita completamente diferente. A nova universalidade não depende mais da auto-suficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente (Levy, 1999, p. 15).

Esse intercâmbio virtual da informação se torna real em uma Sociedade da Informação em virtude da aplicação das TIC e do uso das ferramentas, provavelmente mais importantes nesse contexto tecnológico: os instrumentos informáticos e a Internet. Como afirma Osuna Alarcón (2011) o uso da informática atinge todos os setores da sociedade, seja de forma indireta ou direta, criando, por consequência novas formas de relacionamento, entretenimento, produção e distribuição de bens e, por que não, redefinindo a realidade que se é apresentada.

De uma ferramenta de uso militar para o cotidiano de parte da população mundial. A Internet pode ser colocada como protagonista das principais mudanças que acompanhamos diariamente seja nas relações interpessoais, seja nas atividades profissionais, econômicas ou acadêmicas. A Internet é a grande plataforma que possibilita a construção desta nova forma de organização social, como definida pelo teórico Manuel Castells, a sociedade em rede. “A internet transforma o modo como comunicamos” (Castells, 2004, p. 19), e com isso, transforma nossa forma de adquirir, compartilhar, gerir e interpretar as informações.

A revolução tecnológica que vivenciamos até os dias de hoje teve início em dezembro de 1969 com a criação da Arpanet, a antepassada da Internet. Tal ferramenta surgiu no laboratório da *Advanced Research Project Agency* (Arpa - Agência de Pesquisas em Projetos Avançados), setor do governo norte-americano no período da Guerra Fria responsável por efetuar pesquisas no tocante as novas tecnologias, com objetivo de melhorar a comunicação entre os computadores dos pesquisadores. “A primeira rede de computadores foi construída entre a Universidade da Califórnia – Los Angeles -, SRI - Stanford Research Institute -, Universidade de Utah e Universidade da Califórnia – Santa Bárbara-” (Almeida, 2005, p. 2).

Antes da fase de elaboração da primeira rede de computadores, o norte americano Paul Baran e o inglês Donald Davies, já haviam começado a elaborar maneiras de solucionar um problema inicial, para haver comunicação entre as máquinas elas devem “falar a mesma língua”,

ou seja, possuírem elementos decodificadores das mensagens que deverão se transmitidas e trabalharem baseadas nos mesmo códigos.

Os primeiros protocolos construídos foram o Telnet – ligação interactiva de um terminal com um computador remoto – e o FTP – File Transfer Protocol; transferência de ficheiros entre dois computadores -. As denominações originais dos protocolos eram DEL (Decode – Encode - Language; linguagem de codificação-descodificação) e NIL (Network Interchange Language; linguagem de intercâmbio na rede) (Almeida, 2005, p. 2).

Na sequência deste primeiro passo o mundo não parou mais de presenciar grandes mudanças em relação às tecnologias de comunicação, armazenamento e compartilhamento de informações. De forma que foi em um dos grupos inter-conectados pela Arpanet, liderados por Vicent Cerf, considerado hoje o pai da rede mundial de computadores, que surgiu efetivamente o que hoje conhecemos por Internet.

Vicent Cerf iniciou as investigações na Arpa enquanto aluno da UCLA e criou entre os anos de 1973 e 1978, com uma equipe co-liderada por Robert Kahn, o protocolo mais importante e que resultou no formato de comunicação que temos atualmente, “um protocolo que assegurava a interoperacionalidade e interconexão de redes diversas de computadores. Este protocolo denominou-se TCP/IP (Transmission Control Protocol e Internet Protocol)” (Almeida, Universidade do Minho. Departamento de Sistemas de Informação, 2005, p. 3).

Estabelecido o TCP/IP como protocolo principal para a comunicação em rede “em julho de 1977, Vinton Cerf e Robert Kahn realizaram uma demonstração do protocolo TCP/IP utilizando três redes ARPANET – RPNET – STATNET. Considera-se que foi nessa demonstração que nasceu a Internet” (Almeida, Universidade do Minho. Departamento de Sistemas de Informação, 2005, p. 4).

O projeto da Arpanet continuou intensificando suas investigações, mas na década de noventa suas atividades foram encerradas, passando à *National Science Foundation*, sem ligações com governo dos Estados Unidos da América, a responsabilidade de gerenciar a nova etapa de evoluções da rede.

Ainda no tocante ao surgimento da Internet, Castell faz uma alusão de extrema significância:

Todos os avanços tecnológicos chave, que desembocaram na criação da Internet, são fruto do trabalho de instituições governamentais, grandes universidades e centros de investigação. A internet não teve a sua origem no mundo empresarial. Era uma tecnologia demasiado ousada, um projecto demasiado caro e uma iniciativa demasiado arriscada para ser assumida por uma empresa privada. (Castells, 2004, p. 39)

A Internet, apesar do seu esboço ter sido iniciado na década de 60, só passou a ser acessada por pessoas ditas leigas por volta do ano de 1994. Isso se deu principalmente em razão

da criação do *World Wide Web* ferramenta que conseguiu transformar o modo como as pessoas interagem com esse novo espaço. Como confirma Castell na obra *A Gáxia Internet*: “o que tornou possível à Internet a sua abrangência mundial foi a *Word Wide Web*. Esta é uma aplicação para partilhar informação, desenvolvida em 1990 por um programador inglês, Tim Berners-Lee”. (Castells, 2004, p. 34)

Mchulan, em seu livro *Os meios de comunicação como extensões do homem* (2002), colocava a máquina como extensão do homem e é desta forma que temos tendência a compreender a inclusão do uso de computadores interligados no cotidiano da sociedade. A grande rede tornou-se o espaço de acesso e ampliação dos conhecimentos e das atividades humanas e compreendemos que estas estão intrinsecamente interligadas, no entanto, existem outros fatores que nos levam a concluir que o fato de estarem interligadas não corresponde que essa seja uma relação de simples dependência entre sociedade e tecnologia, como afirma Castells:

É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo. (Castells, 1999, p. 43)

1.2 Sociedade interativa e os constantes intercâmbios de conhecimentos

Meio inconscientemente, a revolução da tecnologia da informação difundiu pela cultura mais significativa de nossas sociedades o espírito libertário dos movimentos dos anos 60. (Castells, 1999, pp. 43-44)

Os anos 60 e 70 foram marcados, além das revoluções tecnológicas, pelo surgimento de movimentos culturais e ideológicos que previam uma sociedade igualitária desde o acesso a informação à livre expressão. O sentido de comunidade vindo destes movimentos, vividos seja nos Estados Unidos, Europa ou mesmo na América Latina, se contrapunha aos conceitos individualistas ditados pelos novos empreendimentos capitalistas, ou repressores, que resultavam dos governos totalitários que ainda se faziam ver até o fim do bloco socialista em 89.

O que os jovens deste tempo buscavam era o poder da fala, oprimida pela comunicação de massa e pelas censuras, era a liberdade de se unirem aos iguais, partilharem seus pensamentos e construírem uma sociedade que lhes parecia melhor.

Inconscientemente, como cita Manuel Castells, o acesso popular à Internet e aos dispositivos electrónicos, a exemplo dos computadores, fez com que surgisse uma nova perspectiva da Sociedade em Rede composta por indivíduos interativos. Até então o que existia passava mais por um sentido literal de “computadores interligados entre si”. Nos anos 80 o surgimento das comunidades virtuais faz com que essa interligação não seja apenas um resultado de máquinas a longa distância, mas conexões humanas à longa distância.

As comunidades virtuais transpõem para o universo online grande parte das formas de relacionamento *off-line*. Apesar do contato indireto, o mundo electrónico parece ter sido absorvido pouco a pouco, ao menos pelas novas gerações e apresentam cada vez mais novas formas de se relacionar em rede, cada vez mais similares com as relações face-a-face.

Nas últimas décadas, as sociedades informatizadas estavam envoltas em um meio ainda pouco interconectado e de comunicação basicamente unilateral, como as publicações impressas e até mesmo a televisão. A popularização da Internet possibilitou não apenas uma nova forma de acesso à informação, mas uma nova forma de produção, de recepção e por fim de interação.

Hoje não é difícil elencar as diversas ferramentas que possibilitam essa interatividade entre produtores de informação e receptores, e o que pode vir a ser melhor, é que de forma simples não se tem mais a necessidade de impor hierarquias, não se sabe mais bem ao certo quem fala e quem ouve, porque de repente todos parecem estar envolvidos no mesmo patamar da comunicação. Como afirma Manuel Castells “os consumidores da Internet também são produtores, pois fornecem conteúdo e dão forma à teia” (Castells, 1999, p. 439)

Os meios electrónicos trazem consigo novas possibilidades de armazenamento e compartilhamento de conteúdos. Diversos *websites* e plataformas digitais têm sido criadas com o objetivo de tornar fácil aos usuários trocarem informações, arquivos e conteúdos.

As primeiras experiências de troca de conhecimento, relacionamento *online* e de comunidades virtuais foram os fóruns e as listas de discussão. Esses ambientes, surgidos nos anos 80 ainda se limitavam as pessoas envolvidas diretamente à informática, porque até aí o que se apresentavam eram ambientes de difícil acesso e usabilidade, não era qualquer leigo que se sentiam a vontade para interagir à longa distância, com desconhecidos em um ambiente pouco amigável.

Porém, nos últimos anos vem sendo fomentado um novo conceito de rede, a *Web 2.0*, com a prerrogativa de que todos são capazes de produzir conhecimento e de transferi-los facilmente no WWW. Ambientes amigáveis, interativos e hipertextuais são preceitos básicos desta nova geração da *Web*. Nessa estrutura a teoria das redes ganha força, na qual não importa onde você esteja, ou quem você seja, os conteúdos que lhe interessam estão a sua disposição, os conteúdos que você acha interessante são facilmente compartilhados, voltando a idéia de Manuel Castells na qual consumidores são produtores e vice-versa.

A *Web 2.0* transforma as plataformas online em ambientes independentes de *softwares* e de fácil acesso a todos. A todo instante, 24h por dia, todos os dias da semana, em qualquer lugar do globo os usuários/produtores da *Web 2.0* podem ter acesso, alterar e compartilhar os conteúdos que estão dispostos em rede.

Atualmente podemos destacar três iniciativas que surgem com a *Web 2.0* e que aparentemente são o coração dessa nova sociedade e palco de grandes interações, nas mais diferentes áreas: os *blogs*, os *wikis* e as redes sociais.

Conforme Castells, “hoje existem milhões de usuários de redes no mundo inteiro, cobrindo todo o espectro da comunicação humana, da política e da religião ao sexo e à pesquisa” (Castells, 1999, p. 439), estes usuários, que como já citamos também atuam enquanto produtores da informação, já utilizam essas ferramentas virtuais como extensões naturais, se sentem envolvidos, participantes e livres para introduzir e compartilhar novos conteúdos a qualquer momentos e com todos os outros usuários da rede.

Em *Cibercultura* (1999) Pierry Levy destaca dois pontos que nos ajuda a entender a razão de ser tão forte o aumento das potencialidades das ferramentas virtuais na Web 2.0:

Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e que cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, social, cultural e humano (Levy, 1999, p. 11).

1.3 Livro: Gutenberg e seu início

As imagens, as palavras, as construções de linguagem entremenham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuito de comunicação e memórias artificiais (Levy, 1999, p. 22).

A Sociedade em Rede trás consigo novos hábitos, aos quais podemos dar destaque às modificações sofridas na área da comunicação e do intercambio da informação. O conhecimento é colocado como protagonista das ações humanas e o constante intercâmbio global deste se faz tão natural como uma conversa entre moradores da mesma rua, graças a essas transformações.

Além dos relevantes fatos citados anteriormente um acontecimento precursor as teorias da sociedade em rede ou a dita revolução digital precisa ser destacada neste trabalho, por duas razões: contextualização histórica e observação da relação de conectividade que todas as transformações têm umas com as outras. É importante referir-se aos instrumentos digitais que temos hoje tendo como foco a relação que ainda há com os seus antecessores, de forma que é válido pensarmos em livros electrónicos e publicações digitais a partir do que deu início ao mundo da edição, a invenção da tipografia. .

A escrita foi, à sua maneira, o início de tudo:

Por volta do ano 700 a.c ocorreu um importante invento na Grécia: o alfabeto. Essa tecnologia conceitual, segundo os principais estudiosos clássicos como Havelock, constituiu a base para o desenvolvimento da filosofia ocidental e da ciência como a conhecemos hoje. Tornou possível o preenchimento da lacuna entre o discurso oral e o escrito, com isso separando o que é falado de quem fala e possibilitando o discurso conceitual” (Castells, 1999, p. 413)

A criação do alfabeto e por assim dizer da escrita e as formas com que as civilizações sempre buscaram armazenar informações tornou viável que o conhecimento pudesse ser registrado ao longo de gerações, a diferentes espaços e se rompesse o limite que era imposto nas sociedades orais, no qual o contato direto se fazia imprescindível.

Apesar das técnicas de escrita alfabética terem surgido 700 a.c o que de fato fez diferença e que se difundisse a alfabetização e o conhecimento letrado foi o surgimento da imprensa. “A alfabetização só se difundiu muitos séculos mais tarde, após a invenção e difusão da imprensa e fabricação de papel”, confirma Manuel Castells (Castells, 1999, p. 413).

Desde os primórdios os seres humanos sempre buscaram formas de deixar registrada sua história, dos desenhos rupestres em rochas, ao surgimento do papiro, no Egito, à utilização do papel manuscrito na China antes de Cristo, até ao grande marco do século XV a criação da tipografia, pelo alemão Johnn Gutenberg, sendo o primeiro exemplar impresso datado de 1442.

De acordo com Asa Briggs e Peter Burke (2002), Gutenberg teria provavelmente se inspirado nas prensas de uva que empregavam tipos metálicos móveis e que na época eram típicos em sua cidade natal, Mainz, localizada na região da Renânia-Palatinado alemã. E o que pareceu uma inspiração simples acabou por se tornar um momento áureo da história da invenção de suportes que se fizessem registrar, histórias, contos, notícias, enfim, o mundo das letras e que pode ser considerada um das maiores invenções da era moderna.

Es antigua la idea de que el invento de la imprenta marcó una época, ya sea que se considere la nueva técnica por sí misma, ya conjuntamente con la invención de la pólvora, ya como parte del trío imprenta – pólvora – brújula. Para el filósofo inglés Francis Bacon (1561 – 1626) era éste un trío que había <<cambiado por completo la situación en todo el mundo>> (Briggs & Burke, 2005, p. 29).

De acordo com Rosa Maria Blasco “la escritura, en su evolución a lo largo del tiempo, ha necesitado siempre de unos soportes para materializarse – pergamino, papel – y se ha elaborado, bien de forma manuscrita o impresa, hasta su condesación num produto, el texto escrito, que puede configurarse como documentos o como libro” (Blasco Martínez, 2011, p. 11), reforçando assim a criação de Gutenberg como um marco histórico, como uma ferramenta básica para o armazenamento e o compartilhamento do conhecimento.

Ainda segundo Rosa Maria Blasco:

“La invención de la imprenta a mediados del siglo XV supone una mutación: como resultado de la aplicación de esta técnica – la reproducción del texto escrito por medio de caracteres móviles y de la acción de una prensa – se transforman los modos de producción del libro y también sus posibilidades de difusión, pues la imprenta asegura en primer lugar la multiplicación de los textos, sin tener que ejecutarlos uno a uno y de forma manuscrita, y además su mayor circulación”. (Blasco Martínez, 2011, p. 11)

“O livro tem aproximadamente seis mil anos de história para ser contada” (Caldeira, 2002, p. 1). A criação da tipografia fez com que a busca por contar essa longa história ganhasse força surgindo um novo mercado livresco a partir do surgimento da tipografia. Enquanto na era pré-tipográfica produzir um livro fazia parte de uma arte manual controlada pelos grandes eruditos e direcionada a outros eruditos, já que cada exemplar era feito direcionadamente.

“O processo do fazimento do livro medieval, literalmente entregue às mãos cuidadosas e hábeis dos copistas e iluminadores, era demorado e caro, e seus limites de produção, mesmo tendo-se ampliado nos séculos XIV e XV, já não permitiam satisfazer o mercado criado pelas universidades e pelo processo de urbanização européia.” (Bragança, 2002, p. 2)

Marcando assim, ainda segundo estudo de Aníbal Bragança, o protagonismo da tipografia neste novo quadro comercial e intelectual, diante do fato de que criar um mercado livresco que se separe dos limites que eram impostos pelo fazer manual representa tanto a criação de um novo público consumidor como a ampliação do número de pessoas com acesso a leitura e o conhecimento, são as primeiras fronteiras rompidas pelo livro:

“A tipografia de Gutenberg possibilitou a paulatina transferência do controle dos saberes relativos ao processo de fazer livros para mãos e mentalidades burguesas, desejosas de cada vez mais editar e vender, para obter lucros e, ao mesmo tempo, realizar o seu eros pedagógico, educar e transformar, voltado para um público anônimo e disperso.” (Bragança, 2002)

Na Europa, as produções das tipografias se mantiveram inicialmente sobre responsabilidade alemã, porém rapidamente se expandiu e já em 1500 havia se estabelecido em cerca de 250 pontos do continente, mantendo cinquenta e dois deles na Alemanha, outros quarenta três na França e, o maior potencial de produção estando representado na Itália, mantendo oitenta máquinas ativas, estando a cidade de Veneza como uma das grandes produtoras de impressos da época.³

O surgimento da imprensa representou transformações em vários sentidos, não apenas relacionados à leitura direta. As produções feitas a partir da tipografia podem ser vistas como as primeiras representações do conhecimento acessível a todos, levando em consideração a alfabetização. De 1442 até aos dias de hoje incontáveis publicações foram se agregando a história livresca mundial e sem dúvidas pensar nesses objetos é também levar em conta a relação com duas vertentes, compartilhamento do conhecimento e o acto da leitura

Os primeiros exemplares colocados no mercado representaram um enorme choque cultural na sociedade europeia da época, e como não pensar que para muitos os livros electrónicos ainda são vistos como uma afronta a boa leitura e a valorização do livro.

³ Cf. Asa Briggs e Peter Burke (2002)

“Los escribas, cuyo trabajo se veía amenazado por la nueva tecnología, deploraron desde el primer momento el advenimiento de la imprenta. Para los clérigos, el problema básico estribaba en que, gracias a la imprenta, las personas con baja posición en la jerarquía social y cultural estaban en condiciones de estudiar los textos sagrados por sí mismas en lugar de depender de lo que les decían las autoridades. Para los gobiernos, las consecuencias de la imprenta a las que Hartlib se refería no ofrecían motivo alguno de celebración” (Briggs & Burke, 2005, p. 30)

1.4 Edição Eletrônica e os precursores do Livro Eletrônico

Como refere Maria Manuel Borges em *De Alexandria a Xanadu*: “A aliança entre o computador e as telecomunicações criou condições inteiramente novas no que concerne ao processo de comunicação e difusão da informação” (Borges, 2002, p. 21), surgem novas formas de criação, produção e distribuição de conteúdos que não alteram, mas se agregam aos antigos conceitos relacionados ao acesso e ao uso da informação.

De acordo com Paulo Freire, a “leitura é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade e o mundo em que estamos inseridos” (Freire, 2001), pensando então desta forma, é possível observar que com a revolução tecnológica o acto da leitura também vem passando por transformações, e porque não, se adicionando a nova forma de comunicação, inserindo-se nos suportes digitais.

É importante lembrar que o surgimento de novas formas de se obter e compartilhar informação não acabam pondo fim nas demais já existentes. Não é mérito analisar o impacto da edição electrónica levando em consideração a extinção da sua forma impressa, provavelmente durante anos ambas as formas editoriais irão conviver em certa harmonia.

A invenção surgida a partir da criação de Gutenberg de forma alguma pareceu, ou parece estar, sob ameaça das novas tecnologias, apesar de todas as novas possibilidades que o livro ganha com a sua inserção no universo electrónico.

A obra *Gutenberg 2.0* (Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011) situa na década de 80 o início das discussões sobre a relevância das novas tecnologias no espaço editorial, “el << futuro digital >> ha sido objeto de múltiples encuentros, conferencias, seminarios y foros de discusión organizados por instituciones que comenzaron a preocuparse por las repercusiones que las innovaciones técnicas podrían tener en la creación, la producción y la distribución de contenidos, que, simplíficamente, son el objeto de la edición convencional” (Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 46).

O que parecia ser o início se dividia entre a digitalização e a comercialização editorial sob efeito de recursos tecnológicos. A digitalização era considerada um fator que levantava suspeitas e vinha carregado de dúvidas. Compreender as inovações trazidas pela digitalização fez com que os envolvidos na indústria da edição comesçassem a mensurar o que de fato acarretaria as mudanças das publicações para os meios digitais, como refere José Afonso

Furtado, “o impacto da digitalização do conteúdo foi quase tão profundo como o da introdução da Internet”, (Furtado, 2007, p. 226).

Sua complexidade se dava pelo fato de que neste tempo ainda não era claro quais recursos seriam utilizados para a digitalização, nem tão pouco como se daria sua conservação e impacto ao longo do tempo.

Atualmente já vimos confirmada a abertura da sociedade às TICs e as ferramentas digitais, contudo, no que se refere à edição é interessante pensarmos que corresponde à transformação de um instrumento de longa durabilidade, o papel, para recursos digitais que sofrem alterações constantemente e até então não se sabia ao certo se isso iria gerar ambientes estáveis ou não, e isso acrescido do próprio aspecto cultural e da relação leitor/impresso e a cultura do papel, como reconhece José Afonso Furtado:

“Estamos así en una zona de turbulencias, en la que la generación de publicaciones que exploran las capacidades específicas del universo digital, el crecimiento exponencial de la Web y la divulgación del trabajo en red y en ambientes hipertextuales cuestionan algunas nociones atribuibles a los textos de la cultura de lo impreso, como su fijeza, linealidad, secuencialidad, autoridad o finitud, provocando transformaciones en las clásicas definiciones de autor, lector y sus relaciones mutuas, a la vez que se generan nuevas formas de escritura y de lectura” (Furtado, 2007, p. 17).

Com relação à comercialização, para José Afonso Furtado “a Internet, com o seu carácter interactivo, a sua capacidade de contacto directo com o consumidor e a possibilidade de com ele estabelece uma relação biunívoca, marca o afastamento mais radical das formas anteriores de distribuição e consumo de conteúdos” (Furtado, 2008, p. 226).

O surgimento da Internet, sua popularização e aumento de consumo a partir dos anos 90, fez com que a indústria da editoração começasse a enxergar um novo nicho de mercado e uma nova forma de se fazer o comércio de publicações. Como refere Furtado “surgen las más respetables firmas de estudios de mercado avanzando previsiones entusiastas sobre la emergencia de un nuevo y altamente rentable mercado para los libros digitales” (Furtado, 2007, p. 21). Porém nesta década os planos eram extremamente iniciantes e não passavam muitos mais do que vislumbrar um futuro sem que fosse efetivamente vista como uma transformação do mercado. Houve, inclusive, um grande investimento por parte das editoras em criação de dispositivos de leitura electrónicos, denominados na altura de *e-books*, contudo como afirmam Garcia, Díaz, & Arévalo, tal investimento não obteve o retorno esperado e acabou-se por trazer para a década seguinte um cetisimos com relação a edição electrónica.

“Hacia el año 2000, las desmesuradas expectativas generadas em mitad de los noventa habían comenzado a desinflarse para dar paso a un abierto escepticismo acerca de la capacidad de la revolución digital de transformar el ámbito de la edición, al menos en la forma y la manera prevista. A muchas de las empresas editoriales que habían

desembolsado substanciales cantidades para la experimentación con las nuevas tecnologías, en muchos casos para la creación de dispositivos de lectura como los *e-books*, los decepcionantes resultados obtenidos las obligaban a reajustar sus prioridades. De manera que, a partir de entonces, comienza un período de recesión o contracción en el ámbito de la edición electrónica de libros.” (Cordón García, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 48)

Ao passo que a difusão de conteúdos por meio digitais sofria para se estabelecer no mercado, podemos considerar que a revolução tecnologia não estava tão distante do setor editorial, se consideramos que a edição electrónica por ter em seu nascimento a inserção do computador na vida dos atores que estão relacionados ao universo da publicação, desde o autor ao livreiro ou bibliotecário. Tal feito ainda tinha como resultado a produção de edições impressas, ainda não eram significativas, mas já indicariam a absorção das tecnologias nessa atividade. José Afonso Furtado, com referências de Cristine Borgman, reconhece:

“Las tecnologías electrónicas habían penetrado ya en todos los aspectos del proceso de publicación: << los autores escriben sus textos en procesadores y se los envían a los editores a través de conexión en línea o en disquete. Imágenes, esquemas y gráficos son casi en su totalidad creados en ordenadores. Incluso aunque los autores no creen originalmente sus textos en forma electrónica, la gran mayoría de los editores digitaliza esos contenidos para la producción. La edición, la maquetación y otras tareas de producción ocurren ya en línea, independientemente de que el producto final aparezca bajo forma impresa o electrónica>>. En resumen, la mayor parte de los aspectos y de las actividades implicadas en la edición moderna son electrónicos. (Furtado, 2007, p. 21)

Em março de 2000, o autor de *best-sellers*, Stephen King realizou uma iniciativa que parecia vir para dar forças aos que previam a explosão das publicações electrónicas e lançou o romance *Riding the Bullet*. A obra estava disponível somente em formato digital, contrariando ao que pensavam que apenas seriam feitas digitalizações de livros impressos e podia ser feita a descarga por apenas 2,5 dólares, contrariando o valor de mercado dos livros tradicionais. O resultado foi até certo ponto positivo, cerca de 400.000 downloads nas primeiras 20 horas disponíveis, o problema é que não influenciou outras publicações e acabou sendo um caso único naqueles anos onde a publicação digital ainda buscava seu real início. (Cordón García, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 48)

Assim como a difusão da Internet, não foram iniciativas de mercado que impulsionou o setor de publicações digitais. A Internet ganhou mais espaço depois de ter sido iniciado o seu uso em ambiente acadêmico, com relação a edição electrónica também podemos observar essa relação. Apesar da enorme significância da iniciativa de Stephen King na construção de um livro electrónico, foi na área de publicações académicas que a aceitação do público se deu em grande escala.

As publicações que podemos compreender como precursoras do livro electrónico e a base da edição electrónica, foram as obras de referências, monografias e bases de dados digitais. Tais publicações e se mantém até os dias de hoje como ambientes estáveis e em progressiva ascensão no que se refere a criação, produção e difusão de conteúdos digitais.

Garcia, Díaz & Arévalo lembra que “obras de referencia y revistas electrónicas ha recorrido el terreno di la digitalización desde hace ya muchos años, de tal manera que su presencia en bibliotecas científicas y centros de investigación es algo cotidiano”, ainda de acordo com os autores, “la industria editorial subyacente en la producción de contenidos científicos se ha adaptado perfectamente al nuevo escenario”. Estes fatos são consequências de tais publicações estarem direccionadas a um público especializado e que buscam informações extremamente atualizadas e de fácil acesso, possibilidades que se ampliaram sem comparações por meio da edição electrónica. (Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 59)

2. Livros Electrónicos

2.1 Conceitos de Livros Electrónicos

Nos anos 90, quando foi dado início às incursões do mercado editorial pelo universo digital, o termo livro electrónico, ou variantes como livro digital, e-livro ou *e-book*, fazia em grande parte referência não ao conteúdo, mas sim aos equipamentos que seriam utilizados para a leitura electrónica, ou mesmo ao seu formato enquanto arquivo digital.

O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa⁴ ao definir livro electrónico relaciona o termo como uma das vertentes para a palavra livro. Palavra derivada do latim *liber, libri*, o termo livro está definido como conjunto de folhas de papel, em branco, escritas ou impressas, soltas ou cosidas, em brochura ou encadernadas; obra (manuscrita ou impressa); o que serve de instrução; folhoso (dos ruminantes); conjunto de mortalhas de cigarros envoltas em capa. Na sequência é definido livro electrónico como sendo a edição em formato digital do texto de um livro. Ainda no mesmo dicionário, quando pesquisado o termo *e-book* se faz referência ao termo citado anteriormente, bem como, ao dispositivo para ler livros electrónicos.

Até há pouco tempo a compreensão da leitura em formato electrónico ainda era restrita, pensava-se apenas em versões digitalizadas de um livro já publicado em formato impresso, o que, por consequência, acabou por limitar o sentido do que seria efetivamente um *e-book*. Apesar do *Riding the Bullet*, de Stephen King, ter sido uma iniciativa que acabou por não ter o sucesso e a continuidade esperada, não deixou de trazer para os estudiosos da área, bem como ao público leitor um novo conceito para livros, e por consequência para o acto da leitura, no sentido que se tornou possível pensar em publicações desvinculadas do setor impresso.

Atualmente vários são os conceitos que podem ser dados ao termo livro electrónico, grande parte deles já se centra na ideia de se tratar livro electrónico como o conteúdo em si, porém ainda se encontra como um campo com várias possibilidades de interpretação. Rao (2005)⁵ sugere quatro possibilidades de definição para os livros eletrônicos, sendo elas: a) Conteúdo – refere-se à propriedade intelectual; b) Formato – refere-se ao documento ou formato de arquivo; c) Leitor – refere-se ao software; d) Aparelho de lectura – refere-se ao aparelho portátil ou hardware de leitura.

Segundo Garcia, Díaz & Arévalo (2011) pode ser definido como um livro electrónico um versão digitalizada de um livro, uma obra que seja legível em uma tela, ou mesmo qualquer arquivo que esteja em formato digital e que tenha como objetivo ser descarregado e visualizado a partir de dispositivos electrónicos: - “en definitiva, se trata de un archivo digital que precisa de un elemento adicional para su visionado, el dispositivo lector, que debe contener un software

⁴ Cf. <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=livro%20electr%C3%B3nico> Visualizado em 10 de maio de 2011

⁵ Cf. Pinsky, Daniel (2009)

adecuado para la lectura del documento” (Cordón García, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 16).

Reafirmando a mesma teoria, Bottentuit Junior & Coutinho (2007) definem como principal objetivo dos livros electrónicos “a disponibilização de um livro no formato digital, de forma que este pode ser visualizado através de um computador ou um dispositivo móvel como os telemóveis, os palmtops, os handhelds, os PDA’s ou os portáteis” (Bottentuit Junior & Coutinho, 2007). Porém os autores acrescentam ainda que “para ser considerado um *e-book* é preciso que sejam tidos em consideração alguns pontos importantes no que diz respeito ao aspecto estético, gráfico e organizacional” (Bottentuit Junior & Coutinho, 2007).

Desta forma podemos entender que livros eletrônicos são arquivos digitais passíveis de serem decodificados, ou seja, lidos, por diferentes *softwares*, em diferentes *hardwares*, mas que para isso estejam adaptados a esses meios não bastando apenas estar disponível digitalmente, mas sim, legível digitalmente.

José Afonso Furtado (2007) indica como sendo o termo livro electrónico uma forma vaga de definir um texto ou uma monografia que esteja disponível em formato electrónico. Já Ornes (2001) define os livros electrónicos como uma hipótese de “ser una novela publicada en un sitio web, una novela corta cuya descarga puede ser reutilizada como fichero de procesamiento de texto o incluso un diario en un extenso correo electrónico”. (Ornes, 2001 apud Furtado, 2007, p. 20).

García & Arévalo, tomando como referência o sentido de livro electrónico enquanto aparelho de leitura defini-o como sendo “un dispositivo compacto, con forma de libro tradicional (rectangular por norma general) y cuyo elemento más importante es la pantalla,” (Cordón García, Alonso Arévalo, 2010). Acrescentam ainda, que pensando no sentido de conteúdo os livros electrónicos são essencialmente iguais aos livros impressos, e o que realmente acaba por gerar a diferenciação é o fato dos electrónicos terem por necessidade serem intermediados por um dispositivo digital, seja específico para leitura ou mesmo um computador.

Desta forma delimitamos como diferença primordial entre livros impressos e os livros electrónicos não o conteúdo em si, mas a importante relação que o conteúdo passa a ter com o seu continente.

O livro electrónico por si só não se enche de diferenças no que se refere à escrita, à formatação dos capítulos, entre outros, apesar de ter também essa possibilidade, mas sim, na forma como se apresentará ao leitor e na necessidade de ter um aparato digital que realize a intermediação entre o conteúdo e o acto da leitura em si. É como dizer, os livros impressos são o que se apresentam, os livros electrónicos são um conjunto de ferramentas que necessitam estar reunidas para atingirem os mesmos objetivos dos seus precursores.

Vasileiou y Rowley (apud Cordón García, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 50) definem livros electrónicos como sendo arquivos digitais que possuem as mesmas propriedades

dos livros impressos. Porém os autores destacam que este tipo de arquivo vem acrescido de funções essencialmente digitais sistemas de busca, hiperligações, e anotações, agregando um valor a mais a estes formatos.

Tabela 1 - Características dos livros electrónicos frente aos livros impressos

Livro Electrónico	Livro Impresso
Possibilidade de compra e leitura via internet	Possibilidade de compra via internet
Possibilidade de inclusão de multimedia e interactividade ⁶	Limitação ao texto escrito e imagens
Portabilidade de um maior número de exemplares	O leitor pode se limitar ao número de exemplares que leva em virtude do peso
Instabilidade com relação a durabilidade	Permanência relacionada com a durabilidade do papel
Limitações ao empréstimo por parte das bibliotecas e do próprio leitor	Com a aquisição do exemplar o empréstimo passa a ser inteiramente livre
Possibilidade de plágio ou desrespeito aos direitos do autor	Possibilidade de plágio ou desrespeito aos direitos do autor e reprodução indevida
Adaptação a luz, resolução, impacto e tecnologia dos dispositivos ⁷	Não necessita adaptação apenas conhecimento comum de leitura

Em âmbito académico, o termo *e-book* começou a ter destaque e investigações nesta área começaram a ganhar uma amplitude muito maior depois da virada do século XXI, quando também o mercado começava a acreditar na usabilidade deste tipo de livro, confirmando que esta década, apesar de não ter sido o marco de nascimento dos livros electrónicos, foi o ponto de confirmação e aceitação em todos os setores.

Em análise feita à base de dados da ISI (*Web of Knowledge*) é possível observar que o número de publicações e citações que utilizaram a designação *e-book* como referência só passaram a ter um número significativo no ano 2000 e vêm crescendo gradativamente até a atualidade, como mostram as figuras 1 e 2⁸:

⁶ Cf. Borges, 2002

⁷ Cf. Borges, 2002

⁸ Pesquisa realizada em 25 de julho de 2011. Termo utilizado para a pesquisa : *e-book*

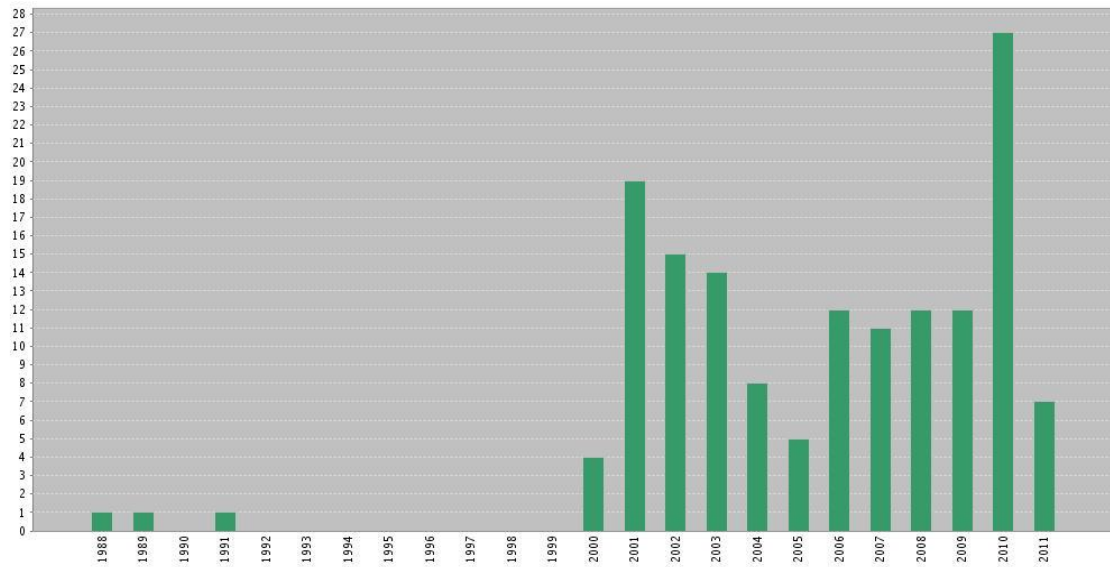


Figura 1 - Itens publicados em cada ano de acordo com a ISI (Web of Knowledge)

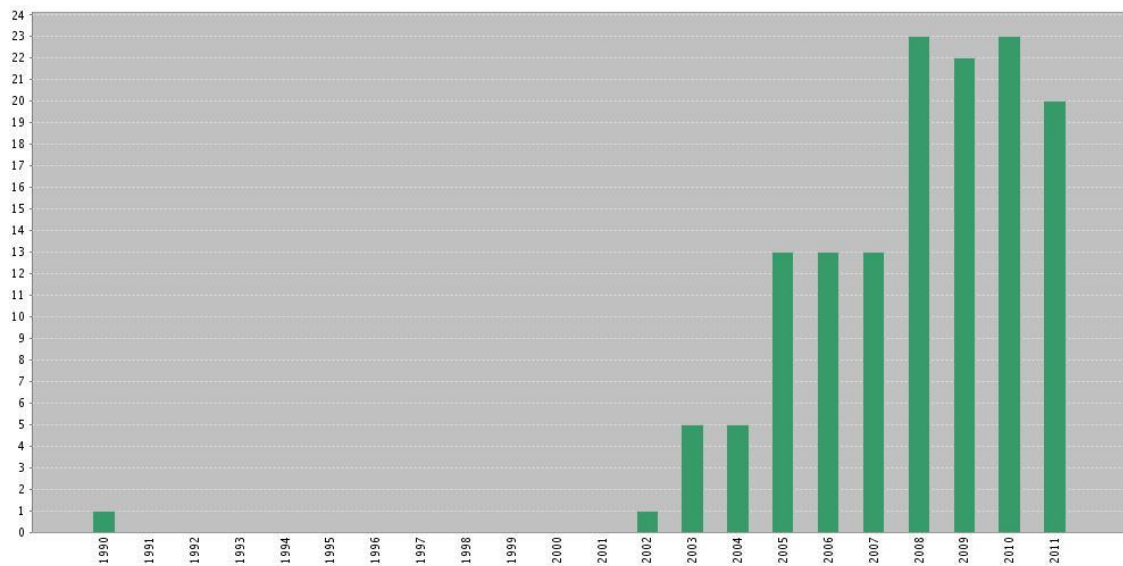


Figura 2 - Citações em cada ano de acordo com a ISI (Web of Knowledge)

2.2 Suportes de Leituras para Livros Electrónicos

Para entender todas as possibilidades que podem ser agregadas aos livros electrónicos é necessário ter a compreensão de dois importantes fatores: os suportes de leitura que tornam possível aos leitores o contacto com a leitura electrónica e os formatos que são utilizados por esses dispositivos.

O acesso ao livro electrónico podem ser realizado a partir dos mais dispositivos electrónicos, um computador, um telemóvel, um *tablet*, entre outros. Podendo todos eles ser

considerados um suporte de leitura, mesmo que seu objetivo final de venda não seja apenas tornar possível a leitura de um livro eletrônico.

Cada um dos tipos de suportes que podem ser utilizados para a leitura de um *e-book* trás consigo características distintas. O computador já se tornou um meio mais familiar, os telemóveis, a primeira vista, parecem agradar apenas às leituras rápidas, já os dispositivos portáteis de leitura, ou *e-readers*, tomaram a responsabilidade de dar aos livros eletrônicos uma identidade maior, já que é exclusivo para a atividade, e iniciaram a quebra do estigma de que a leitura de um *e-book* seja sempre mais difícil do que a de um livro impresso, levando em consideração que atualmente muitos dos dispositivos que se encontram no mercado proporcionam à leitura de um *e-book* a sensação similar de quando se ler uma versão impressa. Os *tablets* são a grande inovação neste sentido, pois têm conseguido agregar ferramentas de computador e mobilidade dos *e-readers* ou telemóveis, e atraído um público com diferentes objetivos.

Os primeiros protótipos de *e-readers* foram projetados na região do Silicon Valley, na Califórnia (EUA). Estes eram dispositivos aparentemente simples, porém com um peso extremamente elevado ao que se supõe ser um equipamento portátil. Possuíam uma tela de cristal líquido (LCD) e duas possibilidades para dar acesso aos *e-books*, uma por meio de um modem integrado, outra por uma entrada USB. Ambas limitavam a possibilidade de busca de novos títulos por parte do usuário já que eram sistemas fechados e necessitavam de conexão via computador.

Em sequência aos protótipos, em 1998 foram criados os primeiros dispositivos de destaque e financiados pelo mercado editorial. As redes de livreria Barnes & Noble, em parceria com a empresa de comunicação Bertelsman, financiou o *Rocket eBooks*, da NuvoMedia, e a Random House y Simon & Schuster financiou a criação do *Softbook Press*.

Com apenas algumas sutis diferenças entre os dois dispositivos, ambos ainda eram equipamentos pesados como os seus protótipos, chegando a pesar 1,3 kg, o que os tornavam pouco manejáveis, incoerente com a praticidade que se esperava para um leitor de livros. A tela era retroiluminada (LCD), o que não facilitava a leitura, permanecendo tão cansativa quantas as leituras em computador. Em termos de usabilidade os equipamentos já apresentavam tecnologias que hoje são imprescindíveis como o sistema de *touchscreen* (sensível ao toque) e *palm's graffiti*, aos que não se adaptassem facilmente às novidades era disponível também um teclado convencional.

Tanto o *Softbook* como o *Rocket eBooks* davam ao leitor a possibilidade de armazenagem de 4.000 página, ou seja, cerca de 10 *e-books* medianos. Para acessar a novos títulos se manteve ainda o sistema de modem e USB, acrescido, no *Softbook* de ligação direta via linha telefônica. Apesar da tentativa de inovação, a receptividade no mercado não foi o

suficiente e acabou por serem canceladas as fabricações, como referenciam Cordón Garcia & Arévalo Alonso (2010, p. 2) puderam ser considerados mais anedóticos do que práticos.

Após o fracasso de mercado, o Rocket eBooks foi adquirido pela empresa Gemstar eBook. Com uma série de melhorias foi lançado duas versões do dispositivo, o Reb 1100 e Reb 1200. Os equipamentos foram disponibilizados com a opção em tela preto e branco ou à cores, respectivamente e para suprir o problema com relação ao baixo limite de armazenamento e de busca de novos títulos dos antecessores, os dois dispositivos vieram acrescidos de um sistema operativo, navegador, software, e formato de leitura próprio. Mesmo com as novas diferenciações nem o Reb 1100 e Reb 1200 conquistaram o mercado e acabaram tendo mais uma vez sua produção cancelada.

Depois dos fracassos americanos, na Europa o primeiro investimento na área foi realizado apenas no ano de 2001 pela francesa Cytalle. A empresa criou *Cybook*⁹ e trouxe como grande novidade a capacidade de armazenamento de 32mb de memória SDRAM (synchronous dynamics random access memory) e 16mb de memória flash, o que permitia armazenar aproximadamente 30 livros de 500 páginas.¹⁰ Foi a primeira vez que se pôde observar um dispositivo de leitura como uma mini-biblioteca portátil, o que tornou-se uma característica imprescindível dentre os suportes de leitura. Em 2007 o Cybook foi adquirido por novos investidores por meio da companhia *Booken* e relançado tanto no mercado europeu quanto americano, porém com uma nova tecnologia.

Em 2001 a Sony, uma das maiores empresas de produtos electrónicos em geral, resolveu entrar na corrida da criação de um mercado dos dispositivos portáteis de leitura e criou o Librie 1000-EP. O dispositivo surgiu de uma parceria entre a Sony, Philips e a E-Ink, pesava 300 gramas, com dimensões de 12,6 x 19 x 1,3, tela com seis polegadas e definição de 170 pontos por polegada, o que representa 800 x 600 pixels, memória de 10mb, com possibilidade de aumento, entrada USB para descarregamento dos *e-books* e teclado com função de gravação e síntese de voz, apresentava ainda uma bateria de quatro pilhas alcalinas com a previsão de que o usuário poderia ler cerca de 10.000 páginas sem ter que se preocupar com recarrega-las. Apesar das descrições, o que surpreendeu no lançamento da Sony foi uma nova tecnologia apresentada, a tinta electrónica.

2.2.1 Tinta Electrónica

A Tinta Electrónica pode ser considerada a tecnologia usada nos dispositivos portáteis de leitura que faz com que os mesmos se assemelhem mais aos livros impressos. Com uma nomenclatura sugestiva, a tinta electrónica trata de dar às telas dos dispositivos portáteis as mesmas sensações de uma página impressa, com um baixo consumo de energia, motivado pelo

⁹ Cf. <http://bookeen.com/en/> Visualizado em 30 de maio de 2011

¹⁰ Cf. Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 114

fato de que a tinta electrónica não possui iluminação própria, assim como uma folha de papel, e tão pouco causa desconforto visual em uma leitura prolongada, como é o caso de telas em LCD.

De acordo com Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso (2011) a tela que forma a tinta electrónica é composta de três capas. Na primeira estão os microtransmissores elétricos, seguido por um polímero formado por um fluido incolor no qual estão suspensas milhares de microcápsulas, possuindo cargas positivas e negativas, e por último uma lâmina protetora.

Ainda segundo os autores, a primeira tecnologia de tinta electrónica foi a Gyricon, desenvolvida pela Xerox. O principio utilizado era o de dividir em cápsulas com esferas que estariam basicamente divididas em duas partes, sendo uma negra e outra branca. A parte negra está carregada negativamente, enquanto que a branca positivamente, sendo ambas submersas em um gel. As reações que dão sentido a tinta electrónica são realizadas a partir de um botão de um eletrodo que transmite cargas elétricas positivas ou negativas: quando é estimulado de forma positiva sobem as cargas negras, quando é estimulado de forma negativa sobe as cargas brancas. E são essas variações de estímulos positivos e negativos, cargas negras e brancas que se formam os textos e os gráficos dos textos nos dispositivos que utilizam esta tecnologia.

Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso explicam na tecnologia criada pela Xerox, quando são estimuladas, as cargas giram a 180° subindo ao topo da capa, quando aplicado novo estimula as cargas fazem o mesmo movimento aos mesmo 180°. É interessante observar que o único momento de gasto de energia é este, sendo isso o responsável por tornar o consumo de energia dos aparelho com tecnologia de tinta electrónica inferior aos demais.

Na sequência da experiência da Xerox surgiu a tecnologia e-Ink, mas utilizada atualmente. Os sistemas são quase os mesmo, porém as capsulas desta vez são cheias de partículas de titânio brancas e negras, ambas carregadas eletronicamente e submersas em um líquido viscoso. Cada uma das esferas são associadas a transmissores diferentes de forma que torna possível que se emerja todas as partículas negras e todas as partículas brancas ou meio-a-meio, como na tecnologia da Xerox. As escalas de cinza são conseguidas a partir da combinação das partículas negras e brancas, finalizam. (Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 123)

Tabela 2 - Vantagens e Desvantagens da tinta electrónica¹¹

Vantagens	Desvantagens
Utilização em telas de corrente zero ou biestável	Lenta mudança de página, com um tempo de resposta em torno de 200 milisegundos
Resolução de até 150 dpi	Ainda não foi encontrado a tecnologia ideia à cores
Visualização a partir de qualquer ângulo, incluso na luz solar	

2.3 Evolução dos Suportes

A evolução dos suportes de leitura para *e-books* nos últimos dez anos foi marcada por uma série de fracassos tecnológicos, e por consequência, rejeições de mercado. Dispositivos foram criados, mas nunca satisfizeram o gosto do público leitor, que permanecia com a preferência pelos tradicionais livros impressos. Assim como o computador precisou de uma série de reparações para ganhar a popularidade que tem hoje, para os dispositivos não foi diferente.

Dois pontos foram necessários para garantir uma melhoria significativa com relação aos suportes para leitura: primeiro com relação às qualidades tecnológicas e segundo às disponibilizações dos títulos. É bem verdade que ambos devem andar naturalmente juntos, compreendendo que não faz sentido ter um bom equipamento para leitura se não existem grandes quantidade de publicações disponíveis, tão pouco o inverso.

Atualmente existem dezenas de opções que buscam se adequar as necessidades do público-alvo. Porém a relação dispositivo – publicações ainda parece forte, de forma que seja compreensível a teoria de que os dispositivos de leitura mais bem aceitos no mercado são aqueles ligados a empresas que também comercializam livros, a exemplo do popular Kindle, da Amazon.

Kindle

A Amazon¹² foi fundada em 1994 em Seattle, Estados Unidos, porém o lançamento do seu *website* só aconteceu em junho de 1995, marcando o que seria o início de uma das maiores redes de comércio electrónico do mundo. Com 22 centros de distribuição espalhados pelos Estados Unidos, Europa e Ásia, atualmente a empresa consegue atingir um público de cerca de 17 milhões de pessoas. Comercializando os mais variados gêneros de produtos, a Amazon se tornou popular também pela iniciativa de venda de livros em linha e pela grande variedade de

¹¹ Cf. Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, pp. 125 - 126

¹² Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Amazon> e <http://www.amazon.com/> Visualizado em 01 de junho de 2011

títulos disponíveis, em 2007, a companhia deu um salto com relação o mundo das letras e lançou seu dispositivo próprio de leitura, o Kindle.

A primeira versão lançada vinha com o uso da tecnologia de tinta electrónica, com reprodução em quatro escalas de cinza, porém uma resolução ainda não muito alta. Apresentava uma tela de 6 polegadas e dimensões 134 x 190 x 18 mm. Com relação ao armazenamento, o Kindle trouxe duas possibilidades tanto a memória interna de 16mb, como por meio de cartões de ds/mmc. O destaque do Kindle foi também com relação ao acesso aos títulos, assim como a possibilidade de conectividade via USB como os seus antecessores, trouxe uma abertura via *wi-fi*, que dava aos leitores a possibilidade de aceder diretamente à livraria *online* da Amazon dando acesso a uma enorme variada de títulos. Mas bem, essa característica pode também ser vista como uma fragilidade já que limitava o acesso apenas ao *website* da Amazon, não dando autonomia de escolha ao leitor.

Depois da primeira iniciativa, a Amazon lançou mais duas versões do Kindle com vários melhoramentos até chegar ao atual, comercializado desde agosto de 2010. Continua investindo na tecnologia da tinta electrónica e suas quatro escalas de cinza, o que limita ao fato de não possuir cores, porém trás o conforto a leitura similar a um livro impresso, e é um dos seus grandes destaques publicitários. Com relação à conectividade agregou ao *wi-fi* a possibilidade de conexão 3G, dobrou a capacidade de armazenamento, chegando hoje a ser possível guardar até 3.500 títulos. Porém, mantém a política de exclusividade, a aquisição de títulos legíveis no Kindle só pode se realizava por meio da livraria da Amazon.

Outra estratégia da Amazon para popularizar o seu Kindle em relação com o seu preço. O preço inicial rondava os 200 euros, atualmente o consumidor tem a opção de pagar até 139 euros pela versão simples e 189 euros pela versão que dá acesso a 3G. Com a baixa, no segundo trimestre de 2010 chegou a anunciar que as vendas teriam triplicado e por consequência, pela primeira vez na história, o número de vendas de títulos digitais foi maior do que os livros de capa dura. Em seu anúncio, a Amazon informou que o número de publicações impressas continuava a crescer, mas que pela popularização do Kindle, os livros digitais também estavam ganhando o seu espaço.

Cybook

Lançado junto com a primeira, e não muito bem sucedida, geração dos *e-readers*, o Cybook¹³ conseguiu se restabelecer em sua nova versão lançada em 2007 pela Bookeen e assim tem conseguido se manter no mercado. Atualmente estão disponíveis três opções de Cybook: Gen3, Opus e Orizon e, todos eles com tecnologia de tinta electrónica.

¹³ Cf. <http://www.bookeen.com/en/cybook/?id=2&select=Specification> Visualizado em 01 de junho de 2011

O Cybook Gen3 é a geração que possui mais semelhança com o seu antecessor. Possui tela de 6 polegadas com 8 escalas de cinza e contraste de 166 dpi, responsável por uma boa visualização e o baixo consumo de bateria. Com relação ao armazenamento, mantém uma memória razoável, sendo possível armazenar um número superior a 1.000 títulos. Uma característica interessante que foi agregada ao Gen3 foi a possibilidade de leitura de arquivos em mp3, dando ao utilizador a oportunidade de também acessar áudio-books.

A versão Opus surgiu com a intenção de criar um e-reader ainda mais fácil de transportar, sendo o menor dos Cybooks. O dispositivo possui uma tela de 5 polegadas, vem com memória de 1Gb, onde podem ser armazenados cerca de 1.000, e uma bateria que prevê uma duração por cerca de 2 semanas.

Já a versão Orizon volta ao tamanho médio dos e-readers com uma tela de 6 polegadas, 16 escalas de cinza e resolução de 167 dpi, 600 x 800 pixels. Sua memória é de 2Gb, com possibilidade de expansão para 8Gb, por meio de cartão de memória. Diferente do Kindle, o Cybook não está relacionado a nenhuma rede de livraria e possui conectividade através de *wi-fi*, Bluetooth e Micro-USB, e nesta versão já vem incluído 150 títulos, sendo 40 deles em inglês.

Saindo da linha dos e-readers com tecnologia de tinta electrónica, dentro os dispositivos ainda mais simples, foi criado pela empresa Elgin o leitor ER- 7001¹⁴. Sem características marcantes, esta versão parece ter surgido no mercado para atingir um público sem muitos desejos e com objetivo de ter um e-reader de fácil manejo, mesmo não sendo um dos mais leves, pesando 340g.

O aparelho tem um memória interna de 2Gb, gerando uma capacidade de armazenamento de cerca de 2000 livros, porém, extensiva para mais 32Gb. Sua tela, em LCD, colorida com resolução de 800 x 480 pixels e sistema anti-brilho para proporcionar mais conforto à leitura. Relativo à conectividade, o dispositivo dá aos usuários as opções de Audio Jack, porta USB 2.0, porta DC e *SD Card Slot*. A expectativa de duração da bateria fica entre 6 e 8 horas.

Sony Reader

A Sony, vanguardista no mercado dos leitores com tecnologia de tinta electrónica ainda permanece no mercado que recebe agora o seu dispositivo *Sony Reader*. Atualmente está disponível em três versões: *Pocket Edition*, *Daily Edition* e *Touch Edition*¹⁵.

A versão Pocket Edition compreende uma tela de 5 polegadas, com 16 escalas de cinza e resolução em 800 X 600 pixels. De fácil manipulação, o dispositivo tem dimensões de 5,71 x

¹⁴ Cf. <http://www.techtudo.com.br/ficha/er-7001.html> Visualizado em 20 de junho de 2011

¹⁵ Cf.

http://www.sonystyle.com/webapp/wcs/stores/servlet/CategoryDisplay?catalogId=10551&storeId=10151&langId=-1&categoryId=8198552921644523779&SR=nav:electronics:reader_digital_book:shop_compare:ss&ref=http%3A%2F%2Fwww.sony.com%2F#heroPocketReader Visualizado em 20 de junho de 2011

4,11 x 0,33 polegada, memória de 2Gb e bateria com previsão de até 14 dias. O preço atual no mercado é de 179,99 dólares.

O Daily Edition vem em uma dimensão consideravelmente maior de 7.87 x 5.04 x 0.38 polegadas, tela com de 7 polegadas e resolução de 600 x 1024 pixels. Mantem os 2Gb de memória interna, mas trás a possibilidade de expansão para 32Gb por meio de um cartão de memória. Em questão de conectividade abre novas possibilidades, com opção de 3G e *wi-fi*. A sobrevida da bateria se relaciona com a conectividade utilizada, no caso de utilizar *wireless* a previsão é de 10 dias, caso não, é provável a duração de até 22 dias. O dispositivo pode ser adquirido pelo preço de \$299,99.

Já o Touch Edition vem como intermédio entre as versões Pocket e Daily. Com dimensão de 6.61 x 4.68 x 0.38 polegadas, possui tela de 6 polegadas com resolução de 800 x 600 pixels. A memória é semelhante a versão Daily e capacidade de bateria de aproximadamente 14 dias. Além de fazer reconhecimento de arquivos em formato de texto, faz também em formato áudio/mp3, para aqueles que também são adeptos dos audiobooks. Com o preço também entre as duas outras versões, os leitores podem adquirir a versão Touch pelo valor de 299,99 dólares.

Cool-er

Por sua vez, o *e-reader* Cool-er, lançado em 2009, parece ter sido criado para os utilizadores que apreciam uma estética simples e simpática, proporcionada por seu design delicado e suas oito opções de cores. Em termos técnicos não acrescenta muitas informações, pesa 178 gramas e tem uma tela de 6 polegadas, reflexiva e com oito escalas de cinza. Tem a problemática de não ser tátil, característica que agrada aos utilizadores.

Com relação a capacidade de armazenamento, possui memória interna de 1Gb, mas pode chegar a 4Gb, por meio de memória externa. De acordo com Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso “entre sus inconvenientes está que tarda en cargar los libros debido a que su conexión USB es más lenta que en otros dispositivos” (2011, p. 151).

Story e Cover Story

Outra investidora na área dos leitores com tinta electrónica é a Iriver. Já em sua segunda geração de dispositivos a empresa disponibiliza atualmente o Story e o Cover Story. A diferença mais visível entre os dois está na retirada do teclado que vinha acoplado no Story (1ª geração), bem como a disponibilização agora também em azul, enquanto que o primeiro apenas podia ser adquirido na cor branca.

Algumas características técnicas também mostram a evolução do dispositivo da Iriver. O Cover Story amplia a memória de 2Gb com um sistema de mais 500Mb e passa a trabalhar

também com conectividade *wi-fi*. Ambos, além de reconhecer arquivos de texto possuem possibilidade de acesso a *audiobooks*.

Nook

Retornando a iniciativas por partes do mercado editorial, está a da cadeia de livrarias Barnes & Noble. Financiadora do Rocket eBooks, em outubro de 2009 lançou o seu *Nook*¹⁶. A primeira geração do Nook possuía características e preços semelhantes ao dos seus concorrentes. A grande variação deu-se em 2010 quando foi lançada a nova geração do produto.

De acordo com as informações disponíveis no site oficial, o e-reader Nook trás como especificações técnicas: a utilização da tecnologia de tinta electrónica em tela sensível ao toque de 6 polegadas, com resolução de 800 x 600. O armazenamento chega a ser inferior ao do Kindle, tendo uma memória de 2GB capaz de guardar cerca de 1.000 títulos, contudo trás também a possibilidade de expansão por meio de um cartão de memória de 32GB. Uma característica interessante a ser destacável é a longa vida da sua bateria, sendo anunciada uma duração de cerca de dois meses, a partir de uma recarga de três horas, desde um computador ou via carregador direto na energia elétrica.

Quando ao acesso a títulos, o Nook, assim como o Kindle, dá aos seus usuários a possibilidade de aceder directamente ao site da Barnes & Noble, onde estão disponíveis mais de 2 milhões de publicações.

Saindo da linha dos dispositivos que usam a tecnologia de tinta electrónica, junto com o anúncio do novo Nook, a Barnes & Noble lançou o *Nook Color*. O dispositivo é classificado pela empresa como sendo um *reader tablet*, ou seja, um híbrido entre leitor de *e-book* e tablet. Dentro das suas especificações, além da tela em LCD à cores, está a possibilidade do leitor aceder a internet, via *wi-fi*, e ter acesso não apenas a livros electrónicos, mas também a todos o tipo de conteúdo *online* legíveis em uma tela de 7 polegadas com uma resolução de 1024 x 600 proporcionando 169 pixels por polegada, considerada alta. O leitor pode ainda ajustar o tipo e tamanho da fonte, cores do fundo, linhas e espaçamento. O armazenamento disponível pela versão híbrida do Nook é de 8 GB, cerca de 5.000 títulos, e ainda a expansão por meio de cartão de memória de 32 GB.

Assim como a Amazon, desde o lançamento do dispositivo próprio a empresa pôde observar o crescimento constante de vendas de livros, especialmente livros electrónicos. Anunciando o seu balanço do ano fiscal que terminou em 30 de abril de 2011, informou que atualmente para cada livro impresso estão sendo vendidos três livros electrónicos, tendo as vendas via *website* crescido 65% neste ano.

¹⁶ Cf. <http://www.barnesandnoble.com/nook/index.asp> Visualizado em 20 de junho de 2011

É visível que os investimentos que vêm sendo realizado para melhoria do seu dispositivo de leitura tem gerado um retorno direto nos lucros da empresa, como divulgado, os negócios ligados ao Nook foram responsáveis por 250 milhões de dólares em receitas, o que corresponde a mais de 300% com relação ao ano anterior.¹⁷

2.3.1 Tablets

Desde 1998 quando foi criado o primeiro dispositivo de leitura de livros electrónicos várias iniciativas que podemos relacionar diretamente ou indiretamente com a leitura digital foram lançadas e, ao que parece, a cada minuto vão surgindo, por um lado, mais consumidores ávidos por novidades e, por outro, empresas em busca de atender essas vontades e aumentar o seu número de clientes.

Além dos *e-readers* listados anteriormente, é possível hoje ter acesso a dispositivos, classificados como híbridos e nomeados como *tablets*. Os *tablets* nada mais são do que equipamentos que unem funções relacionadas a computadores portáteis e a *smartphones*, desde a funcionalidade de um à portabilidade do outros, entre outras especificações. Tem como características marcantes o tamanho, semelhante aos de um *e-reader*, acesso completo a internet via wi-fi ou 3G e tela colorida e sensível ao toque.

Apesar de não serem dispositivos ideais para a leitura, por não possuírem tecnologia de tinta electrónica e por consequência gerarem cansaço visual semelhante ao que acontece nas telas dos computadores, bem como não serem adequados para a leitura à luz do sol, por suscitarem reflexos, atualmente eles têm mantido uma relação extremamente forte com a leitura digital, a propagação e o aumento do interesse pelos livros electrónicos por parte de um público cada vez menos específico e maior.

Provavelmente essa reação é consequência de os *tablets* terem alcançado uma popularização que até hoje os *e-readers* não conseguiram e um dos grandes responsáveis por isso foi a empresa Apple, com o lançamento em 2010 do seu iPad.

Para uma melhor compreensão das especificidades e características dos *tablets* listamos os com maior destaque no mercado atualmente, de acordo com Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso (2011), sendo eles: iPad, da Apple; Folio 100, da Toshiba; Galaxy Tab, da Samsung; Dell Mini Streak, da Dell; Playback, da RIM; e Archos 70, da Archos.

iPad, da Apple

Possuindo o maior destaque e consumo entre os *tablets* lançados até o momento, o iPad, da empresa americana Apple foi lançado em janeiro de 2010. A proposta era de uma forma inovadora, levar aos usuários mais um dispositivo para completar a lista da companhia que já

¹⁷ Cf. http://ebookportugal.net/2011/06/barnes-noble-vende-mais-ebooks-que-livros-impresos/?utm_source=twitterfeed&utm_medium=twitter. Visualizado em: 26 de junho de 2011

tinha um público fiel à marca com relação aos computadores pessoais, telemóveis e tocadores de áudio digital.

Desta forma, a primeira versão apresentada do iPad uniu qualidades já presente em todos esses equipamentos, mas com medidas especiais para o novo público que se quis atingir, aqueles que buscavam estar conectados a qualquer momento via *wi-fi* ou 3G, mas também acessar vídeos, fazer leituras de *e-books* e compartilhar as informações desejáveis pelas redes sociais.

Dentre as características físicas da primeira versão lançada pelo Apple estavam: tamanho de 24,2 x 18,9 x 1,2 cm , com peso de 680g (para os aparelhos conectados via *wi-fi*) e 730g (para os aparelhos conectados via 3G). Apresentava uma tela colorida em IPS de 9.7 polegadas e resolução de 1024 x 768 pixels, enquanto a bateria tinha duração prevista de cerca de 10 horas.

Apesar de ter tido uma boa aceitação por parte dos utilizadores, faltava alguns detalhes que alguns *tablets* concorrentes já começaram a suprir, a exemplo da falta de câmara, impossibilidade de expansão de memória, restringida à internet de 16, 32 ou 64 GB e entrada USB limitada à uma porte de conector de 30 pinos.

Em março de 2011 foi apresentada a segunda geração do *tablet* e dentre as novidades estavam a presença de duas câmeras, uma frontal outra traseira, e o peso de 601g e 613g. Porém com relação a memória e à saída USB as definições permaneceram as mesmas.

Por não se tratar de um dispositivo específico para leitura de livros electrónico, apesar das possibilidades de aquisição de produtos estarem sobre regulação da Apple, os utilizadores podem ler *e-books* que não estejam apenas disponível na *iBook Store*, livraria virtual da empresa.

Folio 100, da Toshiba¹⁸

Assim como os demais *tablets*, o Folio 100, da Toshiba, informa no seu site oficial à que se propõe: “uma experiência totalmente integrada e de fácil utilização na área do entretenimento, redes sociais e internet móvel”.

Para alcançar tal experiência o *tablet* não trás grandes diferenciações, tendo como especificações: Dimensão de 281x180.9x14 mm, peso de 760g, tela com 10.1 polegadas e resolução de 1024 x 600 pixels. Os modos de conectividade disponíveis são em *wi-fi*, *bluetooth*, 3G e HDMI. Possui memória interna de 16g, mas vem com a possibilidade de expansão por um cartão MMC/SD de 32Gb. Uma das características que não se pode encontrar no iPad é a saída USB 2.0.

¹⁸ Cf. <http://www.toshiba-multimedia.com/pt/media-tablet/folio100/> Visualizado em 10 de junho de 2011

Galaxy Tab, da Samsung¹⁹

Assim como a sua principal concorrente, a Samsung já entrou na segunda geração dos seus *tablets*, o Galaxy Tab. Lançado em outubro de 2010, a primeira geração vinha chamando a atenção pelo seu tamanho reduzido em relação aos demais *tablets*, com dimensões de 190,09 x 120,45 x 11,98 mm e tela de 7 polegadas, atraía pelo fácil manuseio.

Além do seu tamanho, o Galaxy Tab trouxe como especificações a presença de uma câmera para vídeo-conferências e vídeo-chamadas, conectividade em wi-fi, bluetooth, 3G e HDMI, e ainda “incluye el Reader’s Hub, que permite acceder a los periódicos y revistas y una antena de televisión para captar los señales de televisión abierta.” (Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 156)

A nova geração, o Galaxy Tab 10.1, lançado em junho deste ano, trouxe duas grandes novidades. O novo tamanho, se adaptando ao padrão dos demais, em 10.1 polegadas, porém mantendo a leveza com seu peso de 589g. E a possibilidade de agregar um teclado aos modos convencionais, para os utilizadores que necessitam realizar tarefas que peçam algo mais do que o sistema de sensibilidade ao toque pode proporcionar.

Dell Mini Streak, da Dell²⁰

De acordo com Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso (2011) dentre os *tablets* o da Dell é o que mais se assemelha a um telemóvel, tanto pela sua dimensão quanto pelas suas capacidades.

As dimensões são 152.9 x 79.1 mm x 9.98 mm, tela de 5 polegadas em LCD com resolução de 800 × 480 pixels e pesa 220, o mais leve entre os tablets. Já a capacidade deixa a desejar, tendo apenas 1.63Gb, necessitando um extensão por cartão MicroSD para alcançar os 32 Gb.

BlackBerry Playback, da RIM

A canadense Research In Motion (RIM) só em 2011 iniciou seu investimento na área de criação de *tablets*, lançando em abril seu BlackBerry Playback. A empresa, que ficou famosa pelos telemóveis inteligentes BlackBerry teve como atrativo em seu *tablet* a integração que pode haver entre os dois, e o uso da sistema operacional próprio QNX, além disso, não houve nenhuma grande novidade se comparado aos outros tablets que já estão no mercado.

Dentre as características físicas: tela em LDC de 7 polegadas, com medidas de 5.1" x 7.6" x 0.4" e peso de 400g e duas câmeras, uma frontal e outra traseira. Com relação a

¹⁹ Cf. http://www.samsung.com/pt/consumer/mobile-phone/mobile-phone/entertainment/index.idx?pagetype=subtype_p2 Visualizado em 10 de junho de 2011

²⁰ Cf. <http://www.dell.com/us/p/mobile-streak/pd> Visualizado em 10 de junho de 2011

conectividade trás a opção apenas de wifi, ficando para trás de outros modelos que integram também a opção de 3G²¹.

Archos 70, da Archos.

Ao contrário da anterior, a francesa Archos tem em seu portfólio várias opções de *tablets* e *e-readers*. Porém nenhum dos equipamentos possui, atualmente, características inovadoras.

Boa parte dos dispositivos lançados pela Archos fazem uso do sistema operativo Windows, sendo o mais popular facilita em questão de usabilidade, já que a maioria das pessoas estão acostumadas aos softwares e aplicativos deste sistema. Em troca, trás também os riscos e as fragilidades, como os virus, comuns em equipamentos que operam com o Windows.

O *tablet* destacado por Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso (2011) faz uso do sistema operativo Android 2.2. As características físicas do Archos 70 são: tela em LCD de 7 polegadas com resolução de 800 x 400 pixels. Peso de 300g e conectividade por meio de *wi-fi* e *Bluetooth*.

O Archos 70 é interessante para o acesso a livros electrónico por ser compatível com quase todos os formatos existentes no mercado, seja de áudio, video ou texto.

2.3.2 Formatos

Segundo Maria Manuel Borges um dos problemas que se enfrenta quando está em análise o uso dos documentos digitais é a ausência física: “objecto existe mais a sua existência é, de algum modo virtual, o que conseqüentemente se repercute na importância a atribuir aspectos que, nos documentos físicos, estão associados ao suporte” (Borges, 2002, p. 34) .

Além da relação com os dispositivos de leitura que podem ser utilizados para ter acesso a um *e-book*, outro aspecto a ser considerado são os formatos destes documentos, importantes para que seja possível uma legibilidade e durabilidade, mesmo em ambientes *online*.

Desde o início da digitalização dos livros tradicionais até a publicação direta ao universo online foram vários os formatos utilizados para disponibilizar os livros electrónicos. As empresas fabricantes de *e-readers* e *tablets* vêm investindo no que seria um formato *padrão* para os *e-books*, porém, por diversos fatores até o momento ainda não é possível referenciar um formato oficial para os livros electrónicos, como por exemplo, o formato mp3 para a música, apesar de parecer estar muito próximo disto.

A importância de se analisar os formatos dos livros electrónicos é porque são eles que proporcionam a qualidade ideal para a legibilidade do *e-book*, e ainda, que vai delimitar as possibilidades de manuseio do arquivo.

²¹ Cf. <http://us.blackberry.com/playbook-tablet/> Visualizado em 10 de junho de 2011

Ao princípio estas empresas restringiam o reconhecimento de formatos variados deixando de leitura por parte dos seus equipamentos a formatos próprios ou pouco flexíveis, limitando os utilizadores, que perdiam por completo a liberdade de escolha, como refere Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso:

“En principio cada fabricante de *e-books* tenía sus propios formatos propietarios (AZW, MobiPocket, fb2 ...), lo que provocaba un efecto <<torre de Babel>> que impedía el intercambio de ficheros entre lectores, ya que los que eran válidos para un dispositivo no lo eran para otros.” (Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 126)

Bem como existem razões para se estabelecer um formato universal, também é compreensível as razões para criar um formato próprio. O mundo electrónico convive constantemente com a sombra da pirataria e do plágio. Criando um formato próprio, tanto as livrarias em linha quanto as empresas dos dispositivos electrónicos, conseguem ter um controle muito maior daquilo que se está disponibilizando ao seu público, uma vez que só poderá utilizar o mesmo dispositivo para ler o livro adquirido. Em contraponto, é evidente que esta razão é um grande empecilho ao utilizador e por consequência a valorização dos dispositivos de leitura.

A solução que algumas empresas têm buscado para o fato de não existir um formato padrão é implantar em seus dispositivos a possibilidade de leitura para padrões variados, ou, ainda, a possibilidade de conversão de arquivos distintos.

Dentre os formatos mais utilizados atualmente estão o PDF, Mobipocket, fb2, lit e o ePub. Sendo o formato pdf o mais popular e o ePub o mais versátil.

O *Portable Document Format* (PDF)²² ganhou imensa popularidade pela eficiência com a qual conseguiu cumprir seu objetivo, ser um formato de documento de texto, imagem ou gráficos que pudesse ser reconhecido por qualquer sistema operativo, aplicativo ou *hardware*.

Desenvolvido pela Adobe Systems, em 1993, é um formato em padrão aberto e seu aplicativo de criação é disponibilizado gratuitamente para ser usado por qualquer pessoa. Os arquivos em PDF podem ser gerados a partir de outros formatos ou diretamente no *software* que se estiver utilizando. A vantagem de criar diretamente é a qualidade, sendo um arquivo gerado a partir de outros formatos o PDF nem sempre pode manter a qualidade esperada.

Com relação os livros electrónicos em PDF a legibilidade é o ponto crucial. O PDF por se tratar de um arquivo estático nem sempre se adapta a qualquer dispositivo de leitura, mesmo aqueles que possuem a opção por esse formato. Como afirma Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso:

“PDF es un formato <<no liquido>>, es decir, está sujeto al tamaño de la pantalla para el que fue creado, habitualmente DIN A4, y no puede ser redimensionado, por lo que ase adpata mal a las pantallas de los lectores de libros electrónicos, que oscilan entre las

²² Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Portable_document_format Visualizado em 15 de junho de 2011

cinco y las 10 pulgadas.” (Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 126)

A versatilidade encontrada no formato ePub fez com que atualmente tenha sido visto como uma possibilidade de tornar-se um formato normalizado. Foi desenvolvido pelo IDPF (Internacional Digital Publishing Forum) como um formato específico para livros eletrônicos, sendo sigla para *Electronic Publication*, com o objetivo de ser reconhecido e possibilitar a leitura em qualquer tela, sem fazer distinção às dimensões ou ao sistema operativo, possibilitando ao usuário um maior manuseio do arquivo, seja no sentido de escolha quanto ao dispositivo de leitura ou mesmo alterações como tamanho e tipo de fontes.²³

Um dos responsáveis pela popularização do formato ePub foi a Google Books. Esta plataforma online de livros eletrônicos disponibilizava até 2009 toda a sua coleção em PDF, mas a partir deste ano inseriu a possibilidade de também serem descarregados *e-books* em ePub, o que gera mais de um milhão de exemplares disponíveis neste padrão. (Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 127)

Outra característica do ePub que está auxiliando na sua estruturação enquanto formato padrão para livros eletrônicos é a possibilidade de inserção de DRM. Sigla para *Digital Rights Management*, o DRM está ligado à necessidade por parte das editoras de salvaguardar os direitos do autor.

Compreendendo as facilidades existentes no meio virtual para o plágio e a propagação em uma velocidade impressionante e de forma irregular de documentos que estão protegidos pela direito do autor e a Lei de Propriedade Intelectual foi criado o DRM. Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso (2011 p. 135) definiu como sendo “un concepto y a la vez un dispositivo con un sistema de cifrado que combina hardware y software con la finalidad de establecer los usos permitidos por el titular de los derechos sobre una obra digital”.

Para tal, as indústrias utilizam técnicas de encriptação que geram um sistema de controle sobre a obra depois dela ser adquirida pelo leitor. Por exemplo, estando uma obra utilizando DRM é de direito da empresa pela qual o leitor adquiriu a publicação, regular como essa obra será acedida ou se poderá realizar atividades como marcação, cópia ou transferência para um outro dispositivo de leitura em simultâneo. Ou seja, as editoras e o autores tem total acesso sobre as atividades que estão sendo realizadas com a obra, incluso a possibilidade de criar restrições. Existem controvérsias sobre a boa forma de utilizar esta técnicas, sendo inclusive para alguns criticos o DRM visto como uma ferramenta que retira do leitor o direito de utilização livre do seu exemplar, como acontece no caso dos livros impressos.

Este controle dado aos editores e autores sobre as obras digitais e a possibilidade de incluir tal técnica no formato valoriza ainda mais o ePub.

²³ Cf. Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 76

Se tratando dos formatos proprietários destacamos o Mobipocket. Este trata-se de um formato proprietário utilizado pela Amazon em seu dispositivo de leitura Kindle. Como é de se imaginar, assim como todo o software proprietário esse formato tem uma grande limitação por só ser reconhecido no seu hardware de referência, restringindo os leitores de fazerem leitura em dispositivos alheios.

2.3.3 Fortalecimento dos Livros Eletrônicos

A evolução dos meios tecnológicos e o crescimento no seu acesso têm sido a combinação responsável pelo fortalecimento dos livros eletrônicos, seja para o mercado da edição ou na abertura por parte dos leitores em geral a esta nova forma de leitura.

Por muitos anos, tanto para críticos como para utilizadores, o uso dos livros eletrônicos parecia que teria como futuro se manter restrito as publicações acadêmicas e científicas. Atualmente é possível observar uma atmosfera inversa, com *best-sellers* sendo republicados em versão eletrônicas, autores publicando diretamente em plataformas digitais e o aumento do número de exemplares desta natureza crescendo constantemente.

Relacionar tais feitos a evolução dos dispositivos de leitura e surgimento dos *tablets* é inevitável, a leitura digital nunca havia sido tão popular como passou a ser depois dos lançamentos dos mais variados modelos de *e-readers*. As novas gerações, os nativos digitais, provavelmente terão uma forma diferente de observar um livro e o próprio processo de leitura.

Manuel Portela, em *HiperTexto como Metalibro* afirma que “a digitalização dos textos e a sua estruturação em hipertexto dissolve quer os limites do livro e dos demais formatos impressos, quer os limites da biblioteca enquanto ordenação das figurações do mundo” (Portela, *Hipertexto como metalibro*, 2003, p. 2).

A popularização dos *e-readers* e *tablets* tem feito com que os leitores se interessem cada vez mais tanto das novas ferramentas que se pode agregar a um livro quanto das novas formas de acesso que pode ser utilizado. Um livro já não se restringe as letras, nem para encontrá-lo as pessoas necessitam se limitar as bibliotecas ou livrarias convencionais. Como afirmou Portela.

Com relação à natureza do texto digital, o autor acrescentou ainda:

“A textualidade digital revela a natureza visual da linguagem que sustenta todas as formas textuais. A existência desta lógica metagráfica, isto é, de uma lógica que liga o conteúdo conceptual e o conteúdo visual dos textos, é um dos aspectos salientes na análise da produção literária eletrônica, seja na reedição eletrônica de formas bibliográficas, seja na produção ab initio de literatura digital” (Portela, *Hipertexto como metalibro*, 2003, p. 1).

Em contraponto, no ano 2010, em entrevista ao jornal brasileiro Folha de S. Paulo, Juergen Boos²⁴, diretor da Feira de livros de Frankfurt, considerado o maior evento editorial do mundo, comentou sobre o risco em acrescentar ferramentas multimídia aos livros electrónicos. De acordo com Boos tais ferramentas como dublagens e animações que se utilizam de tecnologia 3D romperiam com o sentido imaginativo da leitura já que personagens e cenários serão introduzidos diretamente aos leitores, no entanto, Boos acrescenta que tais ferramentas utilizadas em livros profissionais e de não-ficção podem tornar os livros electrónicos mais atrativos, sendo assim de grande valia.

Os livros electrónicos conseguiram vencer nesta década a barreira onde haviam sido colocados como objeto de sonhos. As diversas tentativas frustradas vivenciadas nos anos 90 ficaram para trás e agora os livros electrónicos já são uma realidade no cotidiano de toda a gente e isso faz crescer as iniciativas neste entorno como nunca.

A literatura em língua portuguesa ainda anda a passos lentos, porém já é possível observar diversas iniciativas que têm tornado possível aos leitores lusófonos adentrarem ao mundo dos *e-books* rompendo limites e fronteiras.

²⁴ Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/foha/informatica/ult124u717325.shtml> Visualizado em 07 de abril de 2011

3. Língua Portuguesa Além das Fronteiras

3.1 Portugal e o acesso à internet

As tecnologias da informação e da comunicação vêm ao longo das últimas décadas se estabelecendo de uma forma extremamente penetrante. Os indivíduos que integram a sociedade informatizada chegaram a um estágio de utilização de ferramentas digitais consideravelmente alto, comparado às décadas anteriores, e o que se pode observar é a tendência a um constante crescimento do acesso e da utilização das TIC's por todos os setores e seus envolvidos.

O Instituto Nacional de Estatística²⁵ atualizou em fevereiro de 2011 os dados referentes ao número de acessos à internet realizados desde Portugal, entre os anos de 2005 e 2009. A partir desde dados verifica-se que a sociedade portuguesa tem inserido cada vez mais em seu cotidiano o uso da Internet, chegando em 2009 a quase 10% da população²⁶, tendo o crescimento de mais de 45 mil usuários²⁷, se comparado ao ano de 2005.

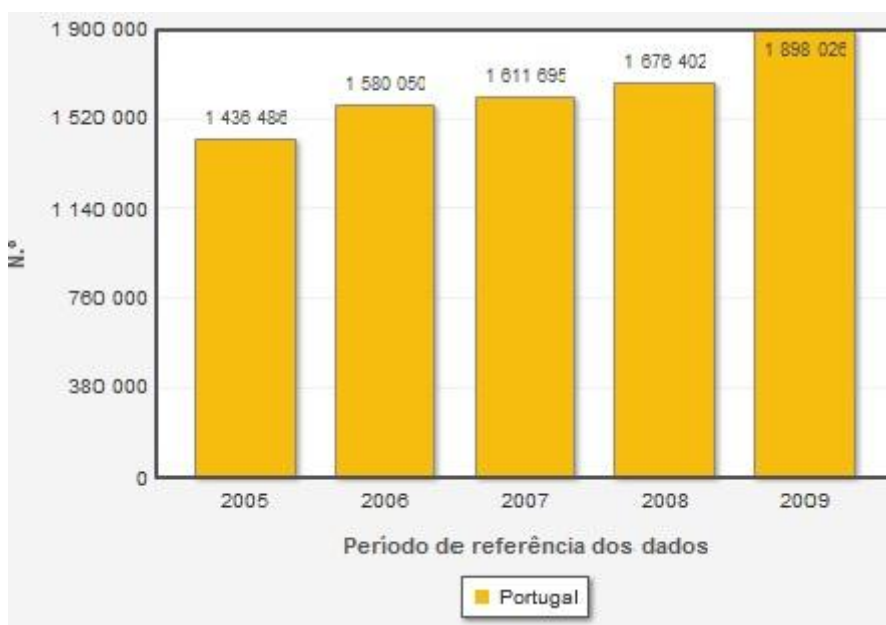


Figura 3 - Acessos à Internet (N.º); Anual²⁸

Com relação aos interesses da sociedade portuguesa durante o seu tempo na Internet, Gustavo Cardoso e Firmino Costa (2004) projetaram a seguinte tabela:

²⁵ Cf. www.ine.pt Visualizado em 21 de julho de 2011

²⁶ Tendo como base indicadores atualizados em 7 de junho de 2011 : http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000611&contexto=pi&selTab=tab0 Acesso em 21 de julho de 2011

²⁷ Nota do INE : Os dados relativos aos "Assinantes do acesso à Internet" foram revistos desde 2000, referindo-se agora a cada indivíduo como um único cliente, apesar de poder utilizar vários acessos e operadores diferentes à Internet.

²⁸ Cf.

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000384&contexto=bd&selTab=tab2 Visualizado em 21 de julho de 2011

Tabela 3 - Objetivos de utilização da internet, por gerações informacionais em Portugal (%)²⁹

Objetivo	16-26 anos	27-38 anos	39-51 anos	51 anos
Enviar ou receber mensagens de email	72,9	76,6	69,4	71,1
Navegar pela Internet sem objetivos concretos	68,2	65,4	54,5	65,8
Consultar bibliotecas, enciclopédias, dicionários	51,2 (1)	45,0 (2)	43,3 (2)	48,6 (2)
Participar de chats ou <i>newsgroups</i>	47,9 (2)	37,3 (5)	29,8 (4)	15,8 (2)
Download de músicas da internet	42,9 (3)	31,1 (10)	20,7 (-)	15,8 (-)
Inteirar-se de notícias na imprensa geral	35,2 (4)	46,4 (1)	33,9 (3)	52,6 (1)
Inteirar-se de notícias esportivas	31,5 (5)	32,5 (9)	16,7 (-)	15,8 (-)
Fazer download de software da rede	30,7 (6)	32,7 (8)	20 (10)	18,4 (10)
Pesquisar informação sobre espetáculos	30,1 (7)	37,3 (5)	22,3 (8)	26,3 (7)
Combinar ou marcar saídas com amigos	28,6 (8)	25,8 (-)	7,5 (-)	13,2 (-)
Jogar videogames pela internet	27,9 (9)	15,4 (-)	15 (-)	10,8 (-)
Contatar com amigos quando está desanimado	26,7 (10)	25,3 (-)	12,5 (-)	7,9 (-)
Pesquisar informação sobre viagens	19,3 (-)	39,9 (4)	29,2 (5)	42,1 (4)
Pesquisar informação sobre a sua cidade	23,7 (-)	34,4 (7)	26,4 (7)	36,8 (5)
Pesquisa informação sobre: a sua saúde; de pessoas próximas	13,5 (-)	23,4 (-)	20,8 (9)	23,7 (8)
Pesquisar informação sobre serviços públicos	13,0 (-)	40,9 (3)	45,8 (1)	35,1 (6)
Comprar outras coisas ³⁰	8,1 (-)	9,6 (-)	7,4 (-)	21,1 (9)
Realizar operações com o seu banco	13,9 (-)	35,1 (6)	28,3 (6)	43,2 (3)

²⁹ Cf. Cardoso, 2007, p. 348

Nota do autor: Os números entre parênteses indicam a posição em relação ao primeiro do ranking

³⁰ Nota do autor: Outras coisas que não sejam produtos alimentícios e de limpeza, livros ou CD's, produtos de informática, nem ingressos para espetáculos.

Analisando os dados disponibilizados pelos autores é possível verificar uma semelhança entre as quatro gerações que fazem uso da Internet: utiliza-la para a obtenção da informação de uma forma generalizada, apesar da variação na relação de prioridade. Esta característica fortalece o sentido da Internet como um dos nós da Sociedade em Rede e ponto de convergência para a busca de informação e conhecimento. Os portugueses observam na Internet, além de um espaço onde possa ser encontrados instrumentos para comunicação, como o correio electrónico, ou de entretenimento, mas também de acesso a informações, que outrora seria comumente acessível de maneira *off-line*, mas que agora se apresenta como uma forma muito mais simples e acessível em todos os lugares e a todo o momento.

Verificando ainda os dados da tabela 3, enquanto as gerações com idade entre 39 e 51 anos priorizam a busca por informações sobre serviços públicos, saúde, sua cidade ou notícias, as gerações mais jovens adiciona aos seus interesses o acesso aos ambientes de interação social e de acesso a novas tecnologias.

É relevante também observar o interesse de todas as gerações, sendo prioritário para os mais jovens, em consultar bibliotecas, enciclopédias e dicionários. Infelizmente na pesquisa realizada por Gustavo Cardoso e Firmino Costa (2004) não é destacada o termo livro electrónico e mesmo em análise feita à base de dados ISI (*Web of Knowledge*) não foi possível encontrar publicações ou citações do termo em português que comprovassem em números o uso por parte da população portuguesa de *e-books*. Porém, tendo como fonte o ponto que foi descrito pelos dois autores, não é contraditório afirmar que um público em busca de informação e conhecimento em rede cresce a cada dia e que o acesso às bibliotecas, enciclopédias e dicionários mostra que os usuários que buscam ter acesso à Internet já fazem dos espaços virtuais ambientes de busca à publicações em geral.

3.2 Como a literatura portuguesa está disponibilizada virtualmente

Com base na definição de habilidade por parte da *American Library Association* (ALA, 2004), Gustavo Cardoso (2007) destacou a possibilidade de desprender a habilidade de um conceito genérico e propôs a sua aplicação quando relacionada aos sistemas informacionais disponíveis atualmente.

Definida como *habilidade informacional*, corresponderia a “um conjunto de capacidades requeridas aos indivíduos, no sentido de reconhecerem quando uma informação é necessária e possuírem a capacidade de a localizar, avaliar e utilizá-la eficientemente.” (Cardoso, 2007, p. 313)

O acesso aos livros electrónicos têm crescido consideravelmente nos últimos anos. A responsabilidade deste crescimento pode ser atribuída a todos os setores envolvidos, desde a cadeia que conduz a setor editorial, bem como, aos atores que foram acrescentados a esta cadeia em

consequência da revolução tecnológica que estamos acompanhando, e provavelmente ao ponto mais importante da rede, os leitores em geral e o crescimento da *habilidade informacional* por parte dos mesmos.

De acordo com Jorge M. Martins em 1999, na altura em que eram iniciados os projetos envolvendo os livros electrónicos, cadeia do livro podia ser definida da seguinte forma:

Tabela 4 - Cadeia do Livro³¹

Autores	Produtores de conteúdo: escritores, redactores, coordenadores editoriais, tradutores, artistas, ilustradores, fotógrafos,
Editores	Mediadores entre autores e mercado, mediante recurso a pericialidades terceiras, a montante e a jusante.
Gráficos	Design gráfico, circuito clássico (pré-impressão, impressão, acabamento, embalagem), novos circuitos (produção electrónica, intermediação digital)
Distribuidores	Canais directos (clubes, feiras, correio directo, porta-a-porta), canais indirectos (distribuição impor/expor, livrarias, supermercados), novos canais (comércio electrónico)
Mercados	Bibliotecas, mediadores culturais, geografias de destino da língua, consumidores de informação, leitores.

Baseando-se nesta divisão e analisando o mercado editorial na atualidade podemos observar, a primeira vista, que a criação dos livros electrónicos alterou, em alguns casos, a relação autor – editor e proporcionou ao mercado editorial uma ampliação nas possibilidades de distribuição e mercados. Em relação aos setores gráficos podemos relacionar as alterações não apenas com a entrada dos livros electrónicos, mas ao fator anterior, o da utilização de recursos de digitalização.

Acrescido ao fenómeno da digitalização, a popularização dos *e-readers* e dos *tablets* fez com que as iniciativas em torno da publicação digital só aumentassem, desde a criação de novos títulos, novos pontos de venda em linha e novos ambientes digitais de acesso gratuito.

O mercado editorial português, assim como as demais iniciativas relacionadas à leitura, a exemplo das bibliotecas digitais ou projectos independentes, se comparados a alguns países europeus como a Espanha, França ou Alemanha, ou mesmo em contraste mundial como Japão ou Estados Unidos, ainda podem ser considerados em fase inicial de desenvolvimento, mesmo já apresentando projectos com potencial visível.

Contudo, observando os dados referente aos usuários e o seus interesses na Internet (quadro 1 e tabela 4) é natural compreendermos que em Portugal o mercado de livros inicia sua

³¹ Cf. Martins, 1999, p. 3

atuação, em paralelo ao que cresce a habilidade, o conhecimento e a importância que os leitores dão as informações que são compartilhadas em rede.

A ampliação do setor de distribuição na cadeia do livro também é outro ponto relevante a ser levado em consideração e que nos leva a compreender de uma forma mais precisa como está atualmente disponibilizada a literatura em língua portuguesa no universo *online*.

Na divisão realizada por Jorge M. Martins (Martins J. M., 1999, p. 3) este setor compreende “canais directos (clubes, feiras, correio directo, porta-a-porta), canais indirectos (distribuição impor/expor, livrarias, supermercados) e novos canais (comércio electrónico)”.

No universo do livro electrónico o que observamos é a concentração nas iniciativas ligadas aos novos canais de distribuição que passam a ser além do comércio electrónico em *websites* de compras genéricas, mas alcança a criação de espaços virtuais integralmente dedicados a esse nicho de mercado, com opções que se ampliam a cada dia.

Para este estudo sublinhamos não apenas iniciativas geradas no mercado editorial português, incluindo outros projectos que dão acesso aos leitores portugueses ou estrangeiros a publicações em língua portuguesa, e ainda ações que não se relacionam diretamente com o mercado, mas que se disponibilizam ao papel de distribuidores de livros electrónicos, em consequência de conhecimento, informação e literatura de forma livre e gratuita.

Podemos dividir as iniciativas que integram esse novo canal de distribuição do livro electrónico em três gêneros, plataformas *online* ligadas às editoras de livros impressos, plataformas relacionadas a *e-readers* e, plataformas independentes e bibliotecas *online*.

3.2.1 Plataformas online ligadas a editoras de livros impressos

O mercado editorial electrónico teve início em projectos lançados pelas editoras em busca de primeiramente ampliar o alcance de venda dos seus livros fazendo uso do novo canal de distribuição que surgia, o comércio electrónico, e que as pessoas começavam a se interessar. As iniciativas ainda não se relacionavam a publicações em versões electrónicas, tinha como objetivo apenas disponibilizar os catálogos dos livros impressos em versões online. A vanguardista neste tópico foi a National Academy Press (NAP)³² que em 1995 lançou o seu primeiro catálogo *online*, seguida pela MIT Press (MIT – Massachusetts Institute of Technology)³³. (Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 110)

Ambas editoras, ligadas ao ramo da edição académica, publicaram seus catálogos em seu idioma de origem, o inglês, e não possibilitaram, nem tão pouco atualmente, versões em outros idiomas. É notória a predominância de iniciativas surgidas nos Estados Unidos, principal pólo de produção de edições electrónicas, e muitas delas se mantêm no idioma nativo, porém,

³²Cf. <http://www.nap.edu/> Visualizado em 10 de julho de 2011

³³ Cf. <http://mitpress.mit.edu/main/home/default.asp> Visualizado em 10 de julho de 2011

hoje já podemos encontrar editoras multinacionais que também disponibilizam títulos e versões em língua portuguesa, bem como iniciativas próprias surgidas no mercado editorial de Portugal.

Barnes & Noble³⁴

Barnes & Noble, uma das maiores redes de livrarias mundiais, foi fundada em 1873 em Wheaton, Illinois, Estados Unidos, ainda enquanto gráfica. Somente no ano de 1917 seus fundadores Charles M. Barnes, William Barnes e G. Clifford Noble abriram a livraria, de mesmo nome, desta vez na cidade de Nova York.

A marca maior da Barnes & Noble no mercado dos livros electrónicos é o seu dispositivo de leitura, o NOOK, que com tecnologia de tinta electrónica tem conseguido se manter forte na acirrada corrida pelo mercado do *e-book*.

A rede de livrarias não tem versão online em língua portuguesa, porém disponibiliza por meio do seu *website* em inglês diversos títulos da literatura lusófona. A grande fragilidade para o acesso a esses títulos é a falta de uma seção ou de uma hiperligação que ajude ao leitor seleccionar primeiramente o idioma do seu interesse, o que torna muitas vezes a busca consideravelmente desgastante.

Por ser uma rede de livrarias que também integra o mercado de livros impressos no *website* é possível encontrar catálogos de ambos tipos de publicação, porém o leitor pode se dirigir diretamente a *NOOK Book Store*, na qual encontrará títulos disponíveis apenas para dispositivos de leitura.

Utilizando o sistema de busca da secção de *e-books* quando indicado o termo *livro* é possível obter 93 resultados. Dentro os resultados, todos correspondem a livros em português, porém com o risco de falha, já que basta ter o nome livro dentre as referências para ser indicado pelo buscador, não confirmando se realmente se trata de um livro em português. Indicando o termo *portugues* o número de resultados cai para 55, já com os termos referentes diretamente a autores como *Fernando Pessoa* e *José Saramago* é possível 26 e 38 resultados, respectivamente. Como o site é em inglês outro termo que facilita a busca é se o *portuguese edition*, que quando utilizado localiza 964 títulos.

O preço de vendas dos e-books em português encontrados estão em torno de \$ 0,99, \$3,99, chegando até a \$14, 99. A conclusão que podemos tirar desta breve análise é que, apesar de estar em forma reduzida, redes mundiais de livrarias já disponibilizam títulos em português e com preços muito mais acessíveis do que as versões impressas, levando ainda em consideração a não precisão de pagamento de frete, visto que são títulos electrónicos.

³⁴ Cf. <http://www.barnesandnoble.com/ebooks/index.asp> Visualizado em 12 de julho de 2011

Harlequin Portugal³⁵

Com um mercado dirigido aos livros românticos, a Harlequin é uma editora portuguesa e no ano de 2011 iniciou a disponibilização de livros electrónicos em seu catálogo *online*, dividindo espaço com os livros impressos que já vinham sendo disponibilizados para compras virtuais.

Os catálogos disponíveis na loja virtual da Harlequin Portugal estão divididos em duas secções: catálogo do mês e catálogo de *e-books*. Dentre os livros selecionados mensalmente são divulgados tanto electrónicos como impressos, já o segundo é exclusivo.

Acessando o catálogo de *e-books* podem ser adquiridos 72 títulos distintos. Todas as publicações estão em língua portuguesa, mas a grande maioria não é escrita por autores lusófonos, pertencendo à literatura universal.

Uma outra forma de buscar os *e-books* na loja virtual da Harlequin Portugal é acessando uma das coleções localizadas na barra lateral do site, sendo elas: Especial Sabrina, Bianca, Sabrina, Desejo, Minissérie Desejo, Minissérie Sabrina, Minissérie Bianca, Especial Sabrina, Especial Harlequin Internacional, Euromance, Senhores do Deserto, A Casa Real de Karedes, Harlequin Internacional, Tiffany, Romantic Stars, Biblioteca Nora Roberts, Ómnibus Temático, Ómnibus Paixão, Ómnibus Sabrina, Horóscopos 2011, Packs Promocionais e Especial Romantic Stars.

Os preços dos *e-books* vendidos pela Harlequin Portugal vão desde um euro, até 4, 35 euros. E uma secção interessante que a editora disponibilizou para os leitores de livros electrónicos foi a de *e-books-processo de descargas*. Neste espaço todos os usuários podem compreender como funciona o sistema de compra, descarga e uso dos livros electrónicos, indicando as instruções necessárias, como segurança, sistemas de DRM, sistemas operacionais compatíveis, entre outros.

³⁵ Cf. http://harlequinportugal.com/catalogo_do_ebooks.aspx Visualizado em 15 de julho de 2011.

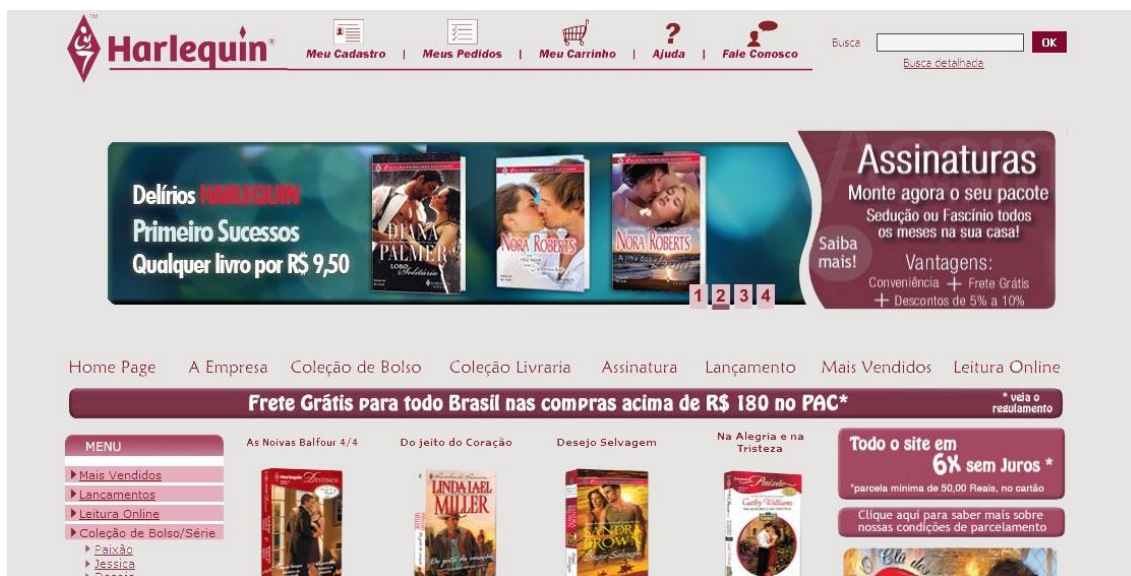


Figura 4 - Página Principal da Harlequin³⁶

Babel³⁷

Presidida por Paulo Teixeira Pinto, Presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, é uma das iniciativas portuguesa que atualmente investem no universo dos livros electrónicos em Portugal, a Babel, disponibilizando em sua loja virtual (*e-loja*) um grande número de títulos, chegando a cerca de 160.

Os livros presentes no catálogo em linha foram publicados por diferentes chancelas, como Arcádia, Athena, Ática, Centauro, PI, Guimarães. K4, Ulisseia. Verbo. O fato de integrar várias editoras portuguesas em um só espaço faz com que se torna mais amplo este espaço virtual.

Esse número está dividido em 29 secções de acordo com os gêneros literários sendo elas: Infanto-Juvenil, Poesia, Romance, Literatura Juvenil, Ficção, Textos de Intervenção, Filosofia, Thriller, K4, Contos, Economia, Publicidade, Gestão e Organização, Memórias, Epístolas e Cartas, Desenvolvimento Pessoal, Crónicas, Humor, Entrevistas, Biografia, Juvenil, Teatro, Prosa, Poética, Música, Autobiografia, História, Memórias & Testemunhos e Medicina Geral.

Todos os títulos disponibilizados na *e-loja* estão em língua portuguesa, porém dividido entre autores lusófonos e universais, sendo estes últimos os predominantes.

Com relação ao preço dos e-books vendidos pela Babel a uma variação e está, na sua maioria, depende do gênero selecionado. Alguns títulos podem ser comprados entre 3 e 5 euros, enquanto outros variam de 10 a 20 euros.

³⁶ Cf. www.harlequinportugal.com Visualizado em 25 de julho de 2011

³⁷ Cf. <http://www.babel.pt/> Visualizado em 15 de julho de 2011

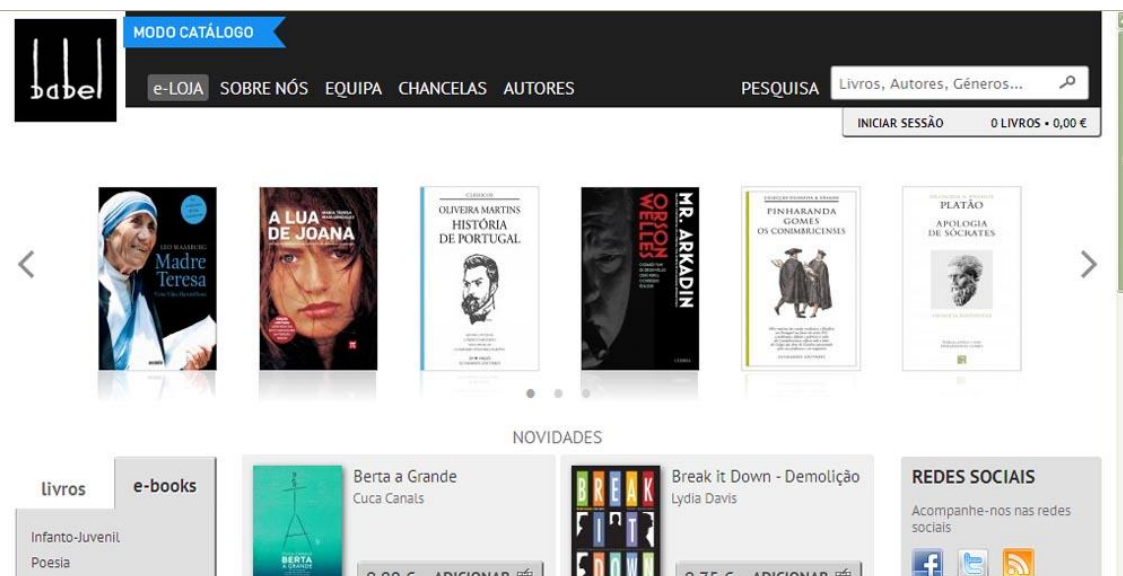


Figura 5 - Página Principal da Babel

Leya³⁸

A Leya é uma empresa *holding* fundada no ano de 2008 que reúne um grupo de editoras atuantes em países lusófonos divididos em três continentes, Europa, África e América do Sul. Dentre as editoras que formam o grupo Leya estão Academia do Livro, ASA, BIS, Caderno, Caminho, Casa das Letras, D. Quixote, Estrela Polar, Gailivro, Livros d'Hoje, Lua de Papel, Novagaia, Oficina do Livro, Quinta Essência, Sebenta, Teorema, Texto.

As editoras do grupo se dividem em vários gêneros literários e tipos de publicações, de forma que conseguem abarcar diversas possibilidades, enquanto umas possuem um foco em livros didáticos, outras publicam e exportam clássicos da literatura portuguesa, entre outros.

No seu texto de divulgação em seu *website* a Leya destaca seu diferencial diante das outras editoras que buscam espaço na mídia digital, ser protagonista no mercado do livro em língua portuguesa. Por essa razão, apesar da fundação em Portugal, conta hoje com profissionais atuantes em Moçambique, Angola e Brasil, reunindo o máximo de representações lusófonas.

Com relação aos livros electrónicos, a Leya criou um diferencial em relação as demais editoras portuguesa, lançando, não apenas um catálogo em linha, mas uma loja virtual paralela ao *website* do grupo, a *MediaBooks*³⁹, que inclui todos os catálogos do grupo, além desta iniciativa o grupo Leya conta também com um ambiente em linha dedicado apenas ao público académico o Leya - Universia⁴⁰, criado em parceria com a rede ibero-americana de colaboração universitária Universia.

³⁸ Cf. <http://www.leya.com/> Visualizado em 15 de julho de 2011.

³⁹ Cf. <http://www.mediabooks.com/> Visualizado em 17 de julho de 2011.

⁴⁰ Cf. <http://www.leya.universia.pt/> Visualizado em 17 de julho de 2011.

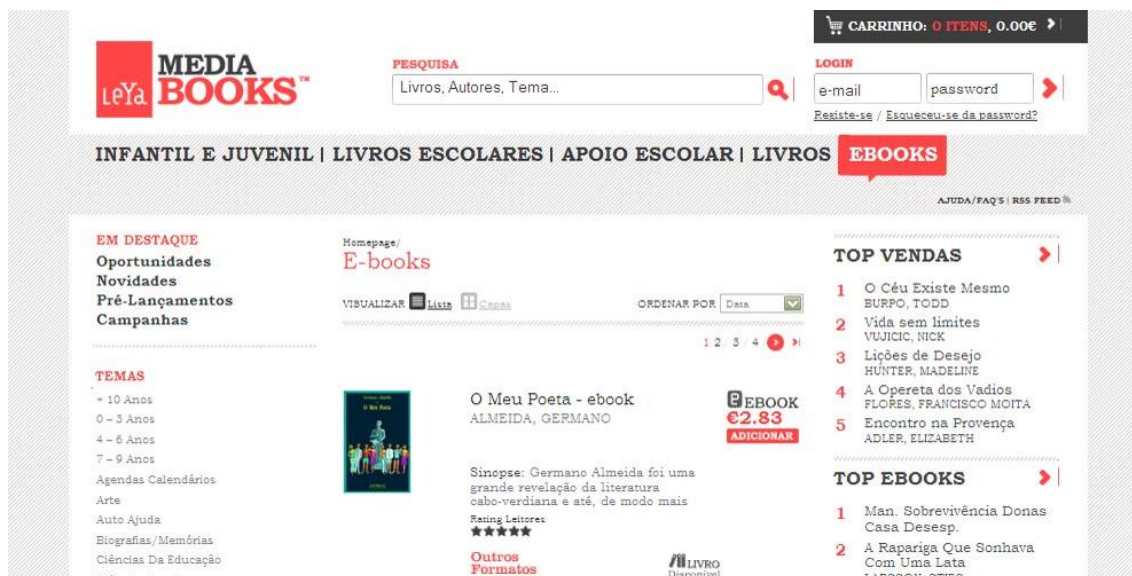


Figura 6 - Imagem Principal da MediaBooks

A Mediabooks é dividida em cinco tipos de catálogos infantil e juvenil, livros escolares, apoio escolar, livros e *ebooks*, sendo o último nosso interesse principal. Além dos catálogos de vendas são disponibilizados no *website* dois guias de orientação para os leitores de *e-books*. No guia rápido é indicado informações básicas sobre quem tem interesse em comprar pela primeira vez um livro electrónico, como quais formatos estão disponíveis, os valores indicados pela empresa, quais os dispositivos de leitura e sistemas operativos que são compatíveis com os *e-books* da Leya, e ainda, quais as vantagens de um livro electrónicos, e como pode ser utilizado pelo leitor. Enquanto isso o guia técnico trata de indicar informações com respeito a DRM, *Adobe Digital Editons* e *ePub*.

Todos os livros vendidos pela Mediabooks estão disponíveis em *Epub* podendo ser lidos apenas em dispositivos habilitados para este tipo de formato, a grande maioria deles. E para compradores de livros impressos a loja faz a venda dos *e-books* por um acréscimo de 2,49 euros, uma forma de incentivar aos clientes que não dispensam a leitura em um livro impresso a, por um preço económico, também se relacionarem com um livro electrónico.

Acessando o catálogo de *e-books* haverá uma subdivisão entre os temas: + 10 Anos, 0 – 3 Anos, 4 – 6 Anos, 7 – 9 Anos, Agendas Calendários, Arte, Auto Ajuda, Biografias/Memórias, Ciências Da Educação, Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Culinária e Gastronomia, Divulgação Científica, Esoterismo e Espiritualidades, Fantástico, Ficção Científica, História e Política, História/Crítica Literária, Humor/Sátira, Literatura, Nutricionismo, Parenting, Poesia, Religião, Romance, Saúde, Turismo e Lazer.

Todos os livros, mesmo de literatura universal estão publicados em língua portuguesa, porém não existe uma divisão exclusiva para livros de autores lusófonos. Apesar disso é

possível observar que por reunir selos importantes a loja consegue conter grande parte dos mais renomados escritores portugueses, como por exemplo, a bibliografia de José Saramago.

Os preços indicados pela loja virtual vão desde os promocionais 2,49 euros até 13 euros. É interessante observar a variação de preço entre as versões impressas e electrónicas, sendo entre 2 e 4 euros, de certa forma distante do que é esperado pelos leitores.

A loja virtual direcionada pela Leya ao público universitário está dividida em três seções: Gratuitos, Académicos e Literatura. Nesses três ambientes é possível encontrar diversos autores portugueses da actualidade, que têm suas publicações direcionadas as relações humanas, políticas, filosofia, administração, temas da actualidade, entre outros, transformando-se em um ambiente rico para os estudantes que apreciam a leitura digital.

Os preços dos títulos vão desde 3 euros até 20 euros, caso o leitor se interesse pelo promocional de livro impresso + livro electrónico.

Assim com os *e-books* vendidos pela Mediabooks, os presentes na Leya-Universia também estão disponíveis em ePub, facilitando para que a leitura possa ser feita em diferentes dispositivos de leitura, bem como em computadores.

Uma observação a ser feita é que a Leya, além dos seus espaços virtuais próprios tem seus títulos também disponibilizados na iBooks Store.



Figura 7 - Imagem Principal da Leya – Universia

Wook – Porto Editora⁴¹

Lançada em 1944, pelo pedagogo e professor universitário Vasco Teixeira, a Porto Editora iniciou suas publicações em torno da edição de livros escolares e dicionários. Ao longo de décadas foi ampliando seu foco de trabalho e hoje conta com um ambiente exclusivo para o *e-commerce*, a livraria online Wook.pt.

⁴¹ Cf. <http://www.wook.pt/> Visualizado em 15 de julho de 2011.

A Wook.Pt é dividida entre as vendas de livros impressos, *e-books*, ensino, software e filmes. Sendo exportado para todo o mundo publicações portuguesas, mas também versões traduzidas para a língua portuguesa.

A secção de livros electrónicos está dividida entre *e-books* em português e e-books em inglês. Todos com preços que podem chegar a até 20 euros. Um valor alto se referido a expectativa do público leitor por preços mais acessíveis.

Os *e-books* em português seguem as temáticas: Arte, Autoajuda, Ciências Exatas e Natureza, Ciências Sociais e Humanas, Direito, Economia, Finanças e Contabilidade, Engenharia, Ensino e Educação, Erotismo e Sexualidade, Gestão, História, Informática, Literatura, Medicina e Saúde, Plano Nacional de Leitura, Política, Religião e Moral e Vida Prática.

Nesta parte da loja virtual não se encontram apenas livros de autores portugueses, muitos são apenas as publicações traduzidas, mas mesmo assim ainda pode-se encontrar um grande número de clássicos portugueses em versão electrónica, em formato ePub e que podem ser lidos por grande parte dos dispositivos de leitura.



Figura 8 - Imagem Principal da Wook

Bertrand Livres⁴²

A Bertrand é a mais recente editora de Portugal a enveredar pelos caminhos dos livros electrónicos, tendo começado suas vendas em julho de 2011. Porém já apresenta um acervo consideravelmente bom, principalmente relacionado aos clássicos da literatura portuguesa.

Os livros electrónicos da Bertrand estão divididos pelos temas: Arte, Autoajuda, Ciências Exatas e Natureza, Ciências Sociais e Humanas, Direito, Economia, Finanças e Contabilidade, Engenharia, Ensino e Educação, Erotismo e Sexualidade, Gestão, História,

⁴² Cf. <http://www.bertrand.pt/home/index/11708x11709/temas> Visualizado em 16 de julho de 2011.

Informática, Literatura, Medicina e Saúde, Plano Nacional de Leitura, Política, Religião e Moral e Vida Prática.

Todos os *e-books* estão disponíveis em ePub e em língua portuguesa, ficando como uma das fragilidades do catálogo da Bertrand o preço. Grande parte dos livros estão sendo vendidos pela editora por em média 12 euros, muitas vezes não chegando a uma diferença nem de 2 euros entre o livro impresso e o livro electrónico, desestimulando os leitores a comprarem as versões electrónicas, principalmente os que ainda estão na fase de transição entre a leitura tradicional e a digital.

Apenas a lista de clássicos portugueses destaca-se na prateleira virtual da Bertrand, podendo ser adquiridos por 4,50 euros livros de grandes autores portugueses como Luís de Camões, Almeida Garrett, Fernando Pessoa, Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós.



Figura 9 - Página Principal da Bertrand

3.2.2 Plataformas de e-readers

Os dispositivos de leitura foram, e permanecem sendo, responsáveis por grandes avanços para a consolidação dos livros electrónicos no mercado editorial, bem como, as relações que os leitores passaram a ter com este tipo de publicação, e a melhoria dos recursos para que uma leitura digital tão agradável quando uma leitura convencional.

Compreendendo por dispositivos de leitura, os *e-readers* e os tablets, são as duas maiores empresas que se relacionam a isso as responsáveis pelo avanço direito do número de títulos disponíveis em versão digital ao redor do mundo: a Amazon, criadora do Kindle e da Kindle Store, e a Apple, criadora do iPad e da iBooks Store.

Outra iniciativa que também revolucionou o mercado dos livros electrónicos foi a criação da Google Ebooks, que apesar de não estar relacionada, ainda, a nenhum *e-reader* específico, podemos entender como um projeto a nível mundial e que não está ligado diretamente a nenhuma editoria, buscando envolver o maior número de publicações possíveis e disponibiliza-la para leitores de todo o mundo.

Essas três alternativas para acesso a livros electrónicos não possuem versões em português, porém é possível através de mecanismos de busca selecionarmos livros publicados em português ou mesmo de autoria portuguesa. Esses meios são, possivelmente, um dos mais eficazes para o amplo acesso a literatura lusófona já que está disponível em escala mundial e tem sua divulgação superior as das editoras de origem portuguesa, quando se trata de acessos a partir de países não-lusófonos.

iBook Store

A iBook Store é a loja virtual da Apple responsável por vender livros electrónicos compatíveis com todos os dispositivos da marca que operam pelo sistema móvel IOS , especialmente seu *tablet*, o iPad.

Por não se tratar de uma editora que disponibiliza seus catálogos online, esse ambiente virtual é na verdade uma reunião de diversos catálogos, de diferentes editoras e ainda, versões gratuitas, um misto de livraria e biblioteca digital.

Das editoras presentes na iBook Store pode-se destacar as tradicionais Penguin Books, HarperCollins, Simon & Schuster, Macmillan Publishers e Hachette Book Group USA. Enquanto isso, os livros electrónicos disponibilizados na iBook Store, atualmente cerca de 30.000 foram disponibilizados pelo Projecto Gutenberg.

A fragilidade que podemos encontrar na iBook Store é o fato de funcionar apenas depois de instalado o aplicativo iBook, que só pode ser usado em dispositivos Apple, ou seja, é exclusivo para esses usuários, não podendo ser acessado desde nenhum outros dispositivo de leitura ou computador, não é uma livraria online 100% aberta. Mas o fato de ser um produto de uma grande empresa faz com que esteja em constante ampliação, proporcionando sempre novidades e promoções aos usuários.

Outra questão é o fato de atualmente ainda não está disponível na versão em português, não facilitando o compartilhamento de informações neste idioma.

Amazon Kindle Store⁴³

Amazon, fundada no ano de 1995 em Seattle (EUA), é atualmente uma das maiores empresas de comércio electrónico do mundo e suas iniciativas foram além da disponibilização

⁴³ Cf. http://www.amazon.com/Kindle-eBooks/b/ref=sv_kinc_1?ie=UTF8&node=1286228011 Visualizado em 22 de junho de 2011

de itens generalizados para venda pela Internet, vindo a ser uma das grandes investidoras no mercado do livro electrónico.

Com mais de dez anos no mercado do *e-commerce* no ano de 2003 a Amazon lançou seu grande diferencial em frente das outras iniciativas da área, inaugurou a primeira livraria em linha da história. Rapidamente a rede de lojas virtuais se espalhou pelo mundo, com filiais no Reino Unido, Alemanha, França, Japão, Canadá e China.

A primeira ferramenta inovadora lançada pela livraria da Amazon foi a *Search Inside the Book*. O objetivo do lançamento era possibilitar aos leitores pudessem realizar buscas diretamente dentro dos textos nos livros. Para isso a empresa disponibilizou uma grande equipe que era destinada a digitalizar o maior número de livros possíveis, aumentando assim o acervo da Amazon. Porém o grande marco das iniciativas da empresa foi o lançamento do seu dispositivo de leitura, o Kindle, em 2007. Com esse lançamento a Amazon ampliou o seu acervo rapidamente chegando assim à 80.000 livros electrónicos disponível em sua Kindle Stores para 538.000 usuários que adquiriram inicialmente o leitor. (Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 110)

O sucesso do dispositivo de leitura e da livraria virtual são completamente interligados, isso porque não é possível fazer a leitura de outro tipo de arquivo no Kindle, senão o adquirido da Kindle Store.

Verificando as disponibilizações atuais na livraria virtual é possível encontrar 782,182 resultados de *e-books* dos mais diferentes gêneros e idiomas, porém em virtude da sua origem e de ainda ser colocado como o maior mercado desta área, a maior parte dos livros disponíveis estão em inglês.

Os livros da Kindle Store estão disponíveis por gêneros, mas por ser um *website* sem tradução ou sede em nenhum dos países lusófonos para se fazer uma busca de títulos neste idioma é mais eficiente realizar a solicitação pelo termo em inglês *portuguese edition*. Efetuando a busca foi possível encontrar 2,705, um número consideravelmente alto, se comparado as demais iniciativas do gênero.

Entre os 2.705 edições em português encontradas estão versões traduzidas, mas também livros de autores lusófonos como Eça de Queiróz, Camilo Castelo Branco, Almeida Garret, entre outros.

Os preços dos *e-books* vendidos na Kindle Store também são um destaque, sendo possível adquirir clássicos da literatura portuguesa por apenas 2 euros, e lançamentos mais recentes por menos de 10 euros.



Figura 10 - Página Principal da Amazon

Google E-books⁴⁴

Lançado em 2004, o projecto organizado pela empresa americana Google surgiu como a versão digital da Biblioteca de Alexandria, tendo como objetivo disponibilizar o maior número de versões digitalizadas dos livros já publicados em todo o mundo.

O buscador em linha de maior repercussão mundial tem realizado parcerias com grandes bibliotecas, editores e universidade como forma de abarcar o maior número de fundos bibliográficos, realizar suas digitalizações e com isso tornar disponível para todos os leitores do mundo livros dos mais diversos gêneros e idiomas.

Apesar de indicar-se como um marco no mercado editorial e de compartilhamento de informações digitais, o Google E-books se encontra entre diversas opiniões, favoráveis e desfavoráveis, sendo visto por alguns especialistas como uma forma monopolista de armazenar conteúdos em linha. Outras críticas que também vêm sendo feitas ao projecto é pelo fato de ter realizado a digitalização e disponibilização de obras que possuem direitos autorais sem autorizações formais. Esses percalços têm feito com que o projecto se realize a uma velocidade inferior à objetivada, porém não se afasta completamente do seu caminho.

“Son numerosas las instancias tanto nacionales como internacionales que se han opuesto a esta iniciativa de carácter monopolísticos en lo que se refiere a la distribución y la venta de libros en la Rede, pero también es cierto que es la primera vez que se vislumbra como fehaciente el viejo proyecto de Paul Otlet y Henri La Fontaine de crear un registro mundial de todo lo publicado, con la diferencia de que, en este caso, se trata no solo de poseer la referencia de lo existente, sino también el documento.” (Córdón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 178)

⁴⁴ Cf. <http://books.google.pt/> Visualizado em 20 de julho de 2011

Acessando a secção no buscador referente a Google E-books é possível navegar por várias temáticas como: Corpo, mente e espírito, Negócios e economia, Computadores, Culinária Design, Família e relacionamentos, Jogos, Jardinagem, Saúde e condicionamento físico, Casa e lar, Humor, Direito, Coleções literárias, Crítica literária, Matemática, Medicina, Artes performáticas, Animais de estimação, Filosofia, Fotografia, Poesia, Ciência política, Psicologia Religião, Autoajuda, Ciência social, Tecnologia e engenharia, Meios de transporte e Viagem.

A Google E-books existe em versão em português, porém se não for indicado diretamente a referência do livros de interesse, os leitores podem ter alguma dificuldade na busca, em razão de não existir nenhuma secção exclusiva de livros em português, toda a biblioteca está integrada.

A iniciativa não realiza vendas diretas, mas funciona da seguinte forma: apresentação de documentos de forma integral caso seja de domínio público ou divulgação autorizada, ou trechos de livros que podem ser adquiridos direto pelo site das editoras ou outras livrarias online que fazem parceria com a Google E-books. Desta forma é difícil referenciar o valor médio dos *e-books*.



Figura 11 - Página Principal da Google E-books

3.2.3 Plataformas independentes e bibliotecas digitais

Além do mercado comercial do livro electrónico surgido nos últimos anos e que se apresenta cada vez mais consolidado, outra vertente dos novos canais de distribuição que surgiu na cadeia do livro são as plataformas independentes e as bibliotecas digitais.

Esta duas iniciativas aparecem para cumprir dois propósitos distintos. As plataformas independentes se estabelecem como ambientes digitais projetados para os interessados na leitura

electrónica e que veem nela a possibilidade de transpor os limites impostos pelo mercado tradicional dos livros, seja com a venda direta ou com a auto-publicação.

Enquanto isso as bibliotecas digitais ampliam o seu tradicional papel de difusão e acesso a informação, já presente nas bibliotecas habituais, porém fazendo uso das ferramentas tecnológicas disponíveis para esses fins.

Como já foi referido anteriormente as bases de dados e as revistas electrónicas foram as precursoras dos livros electrónicos que temos atualmente. Ao passo que a maioria dos projectos de *e-books*, as revistas electrónicas se estabeleciam e ganhava espaço e adeptos principalmente no mundo académico, e a responsabilidade da expansão desse tipo de publicação e da facilidade do acesso para os leitores foram as bibliotecas digitais.

Bubok Portugal⁴⁵

Dentre as plataformas independente que atuam no mercado do livro português destacamos o Bubok Portugal. De origem espanhola, o projecto tem carácter único em Portugal e seu objetivo é proporcionar aos escritores que não se enquadram no perfil das editoras tradicionais a possibilidade de publicarem e venderem seus livros. Aos leitores, o Bubok cria um ambiente em linha onde se possam encontrar livros além dos clássicos, porém todos genuinamente portugueses.

A sua livraria virtual é dividida em duas seções: livros bubok (impressos) e *e-books*. Atualmente estão disponíveis na primeira seção um total 1.357 livros, enquanto a segunda armazena 1.403 livros electrónicos.

Todos os livros editados no Bubok são em língua portuguesa e estão divididos nas seguintes temáticas: Artes, Banda desenhada, Ciências aplicadas e informática, Ciências naturais, Ciências ocultas, Ciências sociais, Cuidado pessoal, auto-ajuda e medicinas alternativas, Ensaio, Humanidades e História, Infantil, Juvenil, Manuais, enciclopédias, dicionários e línguas, Mapas Bubok, Narrativa, Poesia, Religião e filosofia, Viagens, tempo livre e ócio.

Não existe um padrão de preços no Bubok, apesar de algumas regras estabelecidas pelo projecto é de critério dos autores definirem essa questão bem como as formas de disponibilização. Em análise há alguns títulos é possível observar que uns podem ser comprados na versão impressa e descarregados gratuitamente, enquanto outros são expostos para a venda em ambos os casos.

⁴⁵ Cf. <https://www.bubok.pt/tienda/ebooks> Visualizado em 25 de julho de 2011.



Figura 12 - Página Principal da Bubok

Projecto Gutenberg⁴⁶

O Projecto Gutenberg é o grande marco de início de toda a história do livro electrónico. Em 1971 foi lançado por Michel Hart, quando o ainda estudante digitalizou de manualmente a Declaração de Independência dos Estados Unidos, considerado o primeiro texto do projecto.

Naquela altura as ferramentas para a digitalização era extremamente precária, porém, por estar em um dos nós que formavam o projecto inicial da Internet que temos hoje, na Universidade de Illinois, Michel Hart já podia vislumbrar o futuro que se aguardava, um rede de troca de informações com alcance mundial, e ela acredita que um dos benefícios dessa rede era o acesso livre e gratuito aos livros electrónicos.

Considerada a maior biblioteca digital do mundo, o Projeto Gutenberg surgiu com o objetivo de voluntariamente digitalizar, arquivar e distribuir obras culturais, essencialmente de livros já existentes e de preferência que fossem de domínio público. Atualmente possui, de acordo com a sua página principal, cerca de 30.000 *e-books*, os quais podem ser lidos por meio para do computador pessoal, do iPhone, do Kindle, do Sony Reader, ou outros dispositivos portáteis.

Inicialmente o Projecto Gutenberg era realizado em inglês, porém com o aumento do número de voluntários para as digitalizações e das instituições parceiras possui atualmente quase 40 websites em diferentes idiomas, inclusive em português.

⁴⁶ Cf. http://www.gutenberg.org/wiki/PT_Principal Visualizado em 25 de julho de 2011.

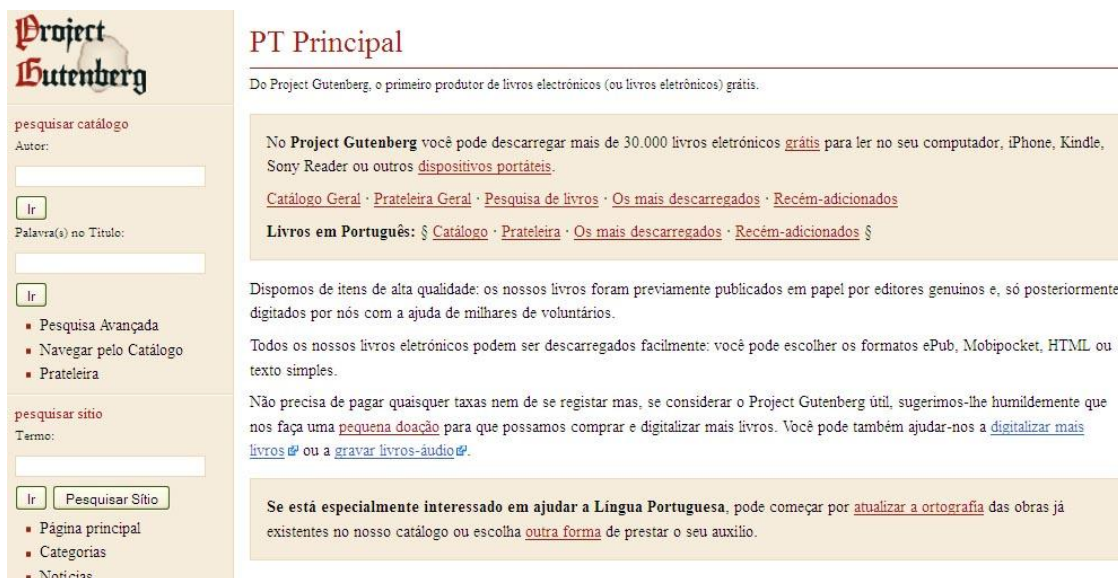


Figura 13 - Página Principal da Projecto Gutenber - PT⁴⁷

Os livros electrónicos não são por natureza versões digitalizadas de livros publicados de forma impressa, na verdade se observado desta maneira ele acaba por perder o seu objetivo primordial de ser visualizado de forma correta através de meios eletrônicos, já que a digitalização em si não corresponde a adaptação para o novo suporte e podem haver erros nas transferências. Apesar de ter estabelecido sempre a relação de digitalização de obras impressas, o Projecto Gutenberg sempre teve a preocupação de disponibilizar arquivos que realmente proporcionasse a leitura digital e não apenas as guardasse digitalmente. Como afirmou Maria Manuel:

Não é por acaso que o Projecto Gutenberg criado por Michel Hart retira aos textos a definição da página, mantendo-os o mais possível próximos da linguagem máquina de modo a não fazer depender a sua leitura quer do software quer da plataforma de hardware que possa vir a ser utilizada. (Borges, 2002, p. 67)

As digitalizações feitas em língua portuguesa estão divididas em prateleiras virtuais sendo elas: Arte, Biografia, Ciência e Técnica, Contos, História, Infantil e Juvenil, Língua Portuguesa, Navegações e Explorações, Periódicos, Poesia, Política e Sociedade, Romance e Teatro. Ao clicar em cada um das prateleiras os leitores podem ter acesso a informações do que corresponde a temática, quais os conteúdos que podem ser encontrados e na sequência a lista de autores e suas respectivas obras para serem descarregadas.

⁴⁷ Cf. www.gutenberg.org/wiki/PT_Principal Visualizado em 25 de julho de 2011.



Figura 14 - Prateleira de Livros Portugueses do Projecto Gutenberg⁴⁸

São centenas de livros disponibilizado pelo Projecto Gutenberg em português e atualmente a maioria das obras já estão disponíveis em ePub. Neste sentido é interessante observar também que existem outros tipos de arquivos disponíveis, para os dispositivos de leitura que necessitam de formatos específicos, como é o caso do Kindle, da Amazon, que tem sua livraria integrada com os exemplares disponibilizados pelo Projecto Gutenberg.

Além da Amazon, existem outras iniciativas que agregam aos seus arquivos aos digitalizações pelo projecto, e ainda, os leitores que fazem uso das redes P2P e compartilham independentemente os arquivos já descarregados.

“Pero el logro del Proyecto Gutenberg no es solo la digitalización de un gran número de libros para ponerlos a disposición del público en general, sino que también ha servido de modelo para la creación de otras bibliotecas digitales.” (Cordón Garcia, Díaz Gómez, & Arévalo Alonso, 2011, p. 108)

Biblioteca Digital Camões

A Biblioteca Digital Camões é uma iniciativa do Instituto Camões, órgão ligado ao Ministério de Negócios Estrangeiros do governo de Portugal, que foi criado com o objetivo de proporcionar os nativos ou estudantes de língua portuguesa um vasto número de publicações integrais neste idioma e de forma gratuita.

Assim como o Projecto Gutenberg, a Biblioteca Digital Camões disponibiliza versão digitalizadas de livros que já foram impressos, sendo em alguns casos de domínio público, em outros com *copyright*. No caso das obras com *copyright* os leitores são notificados previamente do tipo de licença em que está contida a obras e quais as ações que podem ser efetuadas.

⁴⁸ Cf. www.gutenberg.org/wiki/Category:PT_Prateleira Visualizado em 25 de julho de 2011.

Existem três formas de acessar as obras disponíveis na biblioteca, por temática, autor ou obras mais recentes. A seção temática é subdividida em: Arte, Biografias, Dissertações e Teses, Dispositivos Móveis, Cinema, Colóquios e Congressos, Arquitectura, Estudos Literários/Crítica Literária, História, Etnologia/Etnografia/Tradições, Educação, Geografia, Investigação - Cátedras IC, Infantil, Língua, Literatura, Música, Pensamento e Ciência, Revistas e Periódicos.



Figura 15 - Página Principal da Biblioteca Digital Camões

Estão disponíveis na Biblioteca Digital Camões um total de 2.184 títulos. Dentre eles estão clássicos da literatura mais também diversos trabalhos académicos já publicados, como dissertações, teses e revistas electrónicas.

Caso a obra seleccionada pelo leitor possuir qualquer tipo de restrição o site automaticamente mostrará o documento de licença no qual constará à qual editora pertence os direitos dos livros e quais ações podem ser realizadas. Esse documento possui três níveis distintos, sendo eles: Apenas leitura; Leitura e impressão; Leitura, impressão e cópia.

A Biblioteca Digital Camões não é a única disponível em Portugal, mas consegue abranger um número de obras significativo e conciliar grandes percalços existentes entre as bibliotecas e as editoras de livros electrónicos. Tornando possível o acesso a obras em língua portuguesa de forma simples, eficiente e independente da localização, cumprindo o papel que as bibliotecas devem assumir nesta etapa em que alcançamos no processo de compartilhamento de informação.

4. Universidade de Coimbra e os livros eletrônicos

4.1 A Universidade

A Universidade de Coimbra⁴⁹ foi fundada em 9 de agosto de 1290 pelo rei de Portugal D. Dinis e confirmada por Bula do Papa Nicolau IV. Tendo sido fundada inicialmente na capital portuguesa e passado ao longo dos séculos por varias transferências entre suas duas sedes comuns, Lisboa e Coimbra. Atualmente encontra-se sediada no Paço das Escolas, da cidade de Coimbra.

De acordo com seu estatuto homologado em 1º de setembro de 2008 *é uma instituição de criação, análise crítica, transmissão e difusão de cultura, de ciência e de tecnologia que, através da investigação, do ensino e da prestação de serviços à comunidade, contribui para o desenvolvimento económico e social, para a defesa do ambiente, para a promoção da justiça social e da cidadania esclarecida e responsável e para a consolidação da soberania assente no conhecimento.*

A UC está dividida em unidades orgânicas de ensino e investigação e unidades orgânicas de investigação, sendo elas: Faculdade de Letras, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Economia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Instituto de Investigação Interdisciplinar, Colégio das Artes, Instituto de Ciências Nucleares Aplicadas à Saúde e Tribunal Universitário Judicial e Europeu.

A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra está, de acordo com o organograma da UC, ligada diretamente a Reitora da Universidade. Apesar de não constar no organograma oficial da universidade, existe, além da Biblioteca Geral, as Bibliotecas das Faculdades, que, em tamanho reduzido, porém interconectadas, proporcionam aos alunos as mesmas funções.

Para uma melhor coordenação todas as bibliotecas estão organizadas por meio do Serviço Integrado das Bibliotecas da UC que tem como *missão principal a gestão de tarefas comuns a todas as bibliotecas da UC, por forma a garantir que o acesso à informação seja o mais adequado às necessidades dos seus utilizadores. Fomenta, por isso, a cooperação entre elas, promovendo o seu desenvolvimento e funcionamento em rede.*⁵⁰

Qualquer professor ou estudante matriculado na UC pode ter acesso aos serviços disponibilizados pelo SIBUC sendo eles: catálogos das bibliotecas; base de dados; biblioteca digital; livros electrónicos; publicações periódicas; e acessos temporários.

4.2 Estudo de Caso

O estudo de caso, segundo Yin (1990) “é uma forma de se fazer pesquisa social empírica ao investigar-se um fenômeno atual dentro do seu contexto de vida-real, onde as

⁴⁹ Cf. http://www.uc.pt/acerca/documentos/Estatutos_UC_2008/ Visualizado em 02 de agosto de 2011.

⁵⁰ Cf. <http://www.uc.pt/sibuc>, Visualizado em 02 de agosto de 2011.

fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidência são usadas.” (apud Campomar, 1991, p. 96).

O universo do livro electrónico em Portugal ainda está em fase de maturação. Como descrito em capítulos anteriores, os investimentos, desde as iniciativas privadas até as iniciativas públicas, estão se tornando mais sólidos e eficazes nos últimos dois anos, e em realidade, apenas neste ano de 2011 é que de fato se está sendo possível observar casos de êxitos no que se relaciona à Portugal e o uso dos livros electrónicos.

As universidades, em seus diversos setores ligados ao ensino ou à investigação, possuem o mérito de vanguardistas no debate com relação aos livros electrónicos, principalmente pelas primeiras publicações de sucesso terem sido as obras de referências divulgadas por este setor.

Desta forma, buscando analisar como está sendo a recepção do público leitor português aos livros electrónicos elegemos realizar um estudo de caso delimitado aos estudantes, professores e bibliotecários das Faculdades de Letras, Economia, Psicologia e Ciências da Educação e ao Departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Para a realização deste estudo de caso foi elegido como instrumento de coleta de dados a aplicação de um inquérito.

4.2.1 Objetivos

- Qualificar as investigações com relação aos livros electrónicos em Portugal;
- Compreender como está sendo a adaptação, recepção e acesso aos livros electrónicos;
- Definir possíveis mudanças no hábito de leitura;
- Apontar as formas como está sendo realizada a leitura digital;
- Identificar os dispositivos e espaços digitais que já se integraram ao cotidiano da leitura;
- Comparar as possíveis vantagens ou desvantagens dos livros electrónicos;
- Observar a opinião de potenciais leitores com relação às bibliotecas digitais e mercado do livro lusófono.

4.2.2 Definição do Universo

O universo da pesquisa é composto por três grupos distintos: alunos, professores e bibliotecários das Faculdades de Letras, Economia, Psicologia e Ciências da Educação e ao Departamento de Engenharia de Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Inicialmente era previsto o estudo de caso em todas as faculdades da UC, mas razões temporais e estruturais resultaram na redução do universo inquerido. Tal restrição acabou-se por

resultar em benefício operacional, mas também no tocante à própria análise e cumprimento dos objetivos do estudo.

De acordo com estudos realizados por Gobbins (2001)⁵¹ as matérias que mais atraem ao uso do livro electrónico são Economia e Negócios, Ciências da Computação, Tecnologia e Engenharia, Psicologia, Medicina, Saúde e Bem-Estar, Literatura, Anatomia e Fisiologia, Sociologia e Educação.

As razões deste interesse variam por diversos fatores, desde a própria disposição e divulgação de exemplares nestas áreas serem maiores, até ao facto de os investigadores destas matérias serem mais abertos a realizarem buscas de informações dentro destes novos recursos.

Constatações como estas reforçam a escolha de um universo restrito as faculdades citadas anteriormente, que ao primeiro olhar parecem mais abertas e dispostas ao uso dos livros electrónicos e, portanto facilitadora da análise entre a realidade digital e analógica. Esta investigação não tem relação com o uso académico dos livros electrónicos. Porém, essa forma de seleção foi a mais sensata para limitar a amostra.

Com relação à amostra, foi buscado para esta a pesquisa o tipo de amostragem probabilística na qual “todos os elementos da população têm uma probabilidade conhecida e superior a zero de integrar a amostra”.⁵² Para tal foi realizado uma série de levantamentos e contactos que possibilitassem o maior alcance possível do inquérito e que resultassem numa amostra razoável para a análise.

Seleção da População

As Faculdades da Universidade de Coimbra estão divididas em departamentos que disponibilizam cursos de licenciatura, mestrado integrado, pós-graduações, mestrados e doutoramentos. As Faculdades de Letras e de Ciências e Tecnologia estão divididas em Departamentos, as demais possuem a sua organização ligada ao curso e ao grau académico indicado. Excetuando-se a seleção de apenas o Departamento de Engenharia de Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia todas as demais faculdades foram selecionadas de forma totalitária.

⁵¹ Disponível em <http://www.lib.rochester.edu/main/ebooks/analysis.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2011

⁵² Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$amostra-\(estatística\)](http://www.infopedia.pt/$amostra-(estatística)). Acessado em 02 de agosto de 2011.

Tabela 5- Lista de departamentos das faculdades selecionadas

Faculdade de Letras	Faculdade de Economia	Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação	Faculdade de Ciências e Tecnologia
Línguas, Literaturas e Culturas	Economia	Ciências da Educação	Engenharia Informática
História, Arqueologia e Artes	Gestão	Serviço Social	
Geografia	Relações Internacionais	Psicologia	
Filosofia, Comunicação e Informação	Sociologia		

Segundo dados disponibilizados pelo Serviço de Gestão Académica da UC, atualmente estão matriculados em toda a Universidade 24 mil estudantes. Nas faculdades selecionadas para a aplicação do inquérito esse número é reduzido a cerca de nove mil estudantes⁵³.

Tabela 6 - Número de estudantes matriculados nas faculdades selecionadas

Faculdades	L	PG	M (curricular)	M (Dissert)	MI (Curricular)	MI (Dissert)	Dout	Total
Letras	2506	20	783	32			323	3664
Ciências	2442		847	225	3297	131	810	7752
Economia	1751	154	465	66			328	2764
Psicologia	472		326	56	946	40	129	1969
Total	7171		326	56	946	40	129	1969

Com relação ao corpo docente, a última atualização foi realizada no ano de 2009 e consta um total de 497 professores, entre catedráticos, associados com agremiação, associados, auxiliares, auxiliares convidados e assistentes, todos selecionados para a investigação.

⁵³ Os dados disponibilizados pelos Serviços de Gestão Académica indicam o número de alunos de toda a Faculdade de Ciências e Tecnologia. A população selecionada para esta investigação corresponde apenas ao Departamento de Engenharia de Informática, o que é suposto que não ultrapasse cerca de mil alunos matriculados.

Tabela 7 - Número de professores nas faculdades selecionadas⁵⁴

Faculdades	Professores	Total
Letras	238	238
DEI	53	53
Economia	122	122
Psicologia	84	84
Total	497	497

Como citado anteriormente, a Universidade de Coimbra têm em seu organograma uma Biblioteca Central, porém cada faculdade possui também uma biblioteca setorial. Apesar de estarem todas integradas, cada uma possui responsáveis diretos, alvos desta investigação, excetuando a biblioteca do Departamento de Engenharia de Informática, que tem um assistente responsável, porém sem formação em Biblioteconomia.

Tabela 8 - Número de bibliotecários nas faculdades selecionadas

Faculdades	Bibliotecários	Total
Letras	3	3
DEI	0	0
Economia	1	1
Psicologia	1	1
Total	5	5

Aplicação do inquérito

A estratégia para a coleta dos dados utilizada neste estudo de caso foi aplicação de um inquérito em linha disponível por meio do servidor *e-encuesta*⁵⁵. O inquérito esteve aberto entre os dias 02 de junho e 12 de julho. Foi necessário um largo período por ser um mês que corresponde ao final do ano letivo, também por esta mesma razão a aplicação teve diferentes estratégias de acordo com o grupo direcionado.

Para aplicação junto aos estudantes, inicialmente foi realizado um contacto por meio de correio electrónico com as secretarias e directórios académicos das faculdades selecionadas. Em seguida foi realizado o encaminhamento de uma solicitação as respectivas diretorias que disponibilizaram a possibilidade de envio do inquérito via lista de correios electrónicos das

⁵⁴ Disponível em: http://www.rebides.oces.mctes.pt/rebides09/rebid_m1.asp?codr=110 Visualizado em 13 de julho de 2011

⁵⁵ Cf. <http://www.e-encuesta.com/index.do>

faculdades. Compreendendo as dificuldades do período de aplicação a principal forma de atingir os estudantes foi por meio do correio electrónico encaminhado desde os setores de informática para todos os alunos registrados nos serviços académicos. Esta foi a principal forma de aplicação, mas, além disto, também foram realizadas visitas as bibliotecas setoriais e distribuídos formulários com a hiperligação do inquérito, com o objetivo de apresentar a pesquisa e atrair mais interessados em participar.

Para a aplicação junto aos professores foi realizado um levantamento dos correios electrónicos dos mesmos que se encontram disponíveis no sitio web de cada faculdade. Em seguida foi organizado um *mailing* electrónico com todos os correios encontrados, para onde foi encaminhada a hiperligação do inquérito. O número de correios electrónicos enviados foi de aproximadamente 300, tendo uma taxa de falha inferior a 1%.

A aplicação junto aos bibliotecários também teve como contacto inicial o envio de um correio electrónico. Porém, por serem apenas cinco profissionais atuantes nas faculdades escolhidas foi realizada também uma visita a cada biblioteca e solicitado pessoalmente a resposta ao inquérito disponível em linha. Essas visitas acabaram também por servir para tomar conhecimento sobre a realidade de cada biblioteca, as atividades e ações que estão sendo realizadas no tocante ao livro electrónico.

4.2.3 Desenho do inquérito

O inquérito foi organizado a partir das ferramentas disponibilizadas pelo servidor *e-encuesta*, sendo o mesmo a ser aplicado para todos os grupos participantes. A decisão de fazer um mesmo modelo de inquérito para os diferentes participantes, mesmo compreendendo que possa haver diferentes interesses, foi o de facilitar a análise e a comparação de como distintos coletivos estão recebendo e utilizando os livros electrónicos.

Foram aplicadas 23 questões organizadas em três tipos distintos:

- a) Perguntas abertas: com objetivo de recolher a opinião pessoal dos inquiridos.
- b) Perguntas fechadas: com possibilidades de escolha entre *não* e *sim* ou, em caso de não reconhecer nenhuma das opções foi disponibilizado a opção *outras*, seguida de especificação.
- c) Perguntas de múltiplas escolhas: com uma série de respostas possíveis.

Para facilitar a usabilidade do inquérito, dois grupos de perguntas, que inicialmente estavam dispostos como perguntas fechadas, foram agrupadas. Suas possibilidades de respostas passaram a se enquadrar de acordo com a Escala Likert: discordo totalmente; discordo; nem discordo nem concordo; concordo; concordo totalmente

Também com o intuito de melhorar a usabilidade do inquérito foram aplicadas ferramentas de filtragem. De acordo com determinadas respostas, o próprio servidor activava um filtro que ocultava ou mostrava uma pergunta sequencial. Foi evitado dessa maneira que os inquiridos tivessem acesso a perguntas que respostas anteriores já subintendesse sua negação ou falta de conhecimento.

Antes de ser disponibilizado em linha, o inquérito passou pela avaliação da professora Maria Manuel Borges e do professor José Antonio Cordón García, a partir das quais foram realizadas diversas alterações.

Foi realizado ainda um pré-teste que analisava a ordenação das questões, a usabilidade e o tempo de resposta. Foi agregada a página do inquérito uma abertura com a apresentação da pesquisa, o contacto para informações, bem como o tempo de resposta estimado em cinco minutos.

Todas essas etapas foram essenciais para solucionar problemas estruturais, bem como organizar o desenho do inquérito de forma a atrair o máximo de interesse por parte dos inquiridos e obter resultados precisos. O curto período de tempo necessário para preencher o questionário foi também importante para isso, já que em casos de inquéritos aplicados via correio electrónicos leva-se em conta que os participantes nem sempre dispõem de um tempo maior do que o esperado para esta atividade.

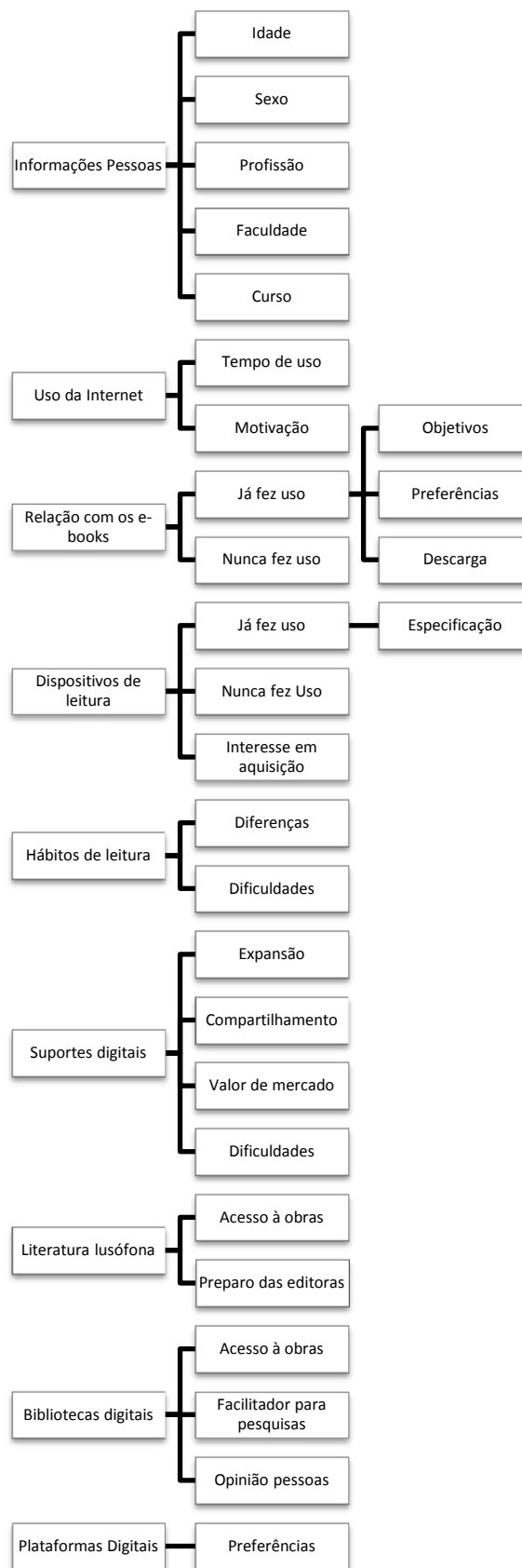


Figura 15 - Estrutura do Inquérito

4.2.3 Análise dos resultados dos questionários

Para a análise dos dados recolhidos pelos questionários foram utilizadas as ferramentas disponibilizadas pelo servidor *e-encuesta* e pelo programada *Excel*, da *Microsoft*.

Respostas

Tabela 9 - Estatísticas do Questionário

Dimensão da população	9502
Número de respostas completas	372
Número de respostas parciais (não pulsaram o “fim do inquérito”)	14
Visitaram o questionário, mas não responderam a nenhuma pergunta	68
Petições com o questionário encerrado	22
Taxa de resposta válida	4,05 %

Foram consideradas respostas válidas todas as informações inseridas pelos inquiridos, mesmo no caso de não haverem concluído o questionário e a taxa de resposta válida considera a totalidade como sendo todos os grupos (professores, bibliotecários e alunos), bem como todas as respostas, parciais ou completas.

4.2.3.1 Caracterização dos inquiridos

Nesta secção buscou-se aplicar questões que viessem a contribuir para a criação do perfil dos inquiridos, havendo assim questionamentos relacionados a idade, género, profissão, faculdade e grau académico, para o caso dos estudantes.

Idade

A idade dos inquiridos variou entre os 18 anos e 63 anos, englobando desta forma as quatro gerações que fazem uso da Internet em Portugal, de acordo com Gustavo Cardoso (Cardoso, 2007, p. 348).

O maior número de respostas veio do grupo entre 16 e 26 anos (66%), seguido daqueles com idade entre 27 e 38 anos (18%). Os percentuais mais baixos foram atingidos pelos inquiridos com idade entre 39 e 51 anos (12%) e mais de 51 anos (4%).

Podemos relacionar esses dados com a análise das idades que mais utilizam a internet em Portugal, sendo a geração entre 16 e 26 anos. Mas, em contraponto, também se pode levar em consideração o fato de que o corpo discente, maioria neste inquérito é composto basicamente desta faixa etária, justificando assim estes resultados.

Apenas um inquirido não respondeu a essa pergunta, tendo sido, desta forma, totalizadas 385 respostas válidas.

Tabela 10 – Idade

Grupos	N	Taxa de Respostas
16 – 26 anos	255	66%
27 – 38 anos	69	18%
39 – 51 anos	46	12%
Mais de 51 anos	15	4%

Género

A maioria dos inquiridos é do género feminino (54, 4%), sendo a percentagem de resposta do género masculino de 45,6%.

Não foi contabilizado nenhum inquirido com resposta inválida.

Tabela 11 – Género

Grupos	N	Taxa de Respostas
Feminino	210	54,4%
Masculino	176	45,6%

Profissão

Este inquérito foi destinado a três grupos distintos da Universidade de Coimbra: alunos, professores e bibliotecários. Entre as respostas válidas, a maioria delas foram dos estudantes (84,68%), seguidos do corpo docente (13,25%), enquanto os bibliotecários corresponderam 2,08%.

Tabela 12 – Profissão

Grupo	N	Taxa de Respostas
Estudante	326	84,68%
Docente	51	13,25%
Bibliotecário	8	2,08%

Além da percentagem baseada na amostra do inquérito, podemos também considerar uma avaliação tendo como base o número de resposta válidas para este inquérito dentro de cada grupo, de forma a obtermos os seguintes dados: entre os alunos houve uma taxa de resposta de 3,6%, entre os professores de 10,26%, enquanto entre os bibliotecários a taxa superou o número correspondente chegando a 160%. O caso dos bibliotecários pode ser entendido como alguma falha no texto do inquérito e por consequência de compreensão dos inquiridos, que provavelmente possuíam duas opções válidas, de serem estudantes e bibliotecários, e consideraram a última, mesmo não atuando em nenhuma das bibliotecas selecionadas.

Tabela 13 - Taxas de Respostas Válidas por Grupo

Grupo	Amostra	Respostas Válidas	Taxa de Respostas
Estudante	9000	326	84,68%
Docente	497	51	13,25%
Bibliotecário	5	8	2,08%

Faculdade

Dentre as faculdades selecionadas a que teve maior índice de resposta ao inquérito foi a Faculdade de Economia (50,91%). A segunda faculdade com maior número de resposta foi a Faculdade de Letras (23,12%), seguida, nos extremos, pelo departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia (21,3%), e da Faculdade de Ciências e Psicologia (4,68%).

Tabela 14 - Faculdades Selecionadas

Faculdades	N	Taxa de Respostas
Letras	89	23,12%
DEI	82	21,3%
Economia	196	50,91%
Psicologia	18	4,68%

Curso

Compreendendo que o corpo docente e os bibliotecários atuam nas faculdades de uma forma generalizada, a pergunta com relação ao grau académico no qual está matriculado na Universidade de Coimbra foi dirigida apenas aos alunos. Para tal, foi utilizada uma ferramenta de filtro disponibilizada pelo próprio servidor que apenas indicava essa questão para aqueles que já houvessem confirmado a opção como *estudante*.

Entre as 325 respostas válidas para este inquérito, 55,38% foram respondidas por alunos matriculados em cursos de Licenciatura, seguido dos alunos de Mestrado e Pós-Graduação (38,15%), e Doutoramento (4,92). Na opção Outros (1,54%) foi solicitado a especificação em qual grau académico está matriculados tendo sido citado Mestrados Integrados e disciplinas isoladas.

Tabela 15 – Cursos

Faculdades	N	Taxa de Respostas
Licenciatura	180	55,38%
Mestrado e Pós-Graduação	124	38,15%
Doutoramento	16	4,92%
Outros	5	1,54%

4.2.3.2 Utilização da Internet

As questões aplicadas nesta secção destinavam-se a conhecer o relacionamento dos inquiridos com a Internet, de uma forma generalizada. As informações a serem obtidas envolveram o tempo de uso médio da Internet e como está sendo utilizado este tempo.

Tempo

Questionados sobre o tempo médio de uso da Internet, 33,77% dos inquiridos informaram que acessam a Internet mais de 35 horas semanais. Enquanto isso, 19,48% informou que acessam entre 18 e 27 horas, semelhante aos que acessam entre 10 e 18 horas semanais. 16,88% informaram que acessam entre 28 e 35 horas, e a minoria de 10,39% informou que acessa menos de 10 horas por semana.

Se comparado aos estudos realizados pelo WIP Portugal⁵⁶ sobre o nível de utilização da Internet por parte dos portugueses é possível afirmar que a classe académica faz parte da parcela menor da população que já faz uso da Internet (44,6%), compreendendo que a maioria do portugueses (55,4) não fazem uso ou já deixaram de utilizar a internet.

⁵⁶ Disponível em : http://www.umic.pt/images/stories/noticias/Relatorio_LINI_UMIC_InternetPT.pdf . Acesso em 04 de agosto de 2011.

Tabela 16 - Tempo destinado ao uso da Internet

Grupo	N	Taxa de Respostas
Menos de 10 horas	40	10,39%
Entre 10 horas - 18 horas	75	19,48%
Entre 18 horas - 27 horas	75	19,48%
Entre 28 horas - 35 horas	65	16,88%

Uso

Para ter acesso a informação de como os inquiridos fazem uso da Internet foram disponibilizadas as seguintes opções: trabalho, estudo, entretenimento, todas as alternativas, e outras, na qual foi solicitado a especificação por parte do inquerido de que tipo de atividade é exercida.

O uso da internet tanto para trabalho, como para estudo e entretenimento correspondeu a maioria das respostas válidas deste inquérito (63,9%). Em seguida foi indicado que 35,84% dos inquiridos fazem uso da internet exclusivamente para estudos, enquanto 29,87% a utilizam exclusivamente para trabalho e 33,25% utilizam para atividades relacionadas ao entretenimento.

Apenas 2,08% indicou outras opções, na qual constou atividades como compras, informação jornalística, comunicação com amigos, comunicação com amigos e familiares à distância, leitura de jornais e compartilhamento de arquivos.

Estes dados nos levam a crer que esta parcela da população académica portuguesa não delimita seu tempo de utilização da Internet a atividades específicas, mas sim, fazem uso do tempo para agregar diversas ações, sejam elas académicas, lúdicas, comunicacionais, informacionais, ou todas simultaneamente.

Tabela 17 - Objetivos para a utilização da Internet

Grupo	N	Taxa de Respostas
Trabalho	115	29,87%
Estudo	138	35,84%
Entretenimento	128	33,25%
Todas as alternativas	246	63,9%
Outros	8	2,08%

4.2.3.3 Relação com os livros electrónicos

Esta secção incorporou questionamentos sobre a inserção dos livros electrónicos no cotidiano dos inquiridos, bem como, o relacionamento destes com esta nova forma de leitura e estabelecer comparativos com os demais tipos de leitura. Para isso foram colocadas perguntas sobre a experiência com *e-books*, o objetivo para a utilização deste tipo de leitura, as preferências e o acesso via internet.

Leitura de e-book

Perguntados se já fizeram a leitura de um livro electrónico, a maioria dos inquiridos respondeu afirmativamente (60,26%). Enquanto uma parcela de 39,74% informou que nunca havia praticado esse tipo de leitura.

Estes dados diferem com o estudo publicado pelo WIP Portugal (2010) que contabilizou que 56,5% dos portugueses nunca leram ou consultaram livros online, enquanto 19,9% já realizaram mas menos frequentemente, 9,5% têm contacto com o livro electrónico mensalmente, 9,3% semanalmente, e apenas 3,9% diariamente. Além desses dados o WIP Portugal (2010) também registrou que 9% não tem conhecimento ou não quiseram responder a questão.

Tal diferenciação pode ser compreendida pelo facto de que a população indicada para esse inquérito, diferente do WIP Portugal (2010), era exclusivamente composta de uma comunidade académica, e assim como já foi registrado em outros países este público é o principal responsável por alavancar o interesse na utilização dos livros electrónicos, inicialmente com carácter educativo.

Tabela 18 - Leitura de livros electrónicos

Grupo	N	Taxa de Respostas
Sim	232	60,26%
Não	153	39,74

Objetivo da leitura

Dentre os inquiridos que responderam já haver lido um livro electrónico, foi questionado com qual objetivo foi realizada essa leitura. A maioria afirmou ter optado pelo livro electrónico para uma leitura relacionada aos estudos (57,94%), enquanto 31,76% afirmou ter lido um *e-book* relacionado ao trabalho. Uma percentagem de 28,33% dos inquiridos afirmou que optaram por livros electrónicos para entretenimento, e no extremo, um grupo correspondente a 25,75% afirmou que já realizou leituras de e-book em todas as opções, estudo, trabalho e entretenimento.

Esta questão foi colocada com uma opção de filtro, sendo direcionada apenas para os inquiridos que afirmaram já haver lido um livro electrónico, havendo assim 233 respostas válidas.

Tabela 19 - Objetivos para a leitura de um e-book

Grupo	N	Taxa de Respostas
Trabalho	74	31,76%
Estudo	135	57,94%
Entretenimento	66	28,33%
Todas as alternativas	60	25,75%

Preferências de leitura

Apesar da indicação por parte maioria dos inquiridos de já terem realizado a leitura de *e-books*, questionados sobre a preferência de leitura, tendo como opções versões electrónicas e impressas, a maioria ainda optou pelo modo tradicional de publicação (60,94%). Com um valor consideravelmente inferior, parte dos inquiridos se posicionaram como adeptos de ambas as formas de leitura (28,33%), enquanto uma minoria colocou como preferencial à leitura de livros electrónicos (9,44%). No extremo foi possível observar uma pequena parcela que desconsidera ambos os tipos de leitura (1,29%).

Esses dados mostram que o universo da pesquisa ainda é marcado pela transição das publicações tradicionais para as publicações digitais, e apesar de já haver uma boa parcela que se atrai pelos livros electrónicos. Mesmo se somados os inquiridos que possuem preferência por

ambos e aqueles que se identificam com a leitura electrónica (37,7%) ainda será consideravelmente inferior àqueles que continuam tendo como preferência a leitura de materiais impressos.

Para esta questão também foi utilizado o recurso de filtro para que só os inquiridos que houvessem afirmado já ter tido contacto com livros electrónicos pudessem opinar sobre a preferência em uma ou outra forma de leitura. Foram contabilizadas 233 respostas válidas.

Tabela 20 - Preferência de leitura

Grupo	N	Taxa de Respostas
E-books	22	9,44%
Impressos	142	60,94%
Ambos	66	28,33%
Nenhum	3	1,29%

Descargas

Questionados se já realizaram a descarga de um livro via internet a maioria dos inquiridos afirmou positivamente (76,1%), enquanto apenas 23,9% afirmaram nunca terem utilizado a internet para realizaram descarga de livros.

Se comparados à percentagem de inquiridos que afirmaram já terem lido *e-books* (60,26%), os dados nesta questão levantam um novo grupo: usuários que já realizaram a descarga de livros porém nunca chegaram, provavelmente, a leitura (15,84%). A razão para esse feito podem ter sido variadas, seja porque o inquerido não realizou a leitura completa então desconsiderou o contacto com *e-books*, ou até mesmo, porque realizou a descarga de uma versão digitalizada de um livro impresso, então desconsiderou-o enquanto livro electrónico.

Apenas um inquerido não respondeu a esta questão, havendo, desta forma, 385 respostas válidas para este inquérito.

Tabela 21 - Realização da descarga de livros via Internet

Grupo	N	Taxa de Respostas
Sim	293	76,1%
Não	92	23,9%

4.2.3.4 Dispositivos de leitura

Esta secção agrupou questionamentos sobre o contacto e utilização por parte dos inquiridos de dispositivos específicos para a leitura de livros electrónicos. Para isso foram aplicadas perguntas sobre a experiência com estes dispositivos, a especificação de qual dispositivo foi utilizado e o possível interesse em adquirir um dispositivo de leitura.

Uso

Questionados sobre a utilização de dispositivos electrónicos para leitura a maioria dos inquiridos informaram que nunca tiveram contacto com e-readers ou tablets como iPad, Kindle, Cooler ou outros semelhante (48,83%), enquanto uma parcela bem menor afirmou já ter utilizado algum desses dispositivos (12,21%).

Também foi acrescentada nesta questão a possibilidade de leitura via computador, compreendendo que o acesso aos dispositivos electrónicos ainda não se encontra tão forte e que na verdade grande parte dos leitores de *e-books* ainda faz uso dos seus computadores pessoais para este tipo de atividade. Neste inquérito, 38,96% dos inquiridos afirmaram que possui no computador seu principal equipamento para a leitura de livros electrónicos.

Tabela 22 -Uso de dispositivos electrónicos para leitura

Grupo	N	Taxa de Respostas
Sim	47	12,21%
Não	188	48,83%
Costumo ler no computador	150	38,96%

Especificação

Aos inquiridos que responderam que já fizeram uso de um dispositivo de leitura electrónico foi colocada uma questão aberta, utilizando o mecanismo de filtro, solicitando a especificação de qual dispositivo havia sido utilizado.

Foram contabilizadas 47 respostas válidas as quais apresentaram os seguintes dispositivos: iPad, iPad 2, iPhone e iPod, da Apple, Kindle da Amazon, Nook da Barnes & Noble, telemóvel não especificado, *smartphone* não especificado, Samsung Galaxy 2 da Samsung, terminal Android por intermédio do Aldiko e Eee Pad Transformer da Asus.

Tabela 23 - Dispositivos electrónicos utilizados para leitura

Dispositivos Electrónicos para Leitura	Frequência (n)
iPad e iPad 2, da Apple	19
Kindle da Amazon	15
iPhone da Apple	5
iPod, da Apple	2
Nook da Barnes & Noble	1
Telemóvel não especificado	1
Smartphone não especificado	1
Samsung Galaxy 2 da Samsung	1
Terminal Android por intermédio do Aldiko	1
Eee Pad Transformer da Asus	1

Interesse em aquisição

Questionados sobre o interesse em adquirir um dispositivo no qual pudessem ler um *e-book*, indiferente de já ter utilizado ou não, a maioria dos inquiridos afirmou que não possuíam tal interesse (41,82%). Um grupo de 26,49% expressou um possível interesse, enquanto apenas 17,66% afirmou que a eles lhe interessavam adquirir um dispositivo para leitura.

Tabela 24 - Interesse em adquirir um dispositivo para leitura

Grupo	N	Taxa de Respostas
Sim	68	17,66%
Não	161	41,82%
Talvez	102	26,49%

Uma quarta opção foi aberta aos inquiridos que quisessem informar as motivações que os levavam ao interesse, desinteresse, ou dúvida com relação aos dispositivos de leitura. Foram registradas 56 respostas válidas (14,55%).

Entre as motivações indicadas houve uma maioria que indicasse a falta de interesse em adquirir o dispositivo de leitura por possuir preferência pelos livros impressos (18/n). Em seguida foram colocados fatores financeiros como gerador de desinteresse nos dispositivos (10/n). Seis inquiridos responderam que já possuíam um dispositivo. As respostas restantes

variaram em indicações pessoais, no tocante ao interesse foi indicado facilitador para leitura de um e-book, mobilidade, praticidade pela quantidade de livros que se pode armazenar, e comodidade, já com relação aos desinteresse foi indicado que proporciona demasiado cansaço à leitura, não gosta e é pouco prático. Houve também indicações de inquiridos que não possuíam conhecimento do assunto, ou que não observaram ainda vantagens claras ou motivação para a compra.

Tabela 25 - Motivações ou desmotivações para aquisição de um dispositivo para leitura

Dispositivos Electrónicos para Leitura	Frequência (n)
Preferência pela leitura em papel	18
Razões financeiras	10
Ainda não observou vantagens claras ou motivações	7
Já possui	6
Mobilidade	4
Praticidade pela quantidade de livros que pode armazenar	4
Maior conforto na leitura	4
Proporciona demasiado cansaço para a leitura	3
Não tem conhecimento sobre o assunto	2
Não gosta/Pouco prático	2
Facilita a leitura de um e-book	1
Útil para os estudos	1

4.2.3.5 Hábito de leitura

Nesta secção foram aplicadas questões direccionadas ao hábito de leitura dos inquiridos. Para tal foram indicadas perguntas relacionadas as diferenças que observam entre a leitura tradicional e a leitura impressa, bem como as possíveis dificuldades que podem ser encontradas para a leitura digital.

Diferenças entre livro impresso e e-book

Questionados se reconheceriam alguma diferença entre o livro impresso e o *e-book*, especificamente no momento da leitura, a maioria dos inquiridos expressou que sim (89,35%).

Em seguida houve um número consideravelmente inferior que julgou não haver qualquer diferença entre os dois tipos de publicação (7,53%).

No extremo, com 3,12%, foram especificadas opiniões diversas com relação as diferenças entre os livros impressos e os livros electrónicos.

Tabela 26 - Diferenças no momento da leitura

Grupo	N	Taxa de Respostas
Sim	344	89,35%
Não	29	7,53%
Talvez	12	3,12%

Houve doze respostas válidas com opiniões sobre as diferenças que se observam entre as duas formas de publicação. Quatro inquiridos afirmaram não saberem informar sobre a diferença no momento da leitura, outros três justificaram que o livro impresso é mais cômodo e possui uma leitura mais fácil. Dois inquiridos afirmaram não terem lido um *e-book*, mas o fator de necessitar de bateria não contribue para esse tipo de leitura. Um inquerido afirmou que a diferenciação podia ser observada apenas durante o início da leitura, que em seguida já não se percebe as diferenças entre livro impresso e *e-book*, já outros dois assinalaram que a diferença está no fato do livro ser um objeto tátil, que pode ser exposto e dificilmente será danificado para uma posterior releitura.

Dificuldades na leitura de e-books

Com relação a leitura de livros completos em suportes digitais a maioria dos inquiridos respondeu que sentiam dificuldades (46,75%), um outro grupo afirmou que sentia dificuldades porém apenas algumas vezes (26,23%), enquanto isso, 11, 43% dos inquiridos responderam não ter nenhuma dificuldade em ler livros completos em suportes digitais, e 15, 58% afirmaram não ter opinião formada sobre o assunto.

O alto índice de dificuldade em fazer uma leitura completa em suporte digital leva a compreensão de ainda existir um grupo considerável de leitores que percebem os livros electrónicos como objeto para leituras passageiras, sejam livros curtos de entretenimento ou mesmo, apenas, livros para consulta e pesquisa, relacionadas a trabalho ou estudos.

Tabela 27 - Dificuldades em ler livros em suportes digitais

Grupo	N	Taxa de Respostas
Sim	180	46,75%
Não	44	11,43%
Algumas vezes	101	26,23%
Não tenho opinião formada	60	15,58%

4.2.3.6 Suportes digitais

Nesta secção foram formuladas questões que buscaram a informação de como os usuários compreendem a relação dos suportes digitais e livros electrónicos com a expansão da literatura, compartilhamento de obras literárias, valor de mercado se comparado aos livros impressos e possíveis dificuldades no processo de leitura.

Para tal foram aplicadas quatro perguntas distintas e ordenadas em apenas um grupo. As opções de resposta obedeceram a Escala Likert: discordo totalmente; discordo; nem discordo nem concordo; concordo; concordo totalmente.

Tabela 28 - Grau de concordância com afirmações relativas aos suportes digitais e livros electrónicos
(1=Discordo totalmente...5=Concordo totalmente)

Afirmações relativas aos suportes digitais e livros electrónicos	Frequência N	Média	Desvio-Padrão	1	2	3	4	5
				N	N	N	N	N
				(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Os suportes digitais são uma boa maneira de expandir o acesso a livros clássicos da literatura universal em suas versões originais	385	4,04	0,871	6 (1,6)	16 (4,2)	55 (14,3)	189 (49,1)	119 (31)
Os suportes digitais tornam a leitura mais difícil.	384	3,26	1,016	20 (5,2)	67 (17,5)	125 (32,3)	139 (36,2)	34 (8,9)
Os livros electrónicos podem tornar o compartilhamento de obras literárias mais fácil.	385	4,14	0,780	2 0,5%	11 (2,9)	49 (12,8)	193 (50,2)	130 (33,8)
Os livros electrónicos devem ter o mesmo valor de mercado dos livros impressos	384	2,11	1,017	114 (29,7)	163 (42,5)	65 (17)	31 (8,1)	11 (3)

Questionados se os suportes digitais são uma boa maneira de expandir o acesso a livros clássicos da literatura universal em suas versões originais, ou seja, sem necessariamente haver sido publicado em versão traduzida no país de origem do leitor, quase metade (49,09%) dos inquiridos se colocou nas colunas de completa concordância com a afirmativa, seguido dos que concordam totalmente (30,91%), resultando assim na média de 4,04.

Outra questão relevante no tocante as novas possibilidades que podem ser agregados aos livros electrónicos, é o poder que estes podem ter de tornar mais fácil o compartilhamento de obras literárias.

A média de resposta também foi enquadrada entre as colunas da direita, ou seja, afirmando a questão, metade (50,13%) dos inquiridos afirmou concordar nessa facilidade que pode surgir a partir da utilização dos *e-books* (50,13%), seguidos dos que concordam totalmente com a afirmação (33,77%).

A concordância por parte dos participantes deste inquérito nestas questões nos leva a concluir que os leitores, ou potenciais leitores, acreditam no poder dos ambientes digitais de romper as fronteiras literárias, que em muitos casos ficam reduzidos aos limites do mercado editorial de cada país.

Enquanto isso, a discussão acerca do valor de mercado que deve ser atribuído aos livros electrónicos possivelmente ainda está distante de ser concluída. Grande parte dos inquiridos (42,45%) discorda que os livros electrónicos devem ter o mesmo valor de mercado dos livros impressos, enquanto 29,69% discordam totalmente dessa possibilidade.

Com relação a afirmativa que posiciona os suportes digitais como responsáveis por tornar mais difícil o acto da leitura, foi possível observar que uma percentagem significativa da amostra ainda acredita que os suportes electrónicos dificultam a leitura (36,02%). Porém também praticamente com a mesma expressão esteve o grupo que afirma nem discordar nem concordar com a afirmação (32,26%), mostrando indiferença ou indecisão a esta nova forma de leitura.

Daqui podemos concluir que existem aspetos claramente positivos no que toca à difusão e partilha e aspetos menos claros, como sejam o da leitura, cujos resultados se encontram claramente divididos, e o do preço que apresenta uma tendência para ser avaliado com um valor menor do que o do impresso, o que já acontece na realidade nas livrarias que disponibilizam a mesma obra em suporte papel ou digital.

4.2.3.7 Literatura lusófona

Estiveram agrupadas nesta secção duas questões relacionadas como a literatura lusófona e o universo do livro electrónico. Foram levantados dois pontos distintos, um direccionado a preparação por parte das editoras em Portugal para trabalharem neste novo mercado editorial, o outro com respeito a facilidade que os livros electrónicos podem proporcionar ao acesso às obras em língua portuguesa.

Tabela 29 - Grau de concordância com afirmações relativas à literatura lusófona

(1=Discordo totalmente...5=Concordo totalmente)

Afirmações relativas à literatura lusófona	Frequência N	Média	Desvio- Padrão	1	2	3	4	5
				N	N	N	N	N
				(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
As editoras em Portugal já estão preparadas para disponibilizar obras em formato electrónico	383	2,80	0,791	18 (4,7)	103 (26,9)	207 (54,1)	47 (12,3)	8 (2,1)
Os livros electrónicos facilitarão o acesso a obras em língua portuguesa	382	3,79	0,817	3 (0,8)	24 (6,3)	87 (22,8)	206 (54)	62 (16,3)

Analisadas no capítulo 3 deste trabalho, as editoras portuguesas iniciaram, em sua maioria no ano de 2011, suas atividades relacionadas a publicação de edições electrónicas. Apesar de já terem sido dados os primeiros passos no caminho para um mercado editorial digital, se comparadas a países como Alemanha, França ou Reino Unido, as publicações portuguesas ainda estão com números consideravelmente inferiores.

Com um total de 383 respostas válidas, a maior parte dos inquiridos se concentram entre os níveis 2 e 3, atingindo um média de 2,8%, ou seja, em torno da discordância ou neutralidade com relação à afirmação das editoras portuguesas estarem preparadas para disponibilizarem obras em formato electrónico. O facto de 54% dos inquiridos afirmarem não discordar nem concordar com a afirmação pode estar relacionado a duas possibilidades, a falta de conhecimento destas iniciativas por parte do público alvo deste inquérito, ou mesmo, a indiferença destes as iniciativas desta qualidade em Portugal.

Um total de 26,89% das respostas válidas discorda que as editoras estejam preparadas para disponibilizarem obras em formato electrónicos, enquanto 12,3% concordam com essa preparação. Nos extremos, com 4,7% e 2,1% estiveram aqueles que discordam totalmente e concordam totalmente, respectivamente, com a afirmação.

Questionados sobre a afirmação de que os livros electrónicos facilitarão o acesso a obras em língua portuguesa, a maioria das 383 respostas válidas para este inquérito se concentrou entre os níveis da direita, ou seja, afirma concordar com a frase, com 54% das respondentes. Na sequência estiveram aqueles que nem concordam nem discordam da afirmação (22,8%), seguidos dos que discordam totalmente (16,3%). Nos extremos estiveram aqueles que discordam (6,3%), seguidos dos que discordam totalmente da afirmação (0,8%). Esta valorização positiva está de acordo com a afirmação da questão anterior no que se refere à facilidade de difusão dos textos neste formato.

4.2.3.7 Bibliotecas digitais

Nesta secção foram indicadas perguntas com o objetivo de apurar a opinião dos inquiridos com relação às bibliotecas digitais. Para tal foram elaboradas questões de resposta de múltipla escolha e resposta aberta, tendo como foco a utilização das bibliotecas digitais por meio da descarga de livros electrónicos, o papel das bibliotecas digitais como facilitadoras para pesquisas, bem como a opinião pessoal dos inquiridos com relação às bibliotecas digitais, sendo esta última de resposta facultativa.

Com um total de 384 respostas válidas para este inquérito foi indicado que 60,68% do universo investigado já teve acesso a uma biblioteca digital, em contraponto, 39,32% nunca acessou uma biblioteca digital. O número de pessoas que nunca tiveram acesso a uma biblioteca digital pode ser considerado relativamente alto, considerando que os inquiridos estão ligados a Universidade e boa parte deles indicou usar a internet para pesquisas de trabalhos ou estudos.

As perguntas dessa secção foram disponibilizadas para todos os inquiridos, mesmo àqueles que informaram não ter tido acesso anterior a uma biblioteca digital.

Tabela 30 - Acesso a uma biblioteca digital

Grupo	N	Taxa de Respostas
Sim	233	60,68%
Não	151	39,32%

Acesso a obras

As bibliotecas digitais proporcionam aos seus usuários a descarga de livros electrónicos da mesma forma que acontece com o empréstimo de obras nas bibliotecas tradicionais. Porém, atualmente ainda existem diversos obstáculos que vêm impedito o livre acesso a essas obras e, muitas vezes, o crescimento dos acervos das bibliotecas digitais.

Mesmo com a compreensão destas dificuldades, percebendo a descarga como filtro de uma real utilização de uma biblioteca digitais questionamos aos inquiridos quantos deles já haviam efetuado um empréstimo por meio de uma biblioteca digital.

Com um total de 385 respostas válidas para este inquérito, a maioria dos inquiridos informou nunca ter realizado a descarga de um livro por meio de uma biblioteca digital (72,14%), enquanto a minoria confirmou já haver realizado este tipo de atividade (27,86).

Tabela 31 - Realização de descarga por meio de uma biblioteca digital

Grupo	N	Taxa de Respostas
Sim	107	27,79%
Não	278	72,21%

Facilitador para pesquisas

As bibliotecas são a principal fonte de pesquisa, principalmente no que se refere a pesquisa académica. Na Sociedade da Informação, a Internet surge para compor esse espaço e tem cada vez mais se destacado como fonte de informações generalizadas ou específicas. Levando em consideração essa informação foi perguntado aos inquiridos se as bibliotecas digitais tornariam o processo de pesquisa mais fácil, se comparado às bibliotecas tradicionais.

Com 74,74% das respostas válidas, a maioria dos inquiridos acredita que as bibliotecas digitais tornam o acesso à pesquisa mais fácil que as bibliotecas tradicionais, enquanto 13,95% afirmou não acreditar nesta facilidade.

Tabela 32 - Bibliotecas digitais como facilitadoras para a pesquisa

Grupo	N	Taxa de Respostas
Sim	284	74,54%
Não	54	14,17%
Outro	43	11,29%

Uma parcela de 11,32% dos inquiridos optou pela resposta “outra” e, especificou suas opiniões. A maioria dos inquiridos com respostas válidas (17/n) afirmaram não saber se as bibliotecas digitais tornam a pesquisa mais fácil ou não possuem opinião formada sobre o assunto. Na sequência houve aqueles que afirmaram nunca haver utilizado um biblioteca digital e por essa razão não se sentiam aptos a optar (13/n), e outro grupo afirmou depender do título ou da organização da biblioteca (8/n). As demais respostas válidas variaram entre não haver diferença, não facilitarem nem dificultarem, facilitarem de acordo com a qualidade da rede ou da conexão e facilitarem por terem melhores sistemas de busca do que as bibliotecas tradicionais.

Tabela 33- Opiniões sobre as bibliotecas digitais como facilitadoras para a pesquisa

Outras (especificações sobre a facilidade ou dificuldade das bibliotecas digitais se comparadas as bibliotecas tradicionais)	N
Não sei / Não tenho opinião formada	17
Nunca utilizei	13
Depende do título / organização da biblioteca	8
Facilitam, caso não haja dificuldade externa (rede, conexão)	2
Facilitam, pois têm melhores ferramentas de busca	2
Não há diferença	1
Não facilitam nem dificultam	1

Opiniões pessoais

Para concluir a secção sobre bibliotecas digitais foi solicitado aos inquiridos a colocação de suas opiniões gerais sobre estas plataformas online. A questão possuía a opção de resposta

aberta e facultativa, não era necessário exprimir suas opiniões neste item para concluir com êxito o inquérito.

Foi registrado um total de 194 respostas válidas para este inquérito, as quais estão organizadas em doze itens dispostos na tabela 15. A sentença observada com maior frequência foi a que afirma que as bibliotecas digitais são importantes, pois permitem um acesso rápido, fácil e permanente a todos os títulos que estão disponíveis (51/n), enquanto 46 inquiridos concordaram possuírem uma opinião favorável com relação as bibliotecas digitais. Na sequência estiveram aqueles que não possuíam opinião formada ou que nunca utilizaram uma biblioteca digital (37).

Um grupo de dezenove inquiridos concordou em colocar as bibliotecas digitais como potenciadoras no papel de democratizar o acesso a leitura, diversos motivos foram levantados, entre eles o fator de tornar acessível todos os títulos a todos, independente de espaço.

Outra opinião destacável foi a daqueles que afirmaram serem as bibliotecas digitais o fuuro das bibliotecas em geral (12/n). Porém, houve aqueles que desacreditam no potencial atual das bibliotecas digitais, afirmando que ainda falta organização e bons acervos (10/n), que as ofertas de literatura lusófonas ainda são limitadas (2/n) e que, por fim, ainda têm preferência por bibliotecas tradicionais (7/n).

Tabela 34 - Opiniões sobre as bibliotecas digitais

Opinião sobre as bibliotecas digitais	N
Nunca utilizei/Não tenho opinião formada	37
São o futuro das bibliotecas em geral	12
Potencial de democratizar a acesso a leitura	19
Opinião favorável	46
Permitem um acesso mais rápido , fácil e permanente	51
Permitem aceder a livros e artigos internacionais com grande facilidade	2
Ainda falta organização e melhor acervo	10
Têm uma oferta de literatura lusófona limitadas	2
Preferência pelas bibliotecas tradicionais	7

É uma boa forma de divulgação do acervo das bibliotecas tradicionais	2
Possuem melhores mecanismos de busca	3
São semelhantes as bibliotecas tradicionais	1
Menos impacto ao meio ambiente	1

4.2.3.8 Plataformas digitais

Esta questão buscou apurar quais as preferências atuais dos inquiridos com relação as plataformas digitais que já estão disponíveis. Foram disponibilizadas onze opções, entre iniciativas gratuitas e pagas, portuguesas ou de origem internacional, sendo elas: *Projecto Gutenberg*, *Amazon Kindle Store*, *Barnes & Noble*, *Fnac*, *Google Ebooks*, *IBooks Store*, *Myebooks.pt*, *Leya – Universia*, *Harlequin Portugal*, *Babel* e *Bubok Portugal*.

Aos inquiridos também foi disponibilizada a opção de nenhuma das alternativas, e outras, a qual poderia ser acrescida a referida plataforma.

Preferências

Considerando todas as opções indicadas e a possibilidade de indicar outras plataformas digitais, foram registradas 382 respostas válidas para este inquérito. Os inquiridos afirmaram terem como costume acessar com maior frequência a plataforma Google Ebooks (46,07%), seguida da livraria digital Fnac (27,75%), e da Amazon Kindle Store (23,04%). O Projecto Gutenberg, precursor das plataformas de livros electrónicos, é acessado por 14,4% dos inquiridos. As demais opções disponibilizadas representaram menos de 10% do universo do inquérito.

Um percentual relativamente alto afirmou não ter costume de acessar nenhuma plataforma online (27,49%). Enquanto 9,95% optaram pela opção outra e indicaram as plataformas que costumam acessar. (tabela X). Entre as opções indicadas pelos inquiridos obteve maior frequência foi a Biblioteca do Conhecimento Online (6/n).

Tabela 35 - Plataformas digitais utilizadas para o acesso a livros digitais

Dispositivos Electrónicos para Leitura	N	Taxa de Respostas
Amazon Kindle Store	88	23,04
Projecto Gutenberg	55	14,4%
Barnes & Noble	8	2,09%
Fnac	106	27,75%

Google Ebooks	176	46,07%
iBooks Store	30	7,85%
Myebooks.pt	14	3,66%
Leya - Universia	16	4,19%
Harlequin Portugal	4	1,05%
Babel	22	5,76%
Bubok Portugal	17	4,45%
Nenhuma	105	27,49%

Tabela 36- Plataformas digitais indicadas na pesquisa

Plataformas digitais	N
Nenhuma	7
Biblioteca do Conhecimento Online	6
Bibliotecas universitárias	4
Pesquisa livre	4
Scribd	3
Torrent	2
Europeana	2
P2P	1
Domínio Público	1
Questia.com	1
Android aldiko	1
Instituto Camões	1
Livrarias digitais	1
Almamater	1
JStor	1
Wook	1
Ibuk	1

4.2.5 Conclusões do Inquérito

A aplicação deste inquérito teve como objetivo central a realização do mapeamento do uso dos recursos electrónicos, mas especificamente os suportes e as plataformas de leitura, por parte da comunidade académica da Universidade de Coimbra e a relação deste público com as novas tecnologias da informação ligadas ao hábito da leitura, identificando mudanças, reajustes, gostos e preferências.

Dentro do universo representado pelos estudantes, professores e bibliotecários das Faculdades de Letras, Economia, Psicologia e Ciências da Educação e do Departamento de Engenharia de Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, obtivemos a participação neste estudo de caso de 385 pessoas, resultando em uma taxa de respostas válidas de 4,05%. Deste total a maioria é de estudantes (84,68%), do sexo feminino (54,4%), com idade entre 16 e 26 anos (66%), matriculados em cursos de Licenciatura (55,38%), sendo a Faculdade de Economia (50,91%) a com maior representação.

Levando em consideração os objetivos propostos para este estudo de caso foi possível alcançar as seguintes conclusões:

Qualificar as investigações com relação aos livros electrónicos

A recolha dos dados para este estudo de caso por meio da aplicação de um questionário foi imprescindível. Atualmente, poucos são os estudos realizados tendo como objeto central o hábito da leitura electrónica, ou mesmo o uso de dispositivos electrónicos com este fim, em Portugal.

Grande parte dos estudos que deram suporte a esta análise possuíam como foco a relação dos usuários com as novas tecnológicas da informação fazendo apenas referências pontuais aos dispositivos de leitura, ou em dados momentos, apenas referenciando a relação entre a televisão, a Internet e os telefones móveis.

Adaptando esses estudos aos dados coletados pelo inquérito aplicado na Universidade de Coimbra foi possível montarmos uma nova perspectiva, propondo de forma empírica, afirmações que até então estavam restritas a conclusões subjetivas.

Compreender como está sendo a adaptação, recepção e acesso aos livros electrónicos

Foi confirmada, por meio deste inquérito, a colocação da comunidade académica como um dos atores da sociedade portuguesa responsável pelo uso da Internet no cotidiano, tendo a maioria informado que dedica mais de 35h semanais ao uso desta tecnologia (33,85%).

Esse tempo online é dividido em atividades ligadas ao entretenimento, estudos e trabalho (63%), sem delimitações de objetivos específicos, observando na Internet uma ferramenta de múltiplas possibilidades.

Com relação à disposição para a leitura de livros electrónicos foi concluído que grande parte da comunidade já realizou a leitura de um *e-book* (60,16%), porém este foco, diferente do acesso a Internet, está direcionado a leitura de títulos relacionados aos estudos (57,76%).

Para o acesso aos livros electrónicos, a maioria da população do inquérito afirmou já haver realizado a descarga de um livro electrónico (76,06), superando inclusive a número daqueles que leram um *e-book*, o que nos leva a conclusão que existe o interesse no acesso, mas nem sempre é realizada a leitura completa.

Para ter acesso aos *e-books* houve diversas opções de plataformas online, sendo a preferência indicada para aquelas de iniciativa privada: Google Ebooks (46,07%), Fnac (27,75%) e Amazon Kindle Store (23,04%).

É válido concluirmos que as três iniciativas mais utilizadas pelos leitores para terem acesso a *e-books* são de carácter internacional o que reforça a possibilidade de quebra de fronteiras proporcionada pelos livros electrónicos. O acesso já não se restringe apenas a livrarias locais, mas passa a ser provido por iniciativas completamente globalizadas.

Ainda referindo-se ao fator de os livros electrónicos serem mais utilizado para pesquisas académicas, o fator do principal meio de acesso ser as plataformas multinacionais contribui para que publicações deste género possam ultrapassar fronteiras mais rapidamente, já que não mais depende diretamente da publicação por parte de uma editora local, o que muitas vezes não acontece, e que podia vir a ser um empecilho para o intercâmbio de conhecimento científico.

Definir possíveis mudanças no hábito de leitura

Retomando as definições de José Afonso Furtado (2007) e de Garcia, Díaz & Arévalo (2011), livros electrónicos podem ser entendidos como versões de um texto a qual deva ser realizada a leitura em um suporte electrónico, ou seja, leva-se em consideração que o conteúdo de um livro electrónico pode ser similar a de um livro impresso, o que varia são os suportes de leitura.

Apesar disso, o que pudemos observar com a aplicação do inquérito é que a relação entre os leitores e essa forma de publicação ainda não está completamente estabelecida. Mesmo 60,16% dos inquiridos terem afirmado já haverem realizado a leitura de um *e-book*, 89,32% reconhecem que existe uma diferença, no momento da leitura, entre o livro impresso e o e-book. Entre as opiniões especificadas foi possível observar que o que mais diferencia uma forma da outra é o conforto, proporcionado pelos livros impressos. Paralelo a isso, 46,88% afirmou que possuem dificuldades em ler livros completos em suporte electrónico, aliando-se a 36,02% que afirmam que os suportes são responsáveis por tornar o acto da leitura mais difícil.

A conclusão que podemos tomar baseado nos número coletados é que ainda existe uma grande dificuldade na inserção dos livros electrónicos na leitura cotidiana e aprofundada e a principal razão para isso é a falta de adaptação dos leitores aos suportes electrónicos, que ainda

são vistos como objetos incômodos para a leitura e apenas interessante para o acesso a pesquisas rápidas. O que acaba resultando na preferência de 60,78% dos inquiridos pelos livros impressos.

Contudo, se observamos que este mercado de publicação só vem ganhando notoriedade nos últimos anos, coletar que 28,45% preferem ambas as formas de leitura e 9,48% afirmam preferirem a leitura dos *e-books* já pode ser considerado um início da inclusão dessas publicações no hábito da leitura dos portugueses, apesar de ainda não ser preferencial, porém pode indicar um crescimento gradual.

Apontar as formas como está sendo realizada a leitura digital

O principal suporte que está sendo utilizado para a leitura digital ainda são os computadores pessoais (39,06%). Apesar de serem mais indicados para a realizada a leitura de um *e-book*, os *ereaders* e *tablets* ainda não são ferramentas utilizadas por uma grande maioria, tendo sido indicado apenas por 12,24% dos inquiridos.

Os dados coletados sobre o possível interesse de aquisição nos leva a crer que ainda não está devidamente estabelecida a utilidade, bem como, a possível necessidade dos leitores em adquirir dispositivos específicos, já que 41,93% indicou não possuir nenhum interesse na aquisição. O que nos leva a concluir que em curto prazo os leitores de livros electrónicos ainda manterão os computadores como principal suporte de leitura.

Identificar os dispositivos e espaços digitais que já se integraram ao cotidiano da leitura

De acordo com dados coletados pelo inquérito foi possível concluir que os dispositivos que mais estão se integrando ao cotidiano da leitura são os tablets, sendo liderados pelos modelos iPad e iPad 2, da Apple, enquanto os espaços digitais de maior alcance, como já foi citado anteriormente, são aqueles de iniciativa internacionais sendo liderados pela Google Ebooks (46,07%), Fnac (27,75%) e Amazon Kindle Store (23,04%).

Comparar as possíveis vantagens ou desvantagens dos livros electrónicos

Os inquiridos reconheceram nos livros electrónicos o potencial de tornar mais fácil o compartilhamento das obras literárias, bem como, nos suportes digitais em expandir o acesso aos livros clássicos da literatura universal em suas versões originais.

Aliada as conclusões anteriores é possível afirmamos que apesar de ainda está em fase inicial de utilização, já existe uma expectativa positiva por parte dos leitores de os livros electrónicos suprimem algumas demandas que nos livros impressos é, de certa forma frágil, como é o caso do acesso a livros em versões originais serem acessível em países distintos da sua origem, ou mesmo a possibilidade de compartilhar obras independente do local na qual se encontra publicada.

As principais desvantagens que concluímos é a falta de adaptação por parte dos leitores aos suportes de leitura digital, o que torna limitada o uso completo de todas as publicações.

Observar a opinião de potenciais leitores com relação as bibliotecas digitais e mercado do livro lusófono.

Com relação as bibliotecas digitais concluímos que apesar de grande parte dos inquiridos já terem acessado uma biblioteca digital (60,68%) a maioria deles nunca realizou o uso efetivo de uma plataforma deste gênero, levando em consideração que apenas 27,86% afirmou já ter realizado a descarga de um livro a partir desta fonte.

Observamos que a falta de uso é contraditória ao potencial que os usuários acreditam que as bibliotecas possuem como facilitadora na pesquisa acadêmica, incluso se comparadas as bibliotecas tradicionais (74,74%).

Analisando as respostas incluídas por parte dos inquiridos podemos concluir que a biblioteca digital é mais uma tecnologia da informação aplicada para a facilitação do acesso ao conhecimento, pois proporciona, se organizada de maneira eficaz, informações acessíveis permanentemente, de forma rápida, eficaz e independente de referências e deslocamentos físicos, principais vantagens apontadas pelos inquiridos

Conclusão

Siempre pensé que el Paraíso sería una especie de biblioteca.

(Jorge Luis Borges)

Seriam os livros electrónicos o prenúncio do fim dos livros impressos? Bem, como já foi citado anteriormente, este estudo não teve em nenhum momento a intenção de chegar a conclusões apocalípticas. Muito pelo contrário, intencionou-se, na realidade, em realizar a identificação e a compreensão de uma possibilidade editorial que ainda é um enigma de funcionalidade para muitos, mas que provavelmente, andarão lado a lado com a forma impressa, esta que tem feito parte do nosso cotidiano desde a primeira publicação de Gutenberg.

O universo dos livros electrónicos ainda possui um longo caminho a percorrer. Em Portugal este ano tem sido decisivo para indicar a posição do mercado com relação a isso, bem como a recepção do público aos *e-books*. O termo livro eletrônico no universo lusófono ainda está longe de atingir o seu potencial em relação à pesquisa académica e mesmo ao uso do cotidiano deste novo conceito de publicação.

Este fato acabou por proporcionar mudanças nos rumos desta investigação, levando-nos a entender a importância de se traçar um panorama sobre os livros electrónicos, entre teorias, inovações tecnológicas, iniciativas editoriais e a opinião de um grupo de potenciais leitores sobre essa realidade, principalmente em função de não existir nenhum estudo atual em Portugal que aborde este tema, observamos, assim que seria necessária uma exploração realmente detalhada, porém objetiva do caso.

Sendo assim, por se tratar de uma análise inovadora, o presente estudo poderá contribuir para investigações futuras envolvendo as novas tecnologias da informação e comunicação, os livros electrónicos e a relação dos leitores com essas novas formas de acesso à leitura, tendo como foco o universo português e da literatura lusófona.

O momento pelo qual passamos é de transição, de forma que apenas iniciamos o reconhecimento dos dispositivos digitais que possam ser utilizados para a leitura, bem como as plataformas digitais que podem proporcionar o acesso aos *e-books*. A revisão bibliográfica, a exploração dos meios e suportes digitais e o inquérito aplicado, foram essenciais para que pudéssemos alcançar os objetivos propostos, e conhecermos esta ambiente, conectando estudos realizados em outros países com a realidade que se encontra Portugal.

Os jornais, a música, os filmes fotográficos, até mesmo o cinema, tiveram suas realidades completamente transformadas pela revolução tecnológica que acompanhamos desde a década de 60. Os livros têm sentido a acção desta revolução com muito mais intensidade nestes últimos dez anos.

De acordo com Cordón Garcia, Díaz Gómez e Arévalo Alonso a “tecnofobia camuflada de argumento cultural ha demostrado históricamente su corto recorrido, precisamente porque la cultura se alimenta de la tradición, pero también, y muy poderosamente, de la renovación” (2011,p. 17). Nestas condições foi possível chegar às seguintes conclusões:

A tecnologia entrou inicialmente no universo dos livros por meio da introdução de mecanismos digitais para a escrita, diagramação, impressão, entre outras, etapas essenciais para a publicação dos livros impressos. A seguir de algumas experiências frustradas para o mercado editorial, atualmente, já podemos observar a tecnologia como ferramenta em todo o processo de publicação até a própria leitura.

Portugal atualmente não possui nenhum dispositivo de leitura criado para seu mercado próprio, porém, os leitores portugueses já têm imenso acesso aos diversos *e-readers* e *tablets* disponibilizados em mercado global, podendo livremente ingressar neste novo formato.

Apesar do grande esforço por parte das empresas criadoras de *e-readers*, durante essa investigação foi possível observar que o grande marco para a leitura de *e-books* fica por conta dos *tablets*. Que em um sistema híbrido facilita a leitura electrónica, mas também proporciona outras funções que suscitam o imenso interesse por parte dos usuários. Em contraponto, verifica-se que a qualidade da leitura ainda é mais garantida a partir de um *e-reader*, principalmente aqueles com tecnologia de tinta electrónica, que possibilita um conforto semelhante ao que os leitores esperam de um livro impresso.

Para além disto, com relação à disposição de títulos em Portugal, observamos que as editoras portuguesas só iniciaram efetivamente suas atividades nesta mercado no último ano, e ainda não estão alinhadas o suficiente a outros mercados, acabando por não satisfazer completamente a expectativa dos leitores.

Em um comparativo a pesquisa que fizemos aos sitios de editoras com livrarias digitais e ao inquérito realizado para este estudo, pudemos observar que ainda existe uma carência imensa do mercado português com relação aos *e-books* e essa carência acaba por não despertar o interesse do leitor, que acreditam que os livros electrónicos facilitam o acesso a leitura, mas tão pouco fazem uso dessa facilidade.

Mesmo observando essas fragilidades foi possível criarmos um vasto panorama do livro electrónico em Portugal, como está disponibilizado, quais as principais formas de acesso, compra e formas de leitura. Este panorama poderá vir a servir como base para estudos futuros que venham a analisar a evolução do mercado editorial português, bem como o comportamento dos usuários destas plataformas, ponto este que não foi levantado neste estudo mais que se tornará imprescindível ao passo que cresça a utilização dos *e-books* em Portugal.

A realização de um inquérito junto à comunidade académica da Universidade de Coimbra foi vital para que pudéssemos alcançar conclusões para além das intuitivas com relação à opinião dos leitores sobre os livros electrónicos. Tendo sido válido para desfazermos

certos conceitos pré-concebidos, como por exemplo a total rejeição dos leitores aos livros electrónicos e dispositivos de leitura, ou mesmo, confirmar algumas das teorias estudadas nomeadamente as referentes aos hábitos de leitura e o papel dos livros electrónicos e das plataformas digitais na expansão da informação.

Sendo aplicado nas faculdades de Letras, Psicologia e Ciências da Educação, Economia e do departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia, obviamente este estudo não se toma como uma série de opiniões comuns, trata-se, naturalmente, de uma pequena amostra do universo académico, mas que consiste em um passo essencial para o estudo de novas literacias em Portugal.

Conceitos, formatos, perspectivas tendem a tomar uma variação impressionante quando impulsionados pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, e isto não é diferente com os livros electrónicos. Atualmente temos uma mostra real do que seja um *e-book* e suas possibilidades de publicação, divulgação, venda, acesso e leitura e o que se mostrou é que os autores, editores, empresas de tecnologia e leitores estão em fase de sintonização para que no futuro próximo possamos observá-los enquanto objetos práticos, acessíveis e democratizadores.

O interesse e o investimento nos livros electrónicos têm crescido por todos os lados, e a expectativa é que este crescimento seja cada vez maior, assim como os estudos académicos relacionados a esta área. Desta forma, a principal conclusão que tomamos para este estudo é que o *e-book* ainda está em desenvolvimento, em todos os sentidos, porém, já se mostra como uma possibilidade real a do posicionamento enquanto facilitador no acesso, compartilhamento e fortalecimento das obras literárias.

Com relação ao futuro, muitos aspectos provavelmente serão explorados pelos três pilares da edição: as editoras, os autores e os leitores, o que provoca novos questionamentos, teorias e possibilidades.

Os livros electrónicos serão responsáveis por tornar cada vez mais próxima a relação entre as editoras e o leitor ou entre autor e leitor? Na *WEB 2.0* qual será o papel do editor e qual a participação do leitor na escrita de um livro? Quais ferramentas passarão a ser utilizadas para o acesso e compra de exemplares?

Muito dos instrumentos tecnológicos introduzidos no nosso cotidiano já estão tão integrados que passam despercebidos, são utilizados naturalmente. Serão os livros electrónicos capazes de alcançar um patamar de evolução que passe a ser utilizado tão comumente, sem necessidade de ajustes ou adaptações, assim como os livros impressos?

Neste estudo foi possível observar diferentes definições para os livros electrónicos, bem como, as possibilidades que podem ser agregadas a eles, o universo multimídia que deverá ser introduzido nas publicações futuras. Será que esta integração deverá nos levar a pensar em um novo conceito de livro ou simplesmente surgirão conceitos e definições paralelas? Deve-se

começar a pensar no livro electrónico com aplicações de multimédia, como um objeto de leitura inovador que já não deva se nomear enquanto livro?

Além destas questões, muitas outras surgem entre nós que integramos uma realidade onde o analógico ainda resiste, envolve e encanta. O tempo irá desvendar discretamente cada uma dessas questões, e o que para nós ainda é mistério, nas próximas gerações sequer deverá ser questionado.

Anexo - Inquérito

Formulário Aplicado

Inquérito sobre E-books

1. Idade

2. Sexo

Feminino

Masculino

3. Profissão

Estudante

Docente

Bibliotecário (a)

4. Faculdade

Letras

Ciências e Tecnologia

Economia

Psicologia e Ciências da Educação

5. Curso

Licenciatura

Mestrado e Pós-Graduação

Doutorado

Outra (Por favor, especifique)

6. Quanto tempo em média faz uso da internet (semanalmente)

Menos de 10 horas

Entre 10 horas - 18 horas

Entre 18 horas - 27 horas

Entre 28 horas - 35 horas

Mais que 35 horas

7. Em geral costuma utilizar a internet para

Entretenimento

Estudo

Trabalho

Todas as alternativas

Outra (Por favor, especifique)

8. Já fez a leitura de um e-book

Sim

Não

9. Com qual objetivo fez a leitura de um e-book

Entretenimento

Estudo

Trabalho

Todas as alternativas

10. Se já experimentou a leitura de um livro electrónico, indique as suas preferências de leitura

E-books

Impressos

Ambos

Nenhum

11. Já alguma vez realizou o download de um livro por internet

Sim

Não

12. Já fez uso de algum dispositivo eletrônico para realizar a leitura de um e-book (ipad, kindle, cool-er, outros)

Sim

Não

Costumo ler no computador

13. Especifique o dispositivo electrónico utilizado

14. Tem interesse em adquirir um dispositivo para leitura de e-books

- Sim
- Não
- Talvez
- Quais razões motivam seu interesse, desinteresse ou dúvida

15. Reconhece que há alguma diferença, no momento da leitura, entre o livro impresso e o e-book

- Sim
- Não
- Outra (Por favor especifique)

16. Sente dificuldades em ler livros completos em suportes digitais

- Sim
- Não
- Algumas vezes
- Não tenho opinião formada

17. Relativamente aos suportes digitais. Indique o seu grau de concordância com as seguintes afirmações.

(1=Discordo totalmente...5=Concordo totalmente)

Os livros electrónicos podem tornar o compartilhamento de obras literárias mais fácil

1 2 3 4 5

Os suportes digitais são uma boa maneira de expandir o acesso a livros clássicos da literatura universal em suas versões originais

Os livros electrónicos podem tornar o compartilhamento de obras literárias mais fácil

Os livros electrónicos devem ter o mesmo valor de mercado dos livros impressos

18. Relativamente à literatura lusófona. Indique o seu grau de concordância com as seguintes afirmações.

(1=Discordo totalmente...5=Concordo totalmente)

Os livros electrónicos facilitarão o acesso a obras em língua Portuguesa

1 2 3 4 5

As editoras em Portugal já estão preparadas para disponibilizar obras em formato electrónico

19. Já teve acesso a uma biblioteca digital?

Sim

Não

20. Já realizou o download de um livro por meio de uma biblioteca digital?

Sim

Não

21. As bibliotecas digitais tornam o acesso à pesquisa mais fácil do que as bibliotecas tradicionais?

Sim

Não

Outra (por favor, especifique)

22. Qual a sua opinião sobre as bibliotecas digitais?

23. Qual plataforma digital (biblioteca online; livrarias; sites) costuma utilizar para ter acesso a livros digitais

Barnes & Noble

Amazon Kindle Store

Projecto Gutenberg

Myebooks.pt

IBooks Store

Google Ebooks

Fnac

Bubok Portugal

Babel

- Harlequin Portugal
- Leya - Universia
- Outra (Por favor, especifique)
- Nenhuma

Resultados: Questões Abertas

7. Em geral costuma utilizar a internet para:

- 1 compras
- 2 informação jornalística
- 3 comunicar com amigos
- 4 Comunicar com amigos e familiares à distância
- 5 falar com a família
- 6 leitura de jornais
- 7 comunicação com familiares
- 8 File-Sharing

13. Especifique o dispositivo electrónico utilizado:

- 1 iPad
- 2 iPad
- 3 iPad 2, Mac
- 4 Telemóvel
- 5 Iphone
- 6 ipad
- 7 Ipad
- 8 ipad
- 9 kindle
- 10 kindle
- 11 kindle
- 12 Iphone
- 13 Kindle
- 14 ipad
- 15 nook
- 16 ipod

- 17 tablet ASUS Eee Pad Transformer e Ipad
- 18 Kindle
- 19 kindle
- 20 ipad
- 21 iPad
- 22 ipad
- 23 iPhone
- 24 Kindle
- 25 samsung galaxy s, running android
- 26 ipad
- 27 iPad
- 28 iPod
- 29 ipad
- 30 ipad
- 31 Kindle
- 32 Smartphone
- 33 Kindle, Iphone, Smartphone Android
- 34 KIndle
- 35 Kindle
- 36 Terminal Android por intermédio do Aldiko
- 37 iPhone
- 38 Ipad, Kindle
- 39 kindle
- 40 computador portátil
- 41 i-pad
- 42 outro
- 43 iPad
- 44 ipad
- 45 kindle

- 46 pad
- 47 Acrobat Reader

14. Quais razões motivam seu interesse, desinteresse ou dúvida:

- 1 Acredito que torna mais fácil a leitura do e-book
- 2 Já tenho
- 3 preço
- 4 razões monetárias, se posso ler no computador não há motivo para adquirir um leitor
- 5 Gosto de ler em papel
- 6 Prefiro o livro em formato papel.
- 7 gosto de sentir as páginas do livro e poder ler onde me apetecer, sem ter computador
- 8 ainda não vi vantagens claras
- 9 mobilidade
- 10 prefiro livros impressos
- 11 para já, não necessito
- 12 já tenho
- 13 gosto de comprar livros impressos
- 14 aspecto prático do "transporte" e quantidade de livros disponíveis
- 15 ainda prefiro ler um livro em formato antigo, em papel.
- 16 Já possuo um.
- 17 Não me motiva a leitura
- 18 a praticidade
- 19 Não, é bastante mais cansativo ler num dispositivo electrónico.
- 20 Preço
- 21 Desinteresse: Preço!
- 22 Gosto de ler no papel.
- 23 necessidade para os estudos
- 24 um livro para mim ainda é em papel
- 25 Gosto do livro em suporte papel...

- 26 n é útil para mim
- 27 Não gosto, cansa mais a vista e gosto dos tradicionais livros.
- 28 Sim. Praticabilidade da leitura de documentos inacessíveis normalmente. Computador é muito cansativo.
- 29 saber pouco sobre o assunto
- 30 Gosto de sentir o livro na mão
- 31 Não ser a minha forma preferida de ler
- 32 nunca experimentou
- 33 Razões económicas
- 34 maior conforto na leitura
- 35 Já tenho um
- 36 Gostava de adquirir um dispositivo mais leve, prático e com uma bateria mais duradoura relativamente a um computador.
- 37 Facilidade de leitura, compra e mobilidade
- 41 Tenho um Kindle
- 42 Não aprecio ler no computador.
- 43 Prefiro livros impressos
- 44 desinteresse atualmente devido ao custo elevado destes dispositivos
- 45 Monetárias. É pena, mas tudo se arranja facilmente na internet. Não há grande justificação para investir em livros electrónicos. Prefiro em papel. Ou a própria internet para adquirir informação...
- 46 Prefiro ler livros em papel
- 47 preço
- 48 desinteresse: cansam os olhos
- 49 Pouco prático
- 50 Ainda estou muito presa ao livro impresso.
- 51 gosto de ter o papel com o texto, não gosto de ler no computador
- 52 preço do dispositivo e livro
- 53 não preciso
- 54 O computador continua a ser extremamente cómodo no que toca a retirar notas e realizar os meus apontamentos enquanto leio

- 55 Os bons são caros
- 56 Já possuo
- 38 Não vejo grande validade num equipamento que apenas seja um Book reader. Para mim, terá de ser sempre um equipamento que permita outras actividades como a comunicação, seja de voz ou de dados, e a visualização de filmes, fotos, etc.
- 39 Não gosto
- 40 preferência de ler em papel

15. Reconhece que há alguma diferença, no momento da leitura, entre o livro impresso e o e-book:

- 1 nunca usei
- 2 No início da leitura sim, mas após um par de páginas esqueço-me que estou a usar um dispositivo electrónico
- 3 livro impresso não cansa tanto a vista
- 4 O livro não fica sem bateria, pode cair na banheira e mesmo assim fica legível e mesmo que não seja essa a sua finalidade pode simplesmente embelezar a nossa estante depois de lido, o e-book não está presente quando abro os olhos, tenho de abrir "qualquer coisa"!
- 5 nao sei
- 6 nunca li e-book mas prefiro ler em papel, o mesmo me acontece nos jornais por exemplo
- 7 Nunca li um e-book mas sei que qualquer ecran não é livre da libertação de energia que é prejudicial aos nossos olhos. Por outro lado, um e-book deve ser mais fácil de manusear. Mas qualquer documento que encontremos na internet tem as mesmas características...
- 8 livro é sempre um livro
- 9 Mais cansativo
- 10 Não sei
- 11 Não conheço e-book
- 12 Não sei

21. As bibliotecas digitais tornam o acesso à pesquisa mais fácil do que as bibliotecas tradicionais?

- 1 não sei
- 2 Não sei

- 3 Não tenho opinião formada.
- 4 Nunca usei
- 5 depende dos livros.
- 6 Nunca acedi a uma biblioteca digital
- 7 depende
- 8 não sei
- 9 não sei
- 10 nunca fiz pesquisa numa biblioteca digital
- 11 Não sei
- 12 não sei
- 13 Depende da organização da biblioteca
- 14 Não sei
- 15 não sei
- 16 não sei
- 17 Nem facilitam nem dificultam, é igual. Há bases de dados bem feitas e outras nem por isso.
- 18 Não estou dentro do assunto
- 19 Depende da situação
- 20 Quando disponíveis através do catálogo online, a pesquisa é idêntica.
- 21 Depende sempre da vontade dos profissionais que lá trabalham.
- 22 Quando não temos dificuldades de acesso de rede...
- 23 Talvez
- 24 nunca experimentou
- 25 sim, desde que bem implementado o motor de busca
- 26 Depende da organização de ambas
- 27 Ainda não usei
- 28 sim, porque faz pesquisas por palavras enquanto que a biblioteca e por autor
- 29 não sei
- 30 não faço uso

- 31 Deve ser mais fácil efectuar uma qualquer procura em frente ao computador, sem ter de andar e subir escadas procurando por um livro, é certo. Não será, de todo, tão divertido, mas isso são pormenores com pouca ou nenhuma importancia...
- 32 Nunca experimentei, por isso não sei se é mais fácil.
- 33 Não conheço o funcionamento de uma biblioteca digital
- 34 não sei porque nunca tentei
- 35 Sem opinião
- 36 Não sei pq nunca usei
- 37 nao sei
- 38 Não sei
- 39 Não sei.
- 40 Não sei, nunca pesquisei através duma biblioteca digital.
- 41 Não conheço
- 42 NA
- 43 Não sei

22. Qual a sua opinião sobre as bibliotecas digitais?

- 1 As bibliotecas digitais têm potencial para democratizar ainda mais o acesso da leitura, mas ainda precisa passar por um processo de organização e divulgação bem maior
- 2 o futuro
- 3 nunca usei
- 4 --
- 5 boa
- 6 Muito Favorável
- 7 Não tenho nenhuma ideia formulada.
- 8 Permitem um acesso mais rápido e fácil que as bibliotecas tradicionais
- 9 favorável
- 10 São muito boas, ao passo que facilitam a procura por determinados livros e, para além, permitem aceder a papers internacionais e artigos com grande facilidade.
- 11 Nenhuma

- 12 geralmente estão mal organizadas e têm uma oferta de literatura lusófona um bocado limitada
- 13 Nunca usei
- 14 Favorável. Têm futuro. Precisam fazer acordos comerciais com editoras
- 15 No meu caso pessoal, úteis para fins de investigação, quando se procura aceder a partes de um livro.
- 16 Não tenho opinião
- 17 Muito Positiva
- 18 têm um público alvo muito limitado
- 19 Não tenho pois não acedi o suficiente
- 20 Excelente
- 21 ainda incompletas
- 22 Trata-se de um meio privilegiado de acesso à informação
- 23 são úteis
- 24 São um complemento muito importante de investigação
- 25 importantes
- 26 Podem tornar o acesso aos livros mais fácil, evitando os condicionamentos físicos ligados à distância, aos horários, aos funcionários, etc.
- 27 Na minha opinião de facto, é uma existência muito útil, que vai aumentar o conhecimento de muitas obras o que acho muito importante.
- 28 Se forem boas, prestam um óptimo serviço
- 29 úteis
- 30 permitem uma pesquisa rápida
- 31 uma forma prática e rápida de acesso ao material necessário para investigação e estudo
- 32 Não tenho opinião formada
- 33 são muito importantes
- 34 Nenhuma
- 35 Só são úteis se corresponderem aos objectivos a que se destinam: permitir o acesso livre e gratuito a conteúdos de qualidade; texto integral disponível; pesquisa facilitada; design apelativo.
- 36 indiferente

- 37 são úteis e democratizam o acesso ao livro
- 38 Elas facilitam o acesso às obras literárias
- 39 são práticas e acessíveis
- 40 prefiro as em couro e papel
- 41 A grande vantagem das bibliotecas digitais é conseguir manter o formato original dos documentos. Acredito que permite que mais pessoas possam ler livros raros e aumentar os próprios conhecimentos com essas leituras distintas.
- 42 Prático, porém não são completas.
- 43 Acesso fácil e não despendioso.
- 44 São ainda muito restritas e desconhecidas do grande público usuário de internet.
- 45 São ótimas!
- 46 Permitem um acesso mais rápido e em qualquer local.
- 47 Importantes
- 48 Acredito que é uma ótima ferramenta para quem está a fazer um mestrado ou está na carreira científica
- 49 Práticas
- 50 facilitam a vida dos estudantes de cidade pequenas que não tem acesso a grandes bibliotecas
- 51 Acho que podem ser muito úteis, quando o livro ou artigo que procuramos não está disponível na biblioteca tradicional a que temos acesso.
- 52 não tenho opinião formada
- 53 Não tenho opinião formada.
- 54 boa
- 55 A comodidade de ter acesso ao livro sem sair de casa e sem ter o inconveniente de descolar até a biblioteca e o livro não está disponível
- 56 Muito boas
- 57 Acho que é uma boa maneira para divulgar os livros que as bibliotecas têm.
- 58 É mais fácil encontrar um livro. Além disso não precisamos de sair de casa para obter um livro.
- 59 maior capacidade de pesquisa
- 60 Fácil implementação de pesquisa e leitura 24 horas por 365 dias por ano.

- 61 vao facilitar os utilizadores
- 62 Importante
- 63 Úteis e práticas.
- 64 Conceito interessante mas nunca experimentei
- 65 poupamos mais tempo, nomeadamente na requisição dos livros e nas pesquisas
- 66 Podem facilitar bastante a procura de um livro em específico.
- 67 nunca utilizei não tenho opinião
- 68 Melhor acessibilidade
- 69 boa
- 70 Inovação de forma a acompanhar a constante inovação tecnologica
- 71 Não tenho opinião formada.
- 72 Expandem as capacidades de pesquisa ao conteúdo interno do livro, onde as bibliotecas tradicionais apenas permitem a pesquisa por dados genéricos (título, autor, data de publicação). Por outro lado, reduzem as probabilidades de encontrar conteúdos ocasionalmente, uma vez que refinam a pesquisa a um tipo de conteúdos que o utilizador definiu à priori.
- 73 Fácil pesquisa e pode ser mais vasta.
- 74 São um bom recurso.
- 75 precisam de se tornar mais atractivas e ter uma maior oferta de 'literatura'
- 76 são práticas, mas a leitura nos meios digitais não proporcionam o mesmo prazer que nos livros tradicionais.
- 77 Boa
- 78 Não tenho opinião formolada
- 79 Positiva
- 80 maior facilidade de acesso à informação e ao conhecimento
- 81 Prefiro as bibliotecas tradicionais, o contacto com as pessoas o cheiro o ambiente...
- 82 acho que o impacto das bibliotecas digitais é importante. Uma vez que a sua prestação fazx com obtenhamos com maior acessibilidade o livro pretendido.
- 83 n tenho opinião formada
- 84 Vão originar a extinção das bibliotecas tradicionais
- 85 como nunca vi nenhuma nãp tenho opinião formada
- 86 Tornam o conhecimentos de livros mais vasto.

- 87 Acho que são importantes, facilitam o acesso a documentos ao qual o acesso está negado. Também têm o seu quê de importância para evitar o uso de documentos viáveis de se danificarem.
- 88 não tenho
- 89 Penso que as bibliotecas digitais vieram mudar completamente o paradigma das tradicionais, são de fácil e rápido acesso e não temos qualquer problema com a deslocação ao meio físico, pois podemos estar em qualquer lugar, a qualquer hora e aceder à biblioteca digital, basta para isso ter um computador ligado à internet
- 90 Tornam o acesso de obras científicas e livro antigo mais fácil.
- 91 Importante para divulgar e disponibilizar informação, em vários formatos e além fronteiras..
- 92 ok
- 93 mais confortáveis no acesso
- 94 não utilizo
- 95 Informação em qualquer parte e a qualquer hora.
- 96 São o futuro, embora haja algumas coisas a melhorar, nomeadamente o suporte de leitura.
- 97 complexas
- 98 Até esta data não fazem parte dos meus meios preferenciais de leitura, cansam mais os olhos, do que a leitura em suporte de papel, sendo que reconheço que na impossibilidade de aceder ao documento pela distância, o livro digital deve ser o meio, a busca do conhecimento, da informação e da cultura não pode estar limitado, mas continuo a considerar mais agradável o contacto com o livro.
- 99 Apesar de nunca ter utilizado penso que consiste de facilitar o acesso à informação de um modo mais cómodo e ao mesmo tempo dá ao utilizador uma certa autonomia
- 100 O melhor que alguma vez se poderia ter criado :D
- 101 Tornam-se bastante eficazes, na medida em que podemos alcançar os livros de maneira rápida e cómoda. Permite uma maior adesão, porque facilita a procura das obras pretendidas.
- 102 As BD tem como ponto forte disponibilizarem o acesso à informação de uma forma rápida e chegarem a públicos que muitas vezes não frequentam as Bibliotecas.
- 103 permite obter fácil informação
- 104 Muito Práticas. Em qualquer sítio posso aceder a livros que doutra forma seria impossível.
- 105 onde andam elas?

- 106 Podem facilitar em variadas situações, como o acesso facilitado à pesquisa em causa, mas podem não conter toda a informação nem na nossa língua mãe.
- 107 ótima ideia
- 108 Forma fácil de encontrar o que pretendemos
- 109 Excelentes catálogos do que se pode obter e ter acesso, embora considere que há mais prazer em ler um livro com capa e folhas. ;)
- 110 Não tenho opinião formada
- 111 Úteis no sentido de ajudar na procura de informação/ referências bibliográficas. As Bibliotecas digitais não dispensam da ida às Bibliotecas tradicionais.
- 112 Penso que é tudo igual, na verdade talvez haja mais complicações devido aos direitos ou a forma como as pessoas podem ou conseguem ou não aceder à informação.
- 113 Úteis e facilmente compartilháveis.
- 114 não usei, mas será o futuro
- 115 sem opinião formada
- 116 Uma boa alternativa à deslocação a uma biblioteca tradicional, e à partida a tendência que sejam mais completas.
- 117 É mais uma "ferramenta" de acesso ao conhecimento
- 118 De fácil acesso
- 119 muito positiva
- 120 São de fácil e rápido acesso e nunca corremos o risco de ver um livro esgotado.
- 121 Facilitam o acesso à informação, visto que, demoramos pouco tempo aceder e disponibiliza informação 24h por dia.
- 122 São um instrumento útil para a divulgação de publicações digitais em acesso livre
- 123 Devem ter em atenção conceitos como a usabilidade
- 124 Úteis, nomeadamente pela concentração de obras/textos/artigos em diversas áreas do conhecimento. Muitas delas facilitam o acesso gratuito a livros cujo acesso é pago, o que constitui uma mais-valia!
- 125 Tenho que experimentar primeiro
- 126 Importantes para a acessibilidade e pesquisa.
- 127 São úteis para a divulgação e consumo do conhecimento
- 128 -
- 129 fácil acesso

- 130 Não tenho opinião formada
- 131 Lentas, no geral.
- 132 Não sei do que se trata.
- 133 acesso mais cómodo e rápido
- 134 São o substituto possível às bibliotecas tradicionais, entretanto preferíveis
- 135 Não acho particularmente interessante.
- 136 Para quem faz pesquisa bibliográfica, a biblioteca digital é uma excelente ferramenta, que proporciona uma grande comodidade e rapidez na busca dos artigos pretendidos. É extremamente útil.
- 137 são práticas, confortáveis e têm cada vez mais os livros que preciso para fazer trabalhos.
- 138 O benefício está no menor impacto no meio ambiente devido a não utilização do papel, por outro lado leitura constante através de um suporte digital como computadores e ipad comprovadamente agride visão.
- 139 Gosto muito pois além da facilidade elas possibilitam uma abrangência internacional e, conseqüentemente, o acesso a muitas obras originais digitalizadas.
- 140 penso que através delas haverá uma maior facilidade em chegar a determinados livros, no entanto, não tenho grande conhecimento sobre o assunto para poder expressar uma opinião mais elaborada.
- 141 não tenho opinião formada
- 142 úteis
- 143 Penso que serão mais acessíveis aos vários utilizadores, nomeadamente aos que não conseguem deslocar-se a bibliotecas convencionais para procurar livros, quer por falta de disponibilidade quer por falta de condições (bibliotecas não preparadas para deficientes motores por exemplo).
- 144 não tenho
- 145 Úteis
- 146 As bibliotecas digitais são excelentes para a coleta de uma grande quantidade de informações em pouco tempo.
- 147 Não tenho opinião.
- 148 Úteis, de fácil acesso, permite rapidez na pesquisa
- 149 favorável
- 150 Facilitam a procura. Mas como tudo o que está relacionado com as facilidades de execução de tarefas, actuam como um "inibidor social". Um dia será possível fazer tudo sem

sair de casa. Não é necessariamente uma coisa boa. Mas não é a isso que se está a tentar responder aqui. Para o efeito para o qual elas foram feitas, cumprem o seu papel na perfeição.

151 Não tenho opinião formada.

152 Deviam possuir muito mais títulos de forma livre.

153 não tenho uma opinião muito bem formada, uma vez que nunca acedi a uma.

154 Penso que estas bibliotecas facilitam a pesquisa, quando disponibilizam os texto, em algum sentido facilita a vida do leitor.

155 boa

156 As bibliotecas digitais proporcionam uma maior facilidade na procura da obra desejada e podemos fazê-lo em qualquer lugar com acesso à internet. Por isso acho que o futuro passará por utilizar cada vez mais este tipo de plataformas digitais.

157 não teho opinião formada, uma vez que, nunca utilizei nenhuma

158 Tornam o acesso aos livros mais fácil e rápido, de uma forma mais confortável

159 Não tenho opinião formada

160 São uma excelente forma de acesso a informações

161 Facilidade no acesso às obras

162 obra está sempre disponível. digital tem uso ilimitado. posso fazer uma cópia pessoal do ficheiro. posso redistribuir o ficheiro.

163 Vieram para ficar, eles democratização o acesso as publicações, que anteriormente, devido as questões geográficas etc não eram acessíveis.

164 positiva

165 Não tenho uma opinião formada sobre o assunto

166 Necessárias. Evolução. Futuro.

167 são mais práticas

168 é melhor

169 Excelente ferramenta para aceder a livros de forma simples e rápida.

170 ainda não sei

171 Acho dispensável. São uma desvalorização dos livros tradicionais.

172 Não tenho opinião

173 Úteis, rápidas e na maioria das vezes confiáveis

174 Não tenho opnião formada, mas parecem-me uma mais valia e deveria usa-las mais.

- 175 Não tenho opinião formada.
- 176 Sempre disponível
- 177 Muito útil, prático e comodo
- 178 Não tenho, uma vez que nunca fiz uso duma.
- 179 utilidade doméstica, não preciso enfrentar o transito, me preocupar com o tempo e nem com os horários da bibliotecária.
- 180 Não tenho opinião formada.
- 181 Em casa podemos ler
- 182 Sobre o Google Books e sobre a biblioteca da Amazon, muito boas e completas.
- 183 Serão importantes quando houver leitores de e-books cómodos e acessíveis,
- 184 Positiva
- 185 è mais fácil encontrar um livro
- 186 Boa
- 187 Ainda não tenho opinião formada
- 188 Bom
- 189 burocraticas
- 190 Facilitam o acesso, perde-se menos tempo.
- 191 Penso que, para uma pesquisa urgente, tornam-se mais acessíveis, mas nem sempre as bibliografias pretendidas estão disponíveis.
- 192 uma ferramenta importante para a pesquisa e acesso a conteúdos
- 193 Universalizam o conhecimento
- 194 gosto

23. Qual plataforma digital (biblioteca online; livrarias; sites) costuma utilizar para ter acesso a livros digitais:

- 1 nenhuma
- 2 na
- 3 Nenhuma em específico
- 4 Não uso nenhuma
- 5 scribd

- 6 Scribd
- 7 pesquisa livre
- 8 Instituto Camões
- 9 Classica Digitalia-Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra
- 10 questia.com
- 11 torrent
- 12 Domínio Público
- 13 scribd.com
- 14 b-on
- 15 android aldiko
- 16 europeana
- 17 Recorro a livrarias digitais, mas para encomendar livros em papel
- 18 Europeana, Almamater, BND
- 19 UC
- 20 uso um motor de busca para encontrar os documentos
- 21 p2p ou websites comunitários
- 22 JStor
- 23 Universidade
- 24 b-on
- 25 B-On
- 26 B-On e PUCRS On line
- 27 wook
- 28 be-on
- 29 Nenhuma
- 30 não utilizo
- 31 torrents
- 32 download em blogs
- 33 l'harmattan
- 34 Onde calha

- 35 **ibuk**
- 36 **Nunca utilizei**
- 37 **Download de outros**
- 38 **B-On**

Referências Bibliografias

- Almeida, J. M. (outubro de 2005). *Breve história da INTERNET*. Acesso em 1 de junho de 2010, disponível em Repositorium UMinho:
<http://piano.dsi.uminho.pt/museuv/INTERNET.PDF>
- Almeida, J. M. (outubro de 2005). *Universidade do Minho. Departamento de Sistemas de Informação*. Acesso em 10 de junho de 2010, disponível em Museu Virtual de Informática - <http://www.dsi.uminho.pt/museuv/>:
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3396/1/INTERNET.pdf>
- Andrade, J. P. (14 de setembro de 2008). *Scribd*. Acesso em 6 de junho de 2010, disponível em Scribd: <http://www.scribd.com/doc/6003031/Cronica-FInf3>
- Armstrong, C. (2008). Books in a virtual world: The evolution of the e-book and its lexicon. *Journal of Librarianship and Information Science*, 40/3.
- Blasco Martínez, R. M. (2011). Escritura, tecnologías y sociedade de la información . *Conferencia en la festividad de San Isidoro*. Cantabria : Universidad de Cantabria. Servicio de Publicaciones.
- Borges, M. M. (2002). De Alexandria a Xanadu. In: M. M. Borges, *De Alexandria a Xanadu*. Coimbra: Quarteto.
- Bottentuit Junior, J. B., & Coutinho, C. P. (Julho de 2007). *A problemática dos e-books: um contributo para o estado da arte*. Acesso em 1 de junho de 2010, disponível em Repositorium UMinho:
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6717/1/book.pdf>
- Bragança, A. (1-5 de Setembro de 2002). *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Acesso em 22 de Abril de 2011, disponível em INTERCOM:
http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18738/1/2002_NP4braganca.pdf
- Briggs, A., & Burke, P. (2005). *De Gutenberg a Internet: una historia social de los medios de comunicación*. Madrid: Taurus.
- Caldeira, C. (outubro de 2002). *Universidade de São Paulo*. Acesso em 04 de junho de 2010, disponível em Site Universidade de São Paulo:
<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0>
varia
- Campomar, M. C. (1991). Do uso do "estudo de caso" em pesquisas para dissertação e teses em administração . *Revista de Administração* , 95-97.
- Cardoso, G. (2007). *A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias*. Rio de Janeiro: FGV.

- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede - vol. 1*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2004). *A galáxia Internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2004). *A Galáxia Internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M., & Cardoso, G. (2005). A Sociedade em Rede: Do conhecimento à acção política . *Conferência promovida pelo Presidente da República* (pp. 09-31). Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda .
- Cordón Garcia, J. A., & Arévalo Alonso, J. (2010). El libro electrónico en el ecosistema de información. *Ciencias de la informacion*, 58-68.
- Cordón Garcia, J. A., Díaz Gómez, R., & Arévalo Alonso, J. (2011). *Gutenberg 2.0 - La revolucion de los libros electrónicos*. Gijón: Trea.
- Darnton, R. (05 de agosto de 2010). Google não entende os livros, diz historiador Robert Darnton. (J. Monteleone, Entrevistador)
- Dias, C. A. (dezembro de 1999). *Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais*. Acesso em 2 de junho de 2010, disponível em Scielo:
<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v28n3/v28n3a4.pdf>
- Feather, J. (1996). *The information society : a study of continuity and change*. London: Library Association.
- Freire, P. (2001). A importância do ato de ler. In: P. Freire, *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez.
- Furtado, J. A. (2007). *El papel y el píxel - De lo impreso a lo digital: continuidades y transformaciones*. Gijón: Trea.
- Furtado, J. A. (2008). *A edição de livros e a gestão estratégica* . Lisboa: Booktailors.
- Gottardi, A. M. (2007). *A crônica na mídia impressa*. São Paulo: Arte e Ciência .
- Levy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: 34.
- Lopes, P. C. (2010). *A crónica (nos jornais): O que foi? O que é?* Acesso em junho de 3 de 2010, disponível em BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação:
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-cronica-lopes.pdf>
- Martins, C. P., & Silva, J. A. (24 de julho de 2009). *FOLHETIM: DOS PAPÉIS IMPRESSOS ÀS PÁGINAS ELETRÔNICAS*. Acesso em 2 de junho de 2, disponível em Congresso de Leitura do Brasil:
http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem17/COLE_3716.pdf
- Martins, J. M. (1999). *Marketing do livro – Materiais para uma sociologia do editor português*. Oeiras: Celta.
- Mcluhan, M. (2002). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix.

- Osuna Alarcón, M. R. (en prensa). La Sociedad de la Información. Análisis, componentes, actores. In: J. L. Yepes, & M. R. Osuna Alarcón, *Manual de Ciencias de la Información y la Documentación*. Madrid: Piramide.
- Portela, M. (Maio de 2003). *Hipertexto como metalibro*. Acesso em Maio de 2010, disponível em Cibernescopio: http://www.cibernescopio.net/artigos/tema2/clit_05.pdf
- Portela, M. (maio de 2003). *Hipertexto como metalibro*. Acesso em 20 de maio de 2010, disponível em Cibernescopio: http://www.cibernescopio.net/artigos/tema2/clit_05.pdf
- Rosseti, R., & Vargas, H. (Julho de 2006). *A recriação da realidade na crônica*. Acesso em 03 de Junho de 2010, disponível em UNIrevista: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_RossettiVargas.pdf
- Rowlands, I., Nicholas, D., Jamali, H. R., & Huntington, P. (2007). *What do faculty and students really think about?* Acesso em 15 de agosto de 2011, disponível em CIBER - University College of London: <http://www.homepages.ucl.ac.uk/~uczciro/findings.pdf>
- Schneider, C. I. (2008). *Faculdade Assis Gurgacz*. Acesso em 1 de Junho de 2010, disponível em Advérbio: http://www.fag.edu.br/adverbio/v5/artigos/cronica_jornalistica.pdf
- Teixeira, T. (2002). *A crônica política no Brasil -um estudo das características e dos aspectos históricos a partir da obra de Machado de Assis, Carlos Heitor Cony e Luis Fernando Veríssimo*. Acesso em 1 de junho de 2010, disponível em Biblioteca Online de Ciências da Comunicação : <http://bocc.ubi.pt/pag/teixeira-tattiana-cronica-politica-Brasil.pdf>
- Tuzino, Y. M. (s.d.). *Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura*.
- Vasileiou, M., & Rowley, J. (2 de Maio de 2008). Progressing the definition of “e-book”. *Emerald Insight*, pp. 355-368.

Índice de Figuras

Figura 1 - Itens publicados em cada ano de acordo com a ISI (Web of Knowledge)	26
Figura 2 - Citações em cada ano de acordo com a ISI (Web of Knowledge)	26
Figura 3 - Acessos à Internet (Nº); Anual	43
Figura 4 - Página Principal da Harlequin	50
Figura 5 - Página Principal da Babel	51
Figura 6 - Imagem Principal da MediaBooks	52
Figura 7 - Imagem Principal da Leya – Universia.....	53
Figura 8 - Imagem Principal da Wook	54
Figura 9 - Página Principal da Bertrand	55
Figura 10 - Página Principal da Amazon	58
Figura 11 - Página Principal da Google E-books	59
Figura 12 - Página Principal da Bubok.....	61
Figura 13 - Página Principal da Projecto Gutenberg - PT	62
Figura 14 - Prateleira de Livros Portugueses do Projecto Gutenberg.....	63
Figura 15 - Estrutura do Inquérito.....	72

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Características dos livros electrónicos frente aos livros impressos	25
Tabela 2 - Vantagens e Desvantagens da tinta electrónica	30
Tabela 3 - Objetivos de utilização da internet, por gerações informacionais em Portugal (%) ..	44
Tabela 4 - Cadeia do Livro	46
Tabela 5- Lista de departamentos das faculdades selecionadas	68
Tabela 6 - Número de estudantes matriculados nas faculdades selecionadas	68
Tabela 7 - Número de professores nas faculdades selecionadas	69
Tabela 8 - Número de bibliotecários nas faculdades selecionadas	69
Tabela 9 - Estatísticas do Questionário	73
Tabela 10 – Idade	74
Tabela 11 – Género	74
Tabela 12 – Profissão	74
Tabela 13 - Taxas de Respostas Válidas por Grupo.....	75
Tabela 14 - Faculdades Selecionadas	75
Tabela 15 – Cursos	76
Tabela 16 - Tempo destinado ao uso da Internet	77
Tabela 17 - Objetivos para a utilização da Internet	78
Tabela 18 - Leitura de livros electrónicos	79
Tabela 19 - Objetivos para a leitura de um e-book.....	79
Tabela 20 - Preferência de leitura	80
Tabela 21 - Realização da descarga de livros via Internet	80
Tabela 22 -Uso de dispositivos electrónicos para leitura.....	81
Tabela 23 - Dispositivos electrónicos utilizados para leitura	82
Tabela 24 - Interesse em adquirir um dispositivo para leitura	82
Tabela 25 - Motivações ou desmotivações para aquisição de um dispositivo para leitura.....	83
Tabela 26 - Diferenças no momento da leitura	84
Tabela 27 - Dificuldades em ler livros em suportes digitais.....	85
Tabela 28 - Grau de concordância com afirmações relativas aos suportes digitais e livros electrónicos.....	86
Tabela 29 - Grau de concordância com afirmações relativas à literatura lusófona	87
Tabela 30 - Acesso a uma biblioteca digital	89
Tabela 31 - Realização de descarga por meio de uma biblioteca digital	89
Tabela 32 - Bibliotecas digitais como facilitadoras para a pesquisa	90
Tabela 33- Opiniões sobre as bibliotecas digitais como facilitadoras para a pesquisa.....	90
Tabela 34 - Opiniões sobre as bibliotecas digitais	91
Tabela 35 - Plataformas digitais utilizadas para o acesso a livros digitais	92
Tabela 36- Plataformas digitais indicadas na pesquisa	93